

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Heitor Levy Ferreira Praça**

Criação de Unidades de Conservação e Modernização no Meio Rural: o caso do entorno do  
Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais

Rio de Janeiro

2009

**Heitor Levy Ferreira Praça**

Criação de Unidades de Conservação e Modernização no Meio Rural: o caso do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (Planejamento e Ordenamento Territorial), Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Scott William Hoefle

Rio de Janeiro

2009

**Heitor Levy Ferreira Praça**

Criação de Unidades de Conservação e Modernização no Meio Rural: o caso do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (Planejamento e Ordenamento Territorial), Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Prof. Dr. Scott Willian Hoefle (Orientador) – IGEO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Pós-Doc. Ana Maria de Souza Mello Bicalho – IGEO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Maria Lima Daou – IGEO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Giralda Seyferth – Museu Nacional/UFRJ

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de pesquisa não teria sido realizado tal como se lhes apresenta a seguir sem a valorosa contribuição de uma série de pessoas, e nos mais diversos aspectos: desde a leitura e comentários sobre os originais, até o auxílio para consertar o fusca 74 durante os trabalhos de campo. Agradeço então primeiramente à minha família e amigos por tornar minha existência sempre mais agradável, facilitando assim, as tarefas que me cabem realizar. Agradeço também à minha namorada Winny Choe, por todo o amor e pela tremenda paciência, sobretudo nos momentos finais deste trabalho. À Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela oportunidade de cursar o Mestrado em Geografia. À Capes, pelas bolsas concedidas. Ao IEF-MG por todo o apoio material e informacional, e em especial aos funcionários do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, desde o faxineiro ao gerente, pelo auxílio prestado e pela amizade construída nos períodos em que estive por lá. À equipe do projeto Montanhas de Muriquis, pelas valiosas informações concedidas e pela companhia na Serra do Brigadeiro. A todos os moradores do entorno do PESB entrevistados, pela sua disponibilidade em me receber tão cordialmente e pelos imprescindíveis relatos. À equipe do CTA-ZM, por todo o apoio, gentilmente concedido. À Felipe Antunes de Oliveira, grande amigo, pela minuciosa revisão do texto, que tornou-o muito mais agradável, tanto para mim quanto para os eventuais leitores. Ao colega Gustavo Motta e à equipe do Geocart UFRJ, pelo auxílio na confecção de alguns dos mapas. Por fim, agradeço a meu orientador Scott W. Hoefle, pelos sábios conselhos e por sua paciência; e à banca examinadora, composta pelas professoras, Giralda Seyferth, Ana Maria Daou, e Ana Maria Bicalho, por ter lido atentamente este trabalho e por ter se dedicado a comentá-lo de maneira a contribuir com sua melhoria em termos técnicos e de formatação.

### **Lista de Siglas:**

**CECO** – Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental

**CEDRS** – Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável

**CMDRS** – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável

**CPT** – Comissão Pastoral da Terra

**CTA-ZM** – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de Minas Gerais

**DPE/UFV** – Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa

**DRP** – Diagnóstico Rural Participativo

**EED** – Associação Evangélica de Cooperação e Desenvolvimento (Holanda)

**EFA** – Escola Família Agrícola

**EIV** – Estágio Interdisciplinar de Vivência

**EMATER** – Empresa Mineira de Assistência Técnica e Extensão Rural

**EPAMIG** - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

**FETAEMG/ZM** – Federação Estadual dos Trabalhadores da Agricultura da Zona da Mata

**GPS** – *Global Position System*

**GTZ** – *Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit GmbH* - Cooperação Técnica Alemã

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IEF-MG** – Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais

**MDA** – Ministério do Desenvolvimento Agrário

**ONG** – Organização não-governamental

**OSCIP** – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

**PESB** – Parque Estadual da Serra do Brigadeiro

**PRONAF** – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

**PRONAT** – Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais

**PTDRS** – Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável

**SDT** – Secretaria de Desenvolvimento Territorial

**SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

**STR** – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

**U.C.** – Unidade de Conservação

**UEMG** – Universidade do Estado de Minas Gerais

**UFV** – Universidade Federal de Viçosa

## **Lista de Figuras:**

**Figura 1:** Localização do PESB (polígono verde) em relação aos municípios do entorno **p. 21**

**Figura 2:** Troncos de árvores retiradas na Serra do Brigadeiro na década de 1960. \_\_\_\_\_ **p. 68**

**Figura 3:** Antiga Serraria instalada na Serra do Brigadeiro. \_\_\_\_\_ **p. 69**

**Figura 4:** Vista parcial do PESB nos dias atuais. \_\_\_\_\_ **p. 72**

**Figura 5:** Ermida Antônio Martins e, ao fundo, vista da vertente leste da serra. \_\_\_\_\_ **p. 73**

**Figura 6:** Agricultor em frente à sua casa, na Serra do Sapé, da qual se pretende, em função de seu estilo “de fazenda”, fazer uma pousada. \_\_\_\_\_ **p. 78**

**Figura 7:** Sede da pousada, cozinheira (moradora da comunidade) e cachoeira para uso dos hóspedes, dentro da propriedade. \_\_\_\_\_ **p. 79**

**Figura 8:** Placas da “Cachoeira do Piu”, com o patrocínio de empresas do município de Viçosa, de onde vem grande parte dos turistas. \_\_\_\_\_ **p. 82**

**Figura 9:** Placa indicando a direção da “Cachoeira do Adão”, e área destinada à montagem das barracas de camping nesta cachoeira. \_\_\_\_\_ **p. 83**

**Figura 10:** Bar no “Camping do S. Dico” – comunidade do Córrego do Boné; e o próprio S. Dico exibindo o certificado de sua terceira colocação no concurso de café de qualidade. \_\_\_\_\_ **p. 85**

**Figura 11:** Portaria do PESB na estrada de acesso via comunidade da Serra das Cabeças, Araçuaia. \_\_\_\_\_ **p. 87**

**Figura 12:** Curso de produção de plantas ornamentais destinadas para venda a turistas, promovido pela EPAMIG na comunidade da Serra do Sapé, município de Miradouro. **p. 101**

**Figura 13:** Placa de inauguração da casa de Cultura e a sede, no município de Araçuaia, ambos adquiridos no âmbito do PRONAT. \_\_\_\_\_ **p. 103**

## **Lista de Mapas:**

**Mapa 1:** Mesorregiões do estado de Minas Gerais segundo a classificação da Fundação João Pinheiro, de 1996. \_\_\_\_\_ **p. 18**

**Mapa 2:** Localização do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (representado pelo polígono verde), situado no Leste do Estado de Minas Gerais, na divisa entre as microrregiões de Viçosa, Muriaé, Manhuaçu e Ponte Nova. \_\_\_\_\_ **p. 19**

**Mapa 3:** Localização dos principais centros aos quais está relacionada a cidade de Araponga. \_\_\_\_\_ **p. 22**

**Mapa 4:** Área proposta para a criação do PESB (polígono verde claro) e área do PESB quando de sua criação (polígono verde escuro). \_\_\_\_\_ **p. 57**

**Mapa 5:** Zoneamento do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. \_\_\_\_\_ **p. 63**

**Lista de Tabelas:**

**Tabela 1** - Participação dos municípios, em termos de área, na composição do PESB, quando de sua criação. \_\_\_\_\_ **p. 20**

**Tabela 2:** Número de entrevistados e gênero dos mesmos, por comunidade e por município \_\_\_\_\_ **p. 29**

**Tabela 3:** Atividade Econômica dos Entrevistados \_\_\_\_\_ **p. 65/66**

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – PESB, localizado na porção sudeste do estado de Minas Gerais, e suas implicações na vida da população residente em seu entorno. O objetivo primeiro deste estudo é compreender as transformações sócio-espaciais decorrentes da criação do parque e isto é feito por meio da compreensão das mudanças na relação da população com a atual área do parque, e nas relações sociais no âmbito de suas comunidades. A partir de uma análise teórica com base nos conceitos de território, modernização e campesinato – este último por se tratar, no caso abordado, de uma zona rural – a interpretação das relações sócio-espaciais no entorno da Serra do Brigadeiro e de seu câmbio nas últimas décadas (sobretudo em termos de atividade profissional, relação com o aparato de Estado e infra-estrutura de transporte) apresenta o advento do PESB não como o marco zero da progressiva retirada das relações sociais de contextos localizados para inseri-los em circuitos mais amplos, mas como a faceta renovada deste processo, que se iniciara cerca de quarenta anos antes quando na serra instalou-se a Cia. Belgo-Mineira para dali retirar o carvão de que necessitava, e se arrefecera com o embargo da atividade desta empresa em função do desmatamento por ela causado. A complexificação das relações sócio-espaciais é então tornada evidente por meio do aumento considerável da circulação de pessoas, informações e dinheiro nestas comunidades. Assim este estudo traz, por fim, importantes reflexões acerca do papel das Unidades de Conservação da Natureza como uma das forças motrizes – a principal delas é, certamente, o chamado agronegócio – do atual processo de modernização da vida no meio rural.

## **ABSTRACT**

The work here presented is an study on creation of the Serra do Brigadeiro State Park – PESB (abbreviation in Portuguese), located at the Southeast portion of the Minas Gerais State, and their consequences to the life of its surrounding population. The main objective of this study is to comprehend the socio-spatial transformations due to the park creation, which is done by comprehending the changes in the relationships established by the population with the area that now is park, and in the social relations in the range of theirs communities. From a theoretical analysis based on the concepts of territory, modernization and peasantry – the last one because we are dealing with, in the approached case, a rural zone – the interpretation of the socio-spatial relationships in the Brigadeiro's Mountain Range surrounding, and of its changes in the last decades (mostly in terms of professional activity, relations with the State apparatus and transport infrastructure), presents the park advent not as the zero milestone of the progressive social relations withdrawing from localized contexts, to insert them in wider circuits, but as the renewed facet of this process, that had begun about forty years before, when the Belgo-Mineira Company came to the mountain range to make the coal it needs, and which had become weak when the Company activity was prohibited due to the damages caused to the natural environment. The process of socio-spatial relations becoming more complex is then evidenced through the increase of the people, information and money circulating in these communities. Then this study brings, eventually, important reflections on the Nature Conservancy Units role as one motive force – the principal of them is, no doubt, the called agribusiness – of the current process of rural life modernization.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 ÁREA DE ESTUDO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>3 QUADRO TEÓRICO .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 O PESB COMO “TERRITÓRIO” E COMO “TERRITORIALIZAÇÃO” .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 MODERNIDADE E MODERNIZAÇÃO DO CAMPESINATO .....</b>	<b>35</b>
3.2.1 <i>Modernidade.....</i>	36
3.2.2 <i>Modernização do Campesinato .....</i>	40
<b>4 O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 A ZONA DA MATA.....</b>	<b>45</b>
<b>4.2 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA ZONA DA MATA.....</b>	<b>47</b>
<b>4.3 CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS DA MESORREGIÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>4.4 A CRIAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO .....</b>	<b>53</b>
<b>4.5 O PESB E SEU ENTORNO .....</b>	<b>57</b>
<b>5 A VIDA NO ENTORNO DA SERRA E NO ENTORNO DO PARQUE.....</b>	<b>65</b>
<b>5.1 A VIDA NO ENTORNO DA SERRA.....</b>	<b>67</b>
5.1.1 – <i>O “tempo” da Belgo-Mineira.....</i>	67
5.1.2 – <i>Depois que ela se foi.....</i>	71
<b>5.2 A VIDA NO ENTORNO DO PESB .....</b>	<b>75</b>
<b>6 AÇÕES INSTITUCIONAIS NO ENTORNO DO PESB.....</b>	<b>89</b>
<b>6.1 O TRABALHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENTORNO DO PESB .....</b>	<b>90</b>
<b>6.2 O PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DA SERRA DO BRIGADEIRO – PTDRS .....</b>	<b>95</b>
6.2.1 – <i>Processo de constituição do Território da Serra do Brigadeiro .....</i>	97
6.2.2 – <i>Ações desenvolvidas no contexto do PRONAT na serra do brigadeiro .....</i>	100
<b>6.3 AÇÕES INSTITUCIONAIS: NOVOS FLUXOS NO ENTORNO DO PESB.....</b>	<b>103</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>106</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>114</b>

## 1 Apresentação

Em 2004 estive pela primeira vez no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro - PESB. Encontrava-me então cursando a graduação na cidade de Viçosa, também em Minas Gerais, e havia ingressado como estagiário num diagnóstico participativo do entorno<sup>1</sup> do parque, realizado por uma ONG em parceria com o Estado. Este diagnóstico fazia parte do processo de implantação de uma política pública de desenvolvimento<sup>2</sup> dos municípios do entorno e fora aprovado para aquele conjunto de municípios em função de um “elemento aglutinador”: o PESB.

Se, à época, eu já enxergasse a criação do parque tal como faço hoje, esta primeira incursão seria suficiente para a concepção desta pesquisa. Contudo havia o deslumbre do primeiro estágio, do trabalho com o almejado tema das Unidades de Conservação, do lugar desconhecido; e uma imensa lacuna teórica, que não me permitia sequer reconhecer as ferramentas disponíveis para a resolução da questão.

Houve então muitas outras visitas. A maior parte das quais feitas a trabalho, sendo as outras para o desfrute turístico. Indo além das visitas, o parque e seu entorno passaram, aos poucos, a se fazer presentes em minhas preocupações mesmo quando eu não estava lá. Grande parte de minhas ocupações acadêmicas depois deste primeiro estágio, estavam por um lado relacionadas à Serra do Brigadeiro e entorno, devido à inserção no projeto de sistematização participativa do processo de criação e implantação do PESB, ao longo de todo o ano de 2005; e por outro aos pequenos agricultores da zona da mata de Minas Gerais, através da realização e posterior organização do Estágio Interdisciplinar de Vivência - EIV<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Este termo é amplamente utilizado nos documentos e trabalhos acadêmicos referentes ao PESB e designa os oito municípios contíguos à área do parque estadual, ou a parte dos mesmos abordada no trabalho em questão.

<sup>2</sup> Refiro-me à política iniciada em 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial, o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT.

<sup>3</sup> O EIV é um projeto que vem sendo desenvolvido há dez anos na Universidade Federal de Viçosa. Ele é construído em parcerias por estudantes de graduação, professores, lideranças de sindicatos de trabalhadores rurais e de movimentos sociais, e busca aproximar pequenos agricultores da universidade através de vivências (de 13 dias) realizadas pelos estudantes nas casas dos agricultores.

Além disso, todos estes trabalhos contavam com a participação, em maior ou menor grau, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), organização não-governamental, com sede em Viçosa, que desenvolve projetos de desenvolvimento agroecológico junto aos pequenos agricultores da região. As relações estabelecidas entre o CTA e diversos dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR's) da zona da mata são bastante intensas e, por estar ali, pude aproveitar a oportunidade para me acercar dos temas debatidos, das soluções propostas, e das limitações enfrentadas.

Próximo desta área como eu estava, era impossível ignorar as mudanças causadas pela criação do parque, bem como esquivar-se dos debates relativos a elas. Como na maioria dos casos de criação de unidades de conservação, havia tensões, conflitos, mas também esperança e oportunidades. Numa só palavra: transformação.

A criação do parque desencadeara (ou intensificara) um processo de transformação da realidade vivida naquelas serras, tanto nos termos mais óbvios e materiais, quanto da maneira mais sutil e subjetiva possível. As relações sociais que ali se desenrolavam passaram a estar conectadas a outras, as quais até então não se haviam feito presentes, e a transformar-se em sua natureza, tanto umas quanto as outras.

Foi então por meio do estabelecimento destas relações que advieram as motivações que deram origem ao presente trabalho. Ele se desenvolve então a partir da formulação da questão que guia a pesquisa, seguida por uma apresentação da área onde se realizou o estudo de caso que nos serve de base empírica, e da exposição da metodologia utilizada em sua realização (capítulo 2).

No capítulo seguinte (terceiro), se encontra a reflexão sobre os conceitos com os quais se aborda o problema formulado. É aí que se procura esclarecer o sentido dado aos termos fundamentais da investigação, quais sejam, o *território*, a *modernidade/modernização*, e o *campesinato*. No quarto capítulo há, com o intuito de contextualizar geograficamente a área

estudada, uma explanação sobre as características do meio natural, sobre o processo de ocupação da mesorregião em que se insere o PESB, e sobre suas características econômicas à época do primeiro recorte temporal desta pesquisa. Ainda neste capítulo é abordado o processo de criação do PESB e algumas das implicações legais deste ato para a área tornada parque e seu entorno.

Nos capítulos quinto e sexto é que se encontram as análises sobre o processo de modernização sócio-espacial. Primeiramente numa escala mais localizada, a partir de dados obtidos por meio de entrevistas com moradores de quatro comunidades no entorno do PESB (capítulo quinto). E, em seguida, numa escala um tanto mais abrangente, por meio da análise de alguns dos projetos desenvolvidos por instituições do Estado e da sociedade civil no entorno do parque, e em grande medida, em função da criação do mesmo. No capítulo derradeiro se encontram então as considerações finais sobre as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa.

## 2 Introdução

### 2.1 Formulação do Problema

A criação de áreas de proteção ambiental já não nos permite centrar apenas na questão da conservação da natureza, mantendo-nos assim alheios às discussões teóricas sobre a relação entre poder público e populações rurais. O poder público, “grande interventor da organização territorial das unidades de conservação, planificando e regulando as atividades em seu interior” (VALLEJO, 2002, p.10), tem sido criticado por, com base no “mito moderno da natureza intocada” (DIEGUES, 2001), promover o isolamento de áreas, o deslocamento de populações e a restrição de suas possibilidades de uso dos recursos, comprometendo por vezes a própria conservação da biodiversidade.

No caso deste trabalho pretende-se tomar distância deste debate entre preservacionistas e conservacionistas<sup>4</sup> (e dos julgamentos sobre qual o tipo de cuidado mais adequado), pois tal exercício nos tiraria o foco. Não se pretende aferir sobre a questão da eficiência destes espaços em relação aos objetivos de proteção da natureza. Trata-se de reconhecer nestas relações entre o poder público<sup>5</sup> e as populações rurais um processo de transformação do espaço e do modo de vida, e de tentar compreendê-lo enfatizando o papel desempenhado pela produção de um território (a unidade de conservação) neste processo. Como bem colocado por West: “áreas protegidas interessam porque elas são um modo de ver, entender, e (re)produzir o mundo. Como tal, são ricos sítios de produção e de interação social” (et al. 2006, p.252) (traduzido aqui).

---

<sup>4</sup> Existe, no movimento ambientalista, uma distinção entre estes termos a qual procuraremos respeitar. A preservação pressupõe o isolamento das áreas naturais em relação aos seres humanos, enquanto a conservação supõe um convívio equilibrado entre sociedade e ambientes naturais. Quando esta questão não estiver colocada, faz-se aqui o uso do termo conservação, por ser este aquele que legalmente designa (unidades de conservação) estas áreas protegidas.

<sup>5</sup> No entanto, por não conceber o Estado como uma entidade independente com vontade própria, e sim como um campo de disputa entre diversos grupos sociais, a análise de casos específicos de criação de áreas protegidas deve considerar a orientação predominantemente preservacionista ou conservacionista dada ao processo, uma vez que as relações estabelecidas com as populações locais serão distintas.

Segundo Vallejo (2002, p.10),

essa forma de intervenção estatal na criação de espaços (ou territórios) protegidos, também foi responsável pelo processo de desterritorialização de vários grupamentos sociais, tradicionais ou não, que lá viviam antes da criação das unidades de conservação.

Muito facilmente se associa o efeito desterritorializante a que Vallejo se refere à remoção física<sup>6</sup> e reassentamento destas populações, mas pretende-se aqui focar o efeito desterritorializante e re-territorializante do discurso que sustenta a implantação dos territórios protegidos, e da própria prática de conservação, sobre a cultura de populações não-removidas.

Haesbaert (2004) já havia apontado este caráter desterritorializador da ação do Estado (bem como sua atuação tanto na esfera objetiva quanto subjetiva), em Deleuze e Guattari. Para estes últimos, a criação do Estado e a dinâmica do capitalismo operam, primeiramente, através de uma desterritorialização das populações locais, seguida por uma sobrecodificação, pela qual eles se territorializam.

eles afirmam que as sociedades capitalistas modernas possuem uma segmentaridade dura, onde a organização social é sobrecodificada por um aparelho (...) do poder, (...) que desterritorializa e disciplinariza os corpos. (HAESBAERT, 2004, p. 135)

Não se pretende aqui discutir a ampla concepção de territorialização destes autores, nem tampouco julgar o caráter da ação estatal, mas apenas trazer a seguinte perspectiva para o debate da criação e implantação de unidades de conservação: na medida em que o Estado é o principal agente nestes processos (através de um corpo técnico-científico), mas não o único pois os empreendimentos turísticos estão intrinsecamente relacionados às áreas de proteção da natureza (WEST et al., 2006), pode-se entender que estas ações, amparadas por razões conservacionistas, desorganizam determinadas estruturas sociais das populações rurais para

---

<sup>6</sup> Cabe lembrar que a remoção física não ocorre quando a área protegida encaixa-se na categoria de Reserva Indígena, Reserva de Desenvolvimento Sustentável ou Reserva Extrativista.

reorganizá-las com base em parâmetros políticos e econômicos modernos (estatal, técnico-científico, capitalista).

Assume-se aqui a **tese** de que, a despeito do caráter mais ou menos preservacionista do processo de criação destas áreas, sua realização nos marcos institucionais do Estado-nação capitalista significa um processo de modernização do espaço ocupado pelo parque e entorno e, conseqüentemente, da cultura das populações rurais.

Assim apresentado o problema, esta pesquisa pode ser vista como uma tentativa de atender à importante demanda social e acadêmica apontada por West (2006, p.364):

Gostaríamos de ver mais análises dos modos pelos quais as áreas protegidas produzem espaço tanto através do discurso, (...), quanto materialmente. (...) Como essas produções de espaço alteram as relações sociais das pessoas com o que as cerca? Como elas alteram o modo como as pessoas usam e dão sentido ao que as cerca? (et al., 2006, p.364) (traduzido aqui)

Ao criar uma área protegida se está dando outro significado para uma porção do espaço que, até então, fora pensada pelas pessoas que nela residem (ou residiram) e que dela fazem uso, de maneira deveras distinta. Esta resignificação vem acompanhada de transformações materiais bastante evidentes, indo desde a imposição das fronteiras da área protegida, passando pela implantação ou melhoria de infra-estrutura (tanto no interior da área quanto em seu entorno), até a presença de pessoas e de dinheiro, os quais sem a existência do parque não estariam ali.

Contudo, à pergunta formulada por West acrescento alguns elementos especificadores, trazidos pelas ferramentas conceituais com as quais decidi enfrentá-la. Assim, as áreas protegidas são vistas como territórios, a produção do espaço é vista como desterritorialização e reterritorialização, e as pessoas como camponeses em relação com o poder central (Estado, cidade).

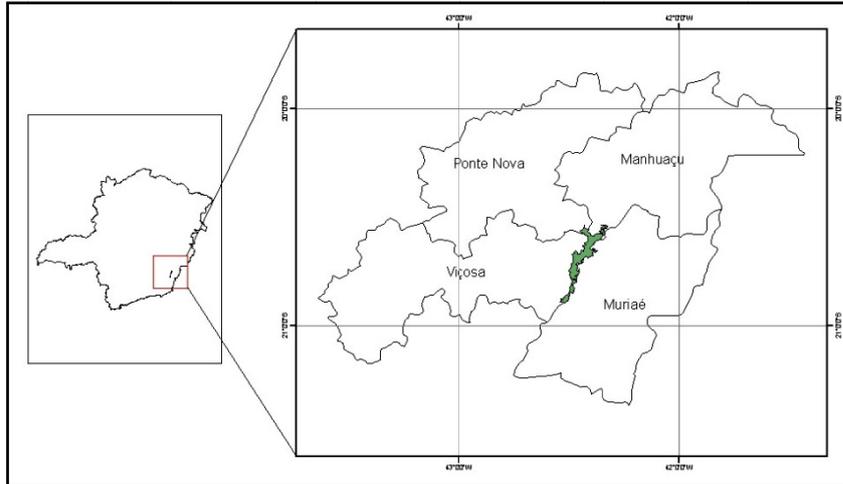
## 2.2 Área de Estudo

O caso empírico em que procuro paralelo para a formulação teórica acima exposta é o da criação, por meio do decreto nº 38.319 de 1996, do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – PESB<sup>7</sup> e sua relação com a zona rural com que faz divisa. Ele está localizado na mesorregião administrativa denominada Zona da Mata, no sudeste do estado de Minas Gerais (mapas 1 e 2).



**Mapa 1:** Mesorregiões do estado de Minas Gerais segundo a classificação da Fundação João Pinheiro, de 1996. Fonte: Plano de Manejo do PESB, p.25.

<sup>7</sup> A questão da categoria “parque” no contexto do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (lei brasileira relativa às áreas protegidas), bem como no conjunto das unidades de conservação de Minas Gerais, será apresentado no capítulo IV.



**Mapa 2:** Localização do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (representado pelo polígono verde), situado no Leste do Estado de Minas Gerais, na divisa entre as microrregiões de Viçosa, Muriaé, Manhuaçu e Ponte Nova. **Fonte:** Plano de Manejo do PESB, p.4.

Sua área é de quase 15 mil hectares, e ocupa parcelas de oito municípios - Ervália, Fervedouro, Sericita, Araponga, Miradouro, Pedra Bonita, Muriaé e Divino - envolvendo a cadeia montanhosa denominada Serra do Brigadeiro (figura 1), situada no divisor de águas de duas das maiores bacias hidrográficas da região sudeste do país: a do rio Doce, e a do rio Paraíba do Sul.

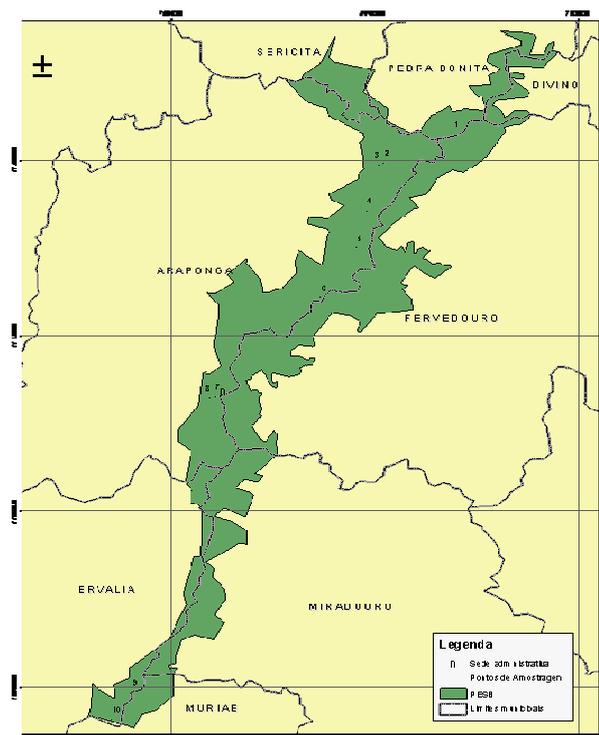
Dentre estes municípios, Araponga é o que contribuiu com maior área (5.420ha) para a formação do PESB, seguido por Fervedouro (3.525ha), Miradouro (1.628ha) e Ervália (1.158ha). Divino, Muriaé, Pedra Bonita e Sericita cederam, respectivamente, 97ha, 319ha, 372ha, e 691ha, sendo assim os de menor participação (em área) na constituição do parque (Tabela 1). (CTA-ZM, 2004)

**Tabela 1** - Participação dos municípios, em termos de área, na composição do PESB, quando de sua criação. Fonte: Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável, p.9.

Município	Ha	% em relação à UC	% em relação ao município
Araponga	5.420	41,03	17,85
Divino	97	0,74	0,23
Ervália	1.158	8,77	3,24
Fervedouro	3.525	26,68	9,86
Miradouro	1.628	12,32	5,4
Muriaé	319	2,41	0,38
Pedra Bonita	372	2,82	2,14
Sericita	691	5,23	4,16
<b>Área total</b>	<b>13.210</b>	<b>100,00</b>	<b>-</b>

O PESB foi considerado como área de conservação de extrema importância devido à sua área contínua de mata atlântica, a qual aparece no âmbito do parque, intercalada com afloramentos rochosos e campos de altitude. Segundo informações veiculadas pela ONG Amigos de Iracambi<sup>8</sup>, 40% da área do parque estão cobertos por matas nativas, 25% por matas secundárias, 10% por campos de altitude e 25% por áreas degradadas pelo homem. Além disso, ali se encontra grande diversidade animal e vegetal, abrigando mesmo alguns espécimes ameaçados de extinção, tais como, o mono carvoeiro ou muriqui (*Brachyteles hypoxanthus*), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) e o mico-estrela (*Callithrix aurita*), além de diversos espécimes de aves, e também da flora ameaçada.

<sup>8</sup> A Associação Amigos de Iracambi é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, atuante no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro através de projetos de conservação da mata atlântica e projetos de desenvolvimento local. Sua composição (sócios e diretores) é principalmente de moradores locais, e seu financiamento oriundo de patrocinadores internacionais.



**Figura 1:** Localização do PESB (polígono verde) em relação aos municípios do entorno. Fonte: Plano de Manejo do PESB, p. 49.

Dentre os oito municípios que fazem divisa com o PESB, apenas Muriaé possui uma população urbana maior do que rural. De acordo com informações contidas no Plano de Manejo da Unidade de Conservação, o total da população rural no entorno do parque é de aproximadamente 14 mil habitantes. Estes vivem, na maior parte dos casos, em pequenas propriedades agrícolas, em sistema de produção familiar (com contratação sazonal de mão-de-obra), e baixo acesso à tecnologia e à mecanização moderna.

O principal acesso ao PESB é pelo município de Arapongas (a oeste da cadeia montanhosa). Sua distância dos principais centros urbanos (mapa 3) a ele relacionados é de 60km (Viçosa), 275 km (Belo Horizonte), 228km (Juiz de Fora) e 405 km (Rio de Janeiro, via Juiz de Fora). Chegando a Arapongas, tem-se ainda a percorrer cerca de 10 km de estrada não pavimentada para alcançar a sede do parque. A outra possibilidade para tal é pelo município de Fervedouro (localizado na porção leste de cadeia montanhosa), de cujo perímetro urbano dista cerca de 27 km a sede do parque. Estes são também percorridos em

estrada não-pavimentada. Ambas as estradas têm seu estado de conservação severamente comprometido na época das chuvas (outubro a março), quando nem todos os veículos conseguem atravessar a serra. O estado de conservação vai então melhorando com a chegada da estiagem.



**Mapa 3:** Localização dos principais centros aos quais está relacionada a cidade de Araponga.

### 2.3 Metodologia

A pesquisa tem, como toda pesquisa, um caminho metodológico que nos leva ao desvelamento da questão proposta. A realização deste trabalho exigiu o cumprimento de várias etapas, cada uma delas com procedimentos, direcionamentos e instrumentais específicos. Este caminho é então composto por quatro etapas básicas e, parcialmente, simultâneas. Sendo a primeira delas uma revisão bibliográfica sobre as temáticas: território, modernização, sociedades camponesas e unidades de conservação.

A segunda etapa refere-se ao recolhimento de dados secundários sobre a área de estudo, incluindo-se aí dados referentes não somente ao histórico do processo de criação e implantação do PESB, como também ao processo de desenvolvimento e às características

socioeconômicas da região na qual o PESB se insere, e aos projetos de desenvolvimento que têm o parque como elemento central. Esta etapa foi desenvolvida desde meados do ano de 2007 e parte dos dados obtidos se encontra no item exposto acima sobre a área de estudo. A outra parte encontra-se no capítulo onde será trabalhada a ocupação da Zona da Mata, o processo de criação e implantação do parque, e as especificidades do entorno da unidade de conservação.

As áreas visitadas, bem como as pessoas a serem entrevistadas foram definidas (diante da impossibilidade de se realizar entrevistas em todo o entorno) de acordo com um critério principal, a saber: o maior ou menor contato com o aparato administrativo do Estado e com os turistas, por meio do qual se dão os “encontros” aqui enfocados, entre os camponeses e a cultura moderna dos centros urbanos, ou do Estado-nação. Foram estudadas aquelas comunidades<sup>9</sup> que, ao longo de processo de criação e implantação do PESB, estabeleceram relações mais próximas com o corpo administrativo do parque (teoricamente recebendo maior influência da racionalidade que o sustenta), e aquelas mais distantes (tanto geográfica quanto socialmente), com o intuito de, por meio de um estudo comparativo, identificar o papel da unidade de conservação no processo de transformação do espaço e da cultura destas comunidades.

Assim optou-se por estudar as duas comunidades localizadas, de um lado e de outro da serra, no caminho para a sede do parque (Serra das Cabeças, no município de Araponga; e Bom Jesus do Madeira, no município de Fervedouro), onde a presença do aparato administrativo e fiscal, bem como de pesquisadores é, sem dúvida, maior. Além destas, foi

---

<sup>9</sup> Este termo é aqui empregado para designar as localidades onde foram realizadas as entrevistas, sobretudo porque é assim que os próprios moradores do entorno e funcionários do parque as designam, ou seja, por auto-designação. Essa designação senso-comum não exclui, contudo, alguns elementos apontados como constituidores da comunidade pelos especialistas, tanto no tocante às relações locais (o parentesco, a classe social, educação, recreação, amizade, aliança política e religião), quanto às relações “extra-comunidade” (comércio; serviços bancários, postais, telefônicos e governamentais; e festividades). (BICALHO, 1999) Maiores informações sobre estas características em cada uma das comunidades estudadas estão no item referente ao entorno do PESB.

estudada a comunidade do Boné (também em Araponga), por nela localizar-se o acesso ao principal ponto turístico do parque (o pico do Boné); e a comunidade da Serra do Sapé, no município de Miradouro (anexo 1, localização das comunidades). Esta última foi escolhida por estar mais distante do aparato administrativo e também dos pontos turísticos, servindo como uma espécie de “grupo controle”, mas também por nela residir um dos camponeses do entorno que é membro do conselho consultivo<sup>10</sup> do parque. Isso nos leva ao critério de definição das pessoas entrevistadas.

Em cada uma destas comunidades foram entrevistadas as pessoas mais próximas ao aparato administrativo (conselheiros, funcionários do parque e camponeses que passaram a explorar o turismo); bem como aquelas que, nestas mesmas comunidades, estão mais distantes deste aparato. Estes últimos servindo também como “grupo controle”. A identificação destas pessoas se deu através de indicações de funcionários do parque (por meio de conversas informais, uma vez que convivi com eles diariamente durante o trabalho de campo) e de entrevistados. Ao final de cada entrevista, os depoentes foram questionados sobre outras pessoas as quais eles achassem que poderiam contribuir com a pesquisa. Foi dada prioridade, dentre as indicações, aos moradores mais antigos e, portanto, às pessoas mais velhas, porque estas podiam contar como era a vida na serra antes do advento do parque.

A necessidade de se diferenciar não somente as comunidades como também as pessoas em cada uma delas surgiu da primeira visita ao entorno do parque no âmbito desta pesquisa<sup>11</sup>, na qual o roteiro das entrevistas foi testado e se identificou as áreas escolhidas. Esta ida a campo realizou-se em maio do ano de 2008 e teve duração de cinco dias. Foram entrevistadas

---

<sup>10</sup> As informações referentes ao conselho consultivo da unidade de conservação, bem como outras referentes ao aparato administrativo, estão no capítulo III.

<sup>11</sup> Cabe lembrar que esta foi a primeira visita no âmbito do projeto porque, em verdade, minha primeira visita à serra ocorreu no ano de 2004 quando estive estagiando num projeto de diagnóstico participativo do entorno do PESB, levado a cabo pela ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM. Posteriormente fui estagiário no projeto de sistematização participativa do histórico de criação e implantação do PESB (durante todo o ano de 2005 e também desenvolvido pelo CTA-ZM). Cabe ainda destacar, neste sentido, a minha monografia de graduação, que consiste numa comparação entre o processo de criação do PESB e do Parque Nacional do Itatiaia. Assim o conhecimento da área é muito anterior à visita realizada em maio deste ano.

15 pessoas nas comunidades da Serra das Cabeças, de Bom Jesus do Madeira, e da Serra do Sapé.

Nesta visita se pôde perceber uma grande diferença na mudança cultural daqueles mais envolvidos com as pessoas vindas “de fora” (tanto o corpo administrativo, quanto pesquisadores e turistas) e aqueles menos envolvidos, nos mostrando que não se tratava apenas da localização das comunidades em relação à sede do parque ou aos pontos turísticos, mas também das relações estabelecidas (ou não) pelos camponeses com estas pessoas, no interior de cada uma das comunidades. A partir daí surge algo que ainda não havia sido pensado e ao qual se passa a atentar: o papel difusor da cultura moderna exercido por estes camponeses mais envolvidos com as pessoas “de fora” quando estes estão em contato com aqueles menos envolvidos, no âmbito de sua vida social.

Outro apontamento, este oriundo não apenas das entrevistas realizadas nesta visita, mas também da observação direta, é o surgimento de ações desenvolvidas, depois da criação do PESB, com vistas a alavancar o processo de desenvolvimento econômico e social dos moradores do entorno. Trata-se aqui tanto das transformações espaciais e na oferta de serviços promovidos pelo poder público nestas comunidades, quanto de cursos de formação oferecidos aos camponeses pelos sindicatos de trabalhadores rurais dos referidos municípios ou por ONGs atuantes na região. Com isso inclui-se na pesquisa a análise de um grande projeto de desenvolvimento territorial<sup>12</sup>, o qual serve como indicação dos processos e relações modernizantes surgidas a partir da criação e implantação do PESB. Assim amplia-se também o escopo de análise em termos de escala, pois se soma à abordagem mais localizada das transformações culturais (as entrevistas com os camponeses do entorno do parque), uma abordagem mais ampla, que busca identificar alguns dos fluxos externos que passam a desembocar na serra (e mais especificamente sobre os camponeses) a partir e em função da

---

<sup>12</sup> Refiro-me aqui ao já citado Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT, que tem como um de seus “territórios” o da Serra do Brigadeiro.

criação e implantação do PESB.

A segunda etapa, que se iniciou no trabalho de campo supracitado, consiste na coleta de dados primários, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas<sup>13</sup> com moradores das comunidades do entorno do PESB e da observação direta, tanto fora quanto no interior da unidade conservação. Nestas entrevistas buscou-se caracterizar os entrevistados em termos sócio-econômicos (entrevista fechada, sob a forma de questionário) e também informações sobre as mudanças no dia-a-dia e no modo de pensar destes moradores, oriundas da ou relacionadas à criação e implantação do PESB. Assim há perguntas (abertas) sobre as atividades econômicas, os serviços públicos e a presença dos mecanismos de controle do Estado (fiscalização e punição), a infra-estrutura de estradas e circulação de pessoas, e a relação estabelecida pelos moradores do entorno com o PESB, seus funcionários e demais instituições envolvidas na gestão do mesmo, procurando as transformações no modo de vida dos entrevistados.

O uso de entrevistas semi-estruturadas justifica-se aqui pela necessidade de obter também informações de caráter subjetivo, tais como aquelas relacionadas a significados e motivações, e também porque, ao questionar os entrevistados sobre sua história de vida na Serra do Brigadeiro, torna-se necessário permitir que eles discorram sobre o tema, trazendo à tona suas percepções. Além disso, este tipo de entrevista permite também que sejam levantadas questões não pensadas previamente.

A outra visita ao entorno do PESB, realizada nos meses de agosto e setembro deste ano, teve duração de vinte dias. Destes, dezesseis passei alojado na sede administrativa do parque, e os outros quatro num *camping* próximo ao Pico do Boné. Os dias passados no alojamento do PESB foram muito importantes, pois permitiram vivenciar também o modo pelo qual o interior do parque (território) é apropriado, não apenas pelo corpo administrativo,

---

<sup>13</sup> Roteiro em anexo (2).

mas também por estudantes e pesquisadores como eu. Uma observação participante, uma vez que eu era, enquanto pesquisador alojado no parque, parte do grupo estudado. Esta difere sensivelmente da observação direta que realizou-se nas comunidades visitadas, pois nestas em momento algum se pretendeu ser parte do grupo pesquisado.

A realização do trabalho de campo é algo bastante complexo, pois demanda uma série de habilidades por parte do pesquisador, sobretudo quando a pesquisa é solitária, posto que assim todas as tarefas recaem sobre uma única pessoa. Estas demandas vão desde a logística da viagem (transporte, alojamento, locomoção em campo, alimentação, tempo necessário para realizar as entrevistas), até a capacidade do pesquisador em acercar-se dos seus interlocutores, criando um ambiente propício para a realização da entrevista, o que significa dizer, proporcionar ao entrevistado a confiança e o conforto necessários para que ele possa ser o mais sincero possível em seu depoimento.

As questões logísticas foram, sem dúvida, um pouco complexas. Alguma burocracia foi enfrentada junto ao Instituto Estadual de Florestas do Estado de Minas Gerais, que me propiciou a liberação para a realização da pesquisa no entorno do parque, a estadia no PESB (no alojamento destinado a pesquisadores) e toda a infra-estrutura necessária; e também junto à coordenação do curso de pós-graduação em Geografia, que me propiciou o apoio financeiro para o custeio da viagem de campo. Agradeço a ambas as instituições, pois sem o seu apoio tudo se tornaria mais difícil.

O transporte, ao longo dos dois períodos de trabalho de campo, foi feito em meu automóvel particular, sem o qual meu deslocamento no entorno da serra ficaria extremamente prejudicado, em vista das distâncias a serem percorridas (entre as comunidades estudadas, bem como destas em relação à sede do PESB), conjugadas à inexistência de transporte público e à impossibilidade de que o IEF-MG me fornecesse este subsídio.

Muito mais complexa, porém, foi a realização das entrevistas, pois no caso desta tarefa

nem todos os problemas são de ordem tão prática. Houve, é claro, imprevistos tais como o período de colheita de café (sobretudo no município de Araponga), que ocupa grande parte dos moradores locais, fazendo com que a disponibilidade para a concessão de entrevistas fosse deveras reduzida. As maiores dificuldades encontradas estavam relacionadas à tarefa de “diminuir a violência simbólica que é exercida” (BONI e QUARESMA, 2005) pelo pesquisador, ou seja, de não constranger o entrevistado por meio da ostentação de um determinado capital cultural carregado.

Neste sentido, tornou-se necessário transpor algumas barreiras, ou mal-entendidos quanto a minha posição e origem. A principal delas foi a condição de pesquisador alojado no parque. Isso, por si só, dava a entender aos entrevistados que eu era funcionário do Estado, levantando dados para algum tipo de fiscalização. Diante desta perspectiva as respostas eram, logicamente, mais receosas. Somente se superada esta barreira é que foi possível obter depoimentos mais sinceros. Outro fator relevante para ganhar a confiança dos entrevistados foi a realização de mais de uma visita a cada um deles. Em todos os casos, no segundo ou terceiro encontros, os entrevistados foram muito mais receptivos e dispostos a contribuir com a pesquisa.

Como mal-entendido menor (pois mais facilmente dirimível) não posso deixar de citar a confusão feita pelos entrevistados quando estes imaginavam que eu fosse, ou estivesse a serviço de um candidato político, pedindo votos para as eleições municipais (as quais realizaram-se cerca de um mês depois do período em que estive realizando o trabalho de campo).

No total foram realizadas vinte e nove entrevistas, ao longo de dois períodos de trabalho de campo no entorno do parque. Estas entrevistas foram feitas em visitas às casas das pessoas, ou na própria sede do PESB, no caso de funcionários do parque. A maior parte das entrevistas foi feita na presença de familiares dos entrevistados, os quais, por vezes, faziam algum comentário.

No município de Araponga, foram feitas 13 entrevistas (10 na comunidade da Serra das Cabeças, 3 na comunidade Córrego do Boné); assim como em Fervedouro (10 na vila de Bom Jesus do Madeira e comunidades adjacentes, e 3 na comunidade da Serra da Grama); e em Miradouro foram feitas 3 entrevistas, todas elas na comunidade da Serra do Sapé. (Tabela 2).

**Tabela 2:** Número de entrevistados por comunidade e por município

<b>Município</b>	<b>Comunidade</b>	<b>Número de entrevistas</b>	<b>Total por município</b>	<b>Total Geral</b>
<b>Araponga</b>	Serra das cabeças	10	13	29
	Córrego do Boné	3		
<b>Fervedouro</b>	Bom Jesus do Madeira	13	13	
<b>Miradouro</b>	Serra do Sapé	3	3	

Já vimos que o decreto de criação do PESB data de setembro de 1996, mas a origem de processo de criação remete à elaboração da primeira proposta, feita por dois professores/pesquisadores do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, ao ano de 1976. Esta, por sua vez, nos remete, em uma de suas justificativas, à ação predatória (retirada de lenha para seus altos-fornos) da empresa Belgo-Mineira durante as décadas de 1950/60 na área hoje ocupada pelo PESB. Isso nos dá idéia da amplitude temporal que pode ser atribuída ao processo de estabelecimento do parque, que se estende ainda por cerca de dez anos após o decreto, no processo de implantação.

Como o foco da pesquisa está nas transformações culturais oriundas da criação e implantação do parque, a coleta de informações junto às populações locais diferencia três contextos espaço-temporais: a época que a Belgo-Mineira retirava lenha na serra; o período compreendido entre a saída desta empresa e a criação do PESB; e o período pós-criação.

A terceira e última etapa consiste na análise dos dados primários e secundários, e na redação da dissertação. Os dados primários foram então organizados por temas (identificação,

atividade produtiva, acesso a serviços públicos, família, relações com o parque e funcionários, mudanças observadas), por período, e por comunidade. Os dados obtidos pela observação são também levados em conta nesta análise. A partir destes dados organizados, construiu-se uma apresentação do processo evolutivo das relações sócio-espaciais nas comunidades estudadas em relação com a área que atualmente abriga o PESB.

Assim, no quarto capítulo são apresentados, para cada um dos recortes temporais: a relação com a área do PESB, os aspectos econômicos, as relações com o Estado (questões legais relativas ao meio ambiente, segurança pública, e outros mecanismos de fiscalização e controle), as condições de infra-estrutura de circulação, e a presença de gente “de fora”; nas comunidades onde se realizaram as entrevistas. Optou-se por usar os períodos estabelecidos como base para a apresentação destes dados para não enfastiar o leitor com a repetição de informações. Não raro, os aspectos abordados se apresentam, num mesmo período, de maneira muito semelhante em comunidades distintas. Com o formato adotado pode-se apresentar a situação geral para cada um dos temas e destacar as especificidades de tal ou qual comunidade em relação a ele.

Os dados secundários, por fim, serviram em parte para auxiliar o manejo dos dados primários, e em parte para a análise das iniciativas de desenvolvimento do entorno no PESB promovidas pelo poder público (municipal, estadual e federal), pelas associações civis (como as de trabalhadores rurais) e pelas organizações não-governamentais ali atuantes. Esta análise se encontra no quinto capítulo, onde são abordados: uma dissertação de mestrado sobre os trabalhos de educação ambiental existentes no entorno do PESB; e um plano de desenvolvimento territorial rural, referente a uma política do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA que está sendo implantada nos municípios do entorno do parque.

### 3 Quadro Teórico

Neste capítulo serão abordados alguns dos conceitos com os quais vamos trabalhar no enfrentamento da questão apresentada procurando demonstrar em que medida estes se adequam à tarefa empreendida. Partir-se-á dos conceitos de território e de territorialização, usados em referência à criação do PESB; até os de modernização e de campesinato, os quais, buscando caracterizar a população residente no entorno do PESB e seu processo de transformação, fecham a nossa “caixa de ferramentas”.

#### 3.1 O PESB como “território” e como “territorialização”

Tal como colocada, a questão principal do trabalho será abordada a partir do conceito de território, cuja principal característica é a apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupamento humano. Ou seja, “o território, [...], é fundamentalmente um *espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder*” (SOUZA, 2005, p.78). Mas, uma vez que nem todo poder tem sua base principal de sustentação no espaço, se adoto o conceito de território como ferramenta principal de análise, é porque considero a existência desta porção do espaço como fundamental no processo de transformação sócio-espacial.

Enquanto estivermos tratando do poder, estaremos entendendo-o como a possibilidade de fazer ou se utilizar de algo (ou alguém, ou algum lugar), em maior ou menor escala. Valemo-nos, neste sentido, da conceituação proposta por Arendt (apud SOUZA, 2005, p.80), onde o poder é a habilidade inerente aos seres humanos, não apenas de “agir, mas de agir em unísono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”. A autora desmistifica o controle do poder por indivíduos isolados, já introduzindo a idéia de que o poder está intrinsecamente inscrito em todas as relações entre homens e mulheres.

Aprofundando a análise por este viés, observa-se que, ao nascer de toda e qualquer relação, o poder se apresenta multidimensional, ou seja, é um equívoco entender que ele emana de uma fonte única (RAFFESTIN, 1993). O “poder”, sendo inerente à vida em sociedade, apresenta-se de tal maneira associado ao controle de uma dada porção do espaço, que “o território nasce (...) das estratégias de controle necessárias à vida social” (CLAVAL, 1999, p.8), apresentando, portanto, também configurações múltiplas.

A noção de território tem sido utilizada, no âmbito da Geografia, basicamente em dois sentidos: majoritariamente, para designar a apropriação coletiva de uma porção do espaço enfatizando seus aspectos físico-materiais; e, minoritariamente, priorizando a dimensão simbólica e identitária destes processos.

Inicialmente, “os geógrafos são levados a falar de território na medida em que se voltam para os problemas de geografia política e tratam do espaço destinado a uma nação e estruturado por um Estado” (CLAVAL, 1999, p.7). Contudo esta concepção foi ampliada pelo entendimento de que o poder não se restringe ao Estado e sua ação, sendo inerente a todas as relações sociais. O território passou então a ser utilizado para denotar relações de controle e soberania espacial nas mais diversas escalas. Embora se possa falar de uma perspectiva política do território, em geral, associada aos aspectos físico-materiais, é importante ressaltar que toda ação política tem também um caráter simbólico.

Em outra perspectiva, que enfatiza o caráter material, apontada por Haesbaert (2004) como econômica em distinção a esta primeira concepção - de caráter mais político - o território é tomado como fonte de recursos sendo, em alguns casos, sob uma perspectiva marxista, incorporado no embate entre classes sociais e na relação entre capital e trabalho. Assim o território é a dimensão espacial destas relações.

A perspectiva de abordagem do território que enfatiza seu caráter de realidade “ideal”, ou seja, sua relação com a construção de símbolos e representações, é muito menos usual,

embora “efetivamente presente nos trabalhos dos geógrafos, desde pelo menos o período entre as duas guerras” (CLAVAL, 1999, p.10). Muitas das vezes esta perspectiva apresenta-se em oposição à configuração evidente dos territórios (realidade físico-material) nacionais, enfatizando a forte relação estabelecida por sociedades (primitivas ou não) com os lugares em que vivem e os símbolos que estes lugares encarnam, desde a escala da nação até a do lugar. Sob este ponto de vista, falar em território é ressaltar a importância do discurso associado a uma dada porção do espaço na conformação de comportamentos dentro ou fora destes espaços. Para Brunet (apud CLAVAL, 1999, p.11) o território “contribui (...) para fortalecer o sentimento de pertencimento, ajuda na cristalização de representações coletivas, dos símbolos que se encarnam em lugares memoráveis (hauts lieux)”.

Neste trabalho, não se pretende privilegiar nem a dimensão “ideal” (informacional) do estabelecimento de um parque, nem as relações de poder de ordem político-jurídica e as alterações nas possibilidades de uso (de ordem econômica) com as quais as populações rurais se deparam, porque este conjunto de ações práticas dá visibilidade e sustentação às novas representações coletivas que se pretende construir, as quais, por sua vez, também contribuem para as mudanças de ordem político-econômica.

Para além desta distinção entre aspectos materiais e imateriais, há que se precisar, no uso do conceito de território, outro entendimento: aquele de que o território é um produto social e historicamente construído, sendo portanto uma expressão de forças sociais que, a partir da delimitação e do controle sobre uma determinada área geográfica, buscam influenciar ou controlar as pessoas em suas relações entre si e com a área delimitada (SACK, 1986). Assim sendo, não se pode conceber a criação de uma área protegida fora do contexto global de fortalecimento das idéias de proteção da natureza, estas por sua vez, mais e mais afinadas com a atuação do Estado e com a reprodução do capital. Estes últimos aparecem

então como os principais parâmetros do controle sobre a área e da influência almejada pela criação deste território.

Isso nos leva à compreensão da delimitação de uma área de proteção como uma estratégia não somente para a conservação dos recursos naturais, mas também para influenciar o modo pelo qual as comunidades do entorno da área protegida se relacionam entre si e com o espaço. Neste sentido é que o parque apresenta-se como territorialização. Ao criar o parque, o Estado se torna presente numa determinada área e, com isso, torna também presente seu conjunto de concepções e de normas. No caso específico deste estudo pode-se dizer que o uso dos conceitos de território e de territorialização serve, sobretudo, à compreensão da constituição e expansão do poderio do Estado-nação.

Destacam-se então as características do conceito de território que o tornam adequado à pesquisa: o controle prático sobre uma área, e o caráter comunicativo deste controle; ou seja, a mobilização do controle de uma área para influenciar as ações das pessoas não só dentro da área controlada como também fora dela.

Neste caso o território-parque não se limita à área protegida, mas estende-se ao seu entorno, onde uma série de comportamentos é influenciada pelo que representa o parque (ou seja, pelo discurso que o legitima), e pelas mudanças que ele acarreta em termos de controle do uso do espaço delimitado e de possibilidades e condições para o uso do espaço fora desta delimitação. Fica claro então que, enquanto territorialização da ordem do Estado-nação, a criação do parque abrange uma área que se estende para além de suas fronteiras onde, no caso particular aqui abordado, se situava até então uma zona rural na qual a presença mesma do Estado-nação brasileiro não era, por assim dizer, muito forte.

É diante do entendimento de que “criar novos recortes territoriais (...) é ao mesmo tempo um ato de poder no sentido mais concreto e o reconhecimento e/ou a criação de novas referências espaciais de representação social” (HAESBAERT, 2004, P.93), que o território

(numa perspectiva denominada integradora, ou relacional) se apresenta como categoria pertinente para a abordagem do problema colocado.

### **3.2 Modernidade e Modernização do Campesinato**

Estando claro que o ponto central da pesquisa está no processo de transformação do modo de vida dos camponeses do entorno do PESB a partir da criação deste último, e já definida a compreensão das noções de “território” e de “territorialização”, este tópico é dedicado à definição dos outros termos utilizados para caracterizar este processo, procurando estabelecer quem se transforma, e qual a natureza desse processo de transformação.

Parece-me claramente tratar-se de um processo de inserção plena do camponês na modernidade. Mas por que falar em camponês e não em agricultor familiar? Por que falar em modernidade e não simplesmente em modernização? Desfaçamos então estes nós...

A princípio é necessário distinguir o caráter deste estudo daquele adotado nas pesquisas focadas em transformações técnico-econômicas e nas transformações sociais daí oriundas, como a maioria dos estudos sobre desenvolvimento rural e sobre modernização desenvolvidos na década de 1960 (LONG, 1977; HUNTER, 1969). Considera-se assim que a dimensão econômica (capitalista, sobretudo, na modernidade) é sem dúvida muito influente na conformação de uma cultura, mas ela não é a única e tampouco determina as demais de modo absoluto.

A “modernização” a que nos referimos aqui deve ser tomada como uma espécie de expansão das instituições da modernidade (ou se quisermos nos atrelar mais à presente investigação, como um processo de territorialização destas instituições); e não de maneira mais específica como, por exemplo, a inovação de uma técnica produtiva. Resta saber: quais são estas instituições pelas quais se define aqui a modernidade, e por que mecanismos elas operam.

### 3.2.1 Modernidade

Berman (1982), nas primeiras palavras de seu livro, conceitua a modernidade como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida” (1982, p.24), e divide sua história em três fases: do séc. XVI ao fim do séc. XVIII, onde se começa a experimentar a vida moderna; da onda revolucionária de 1790 ao fim do séc. XIX, fase em que os pensadores (e ele cita mais enfaticamente a Marx e Nietzsche) eram “simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna” (p. 35); e finalmente no século XX, onde ele reconhece uma guinada “na direção de rígidas polarizações” (p.35), o entusiasmo *ou* a condenação.

O objetivo central do trabalho de Berman (1982) é declaradamente buscar nos modernismos do passado, sobretudo os da segunda fase, as nossas raízes modernas. Assim, pode-se supor que para ele a maneira contraditória pela qual pensadores tais como Marx, Nietzsche, Baudelaire e Dostoievski (entre outros tantos) viam a modernidade é a que melhor capta o “espírito” desta época. Nas palavras de Berman (1982), a experiência da modernidade fica assim definida:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade paradoxal, uma unidade na desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. (BERMAN, 1982, p.24)

Contudo, captar o “espírito” da modernidade não parece suficiente para entender como este “espírito” se vai expandindo sobre espaços ainda não plenamente modernos. Para tal, a nova forma de experimentar o mundo deve ser explicada à luz das mudanças práticas que levaram a esta nova experiência (em si contraditória, segundo Berman).

A definição da modernidade passa, inevitavelmente, pelo contraste com uma ordem social tradicional. Long (1977), em sua crítica à abordagem da modernização, dá-nos um exemplo deste contraste ao apresentar a definição de modernização de Wilbert Moore:

a transformação ‘total’ de uma sociedade tradicional ou pré-moderna em tipos de tecnologia e organização social a ela associada que caracterizam as ‘avançadas’, economicamente prósperas, e relativamente politicamente estáveis nações do Mundo Ocidental (apud LONG, 1977, p.9) (traduzido aqui)

Apesar da abordagem de Berman apresentar-nos a modernidade como uma desestabilização de toda e qualquer certeza e tradição, a definição acima destacada remete-nos à oposição a uma tradição específica. Àquela que vigorou na Europa ocidental até meados do séc. XVI, quando se inicia o Renascimento, e que vê sua derrocada final diante do pensamento Iluminista no século XVIII. Barbara Marshall, por exemplo, define de maneira mais específica a tradição da qual a modernidade, em sua origem, se diferencia, por oposição a muitos dos ideais Iluministas:

Modernidade está associada com a retirada do indivíduo dos grilhões da tradição, com a progressiva diferenciação da sociedade, com a emergência da sociedade civil, com igualdade social, com inovação e mudança. Todas estas realizações estão associadas com o capitalismo, industrialismo, secularização, urbanização e racionalização. (apud SCHECH et HAGGIS, 2000, p.4) (traduzido aqui)

Em busca da definição das instituições da modernidade, voltemos à sua definição como uma nova “experiência de vida” para explorar a maneira como tempo e espaço são vivenciados na modernidade e, conseqüentemente, a experiência moderna de si mesmo e dos outros. Começamos com Harvey (1992) e sua referência ao tempo e ao espaço do Iluminismo.

Para Harvey, “a racionalização prática do espaço e do tempo ao longo do século XVIII (...) formou o contexto em que os pensadores iluministas formularam os seus projetos” (1992, p.235). O projeto Iluminista de dominação da natureza pelo homem não poderia, sendo tempo e espaço tomados como “naturais”, prescindir da dominação dos mesmos. Essa

racionalização inicia-se, segundo Harvey, na Renascença, onde se desenvolvem os mecanismos objetivos de representação do espaço (técnicas perspectivistas) e do tempo (cronômetros, calendário). Assim, a partir da objetivação destas categorias, o ser humano passa a produzir, através da re-organização em outros parâmetros, o tempo e o espaço de sua experiência vital.

Para Giddens (1991), esta reorganização da experiência do tempo e do espaço consiste na quebra de relações sociais dominadas por tempo e espaço coincidentes, o que seria dizer que, nas sociedades pré-modernas “as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, (...), dominadas pela ‘presença’ – por atividades localizadas” (1991, p.27). Frémont et al. (1984) trabalham com idéia semelhante para abordar as comunidades camponesas. Trata-se da idéia de “enraizamento” num território delimitado, associado a uma forte afeição a este lugar onde vivem, ou seja, de uma experiência do tempo e do espaço semelhante à que propõe Giddens (1991) para as sociedades pré-modernas.

Assim, numa sociedade moderna, tempo e espaço passam a se articular com base na vontade humana e na capacidade técnica de realizar esta articulação, e não mais na necessidade de “presença”. Nesta perspectiva, à medida que a capacidade técnica necessária se desenvolve, “tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência” (GIDDENS, 1991) humana, ouso acrescentar.

A reorganização das relações sociais com base em parâmetros objetivos de tempo e espaço coincide com “o fenômeno da vinculação do tempo e do espaço *pelos* sistemas sociais” (GIDDENS, 1991, p.29-30) (grifo meu), ilustrado por Giddens como “desencaixe”. É justamente por meio destes “mecanismos de desencaixe” que se desenvolvem, segundo ele, as instituições sociais modernas.

São dois, estes mecanismos: i) “criação de fichas simbólicas”, definidas como meios de intercâmbio com circulação independente das especificidades dos grupos e indivíduos

envolvidos, bem como de sua conjuntura espaço-temporal (por exemplo, dinheiro); e ii) “estabelecimento de sistemas peritos”, ou seja, “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social” (GIDDENS, 1991, p.35). Deve-se, então, ressaltar aqui a necessidade apresentada por tais mecanismos de “desencaixe”, de um processo de re-encaixe.

Para Giddens, o surgimento das instituições modernas e a reorganização por ela promovida devem-se muito à confiança nestes mecanismos, também chamados por ele de “sistemas abstratos”. Estes permitiram retirar “a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias ‘tempo-espaciais.’” (GIDDENS, 1991, P.58). O autor soma ainda aos sistemas abstratos, como fator constitutivo das instituições modernas, o que ele chama de “reflexividade da modernidade”:

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (GIDDENS, 1991, p.45)

Desta conjuntura emergem então os padrões da reorganização de tempo, espaço e relações sociais, ou seja, as instituições características da modernidade (e suas inter-relações): o capitalismo, que opera a partir da dicotomia entre posse dos meios de produção e posse da força de trabalho; o industrialismo, que se baseia na produção de energia inanimada e na coordenação de homens e máquinas nos processos produtivos; e, a vigilância e o monopólio dos meios de violência, os quais se encontram encarnados no Estado-nação, e podem ser definidos como a supervisão direta ou indireta da vida na esfera pública, e como os meios de transformar esta vigilância em controle, respectivamente.

Assim definida, a modernidade é sem dúvida muito relacionada ao projeto Iluminista e, portanto, muito européia. Tanto a produção capitalista sistemática quanto o Estado-nação têm suas raízes na Europa, o que faz da modernidade, segundo Giddens (1991), um projeto

ocidental. Contudo, como ele faz questão de ressaltar, a maneira de encarar estas instituições, bem como as estratégias pelas quais se pretende fazê-lo, são, devido ao caráter global de sua extensão, derivados de contextos particulares, muitos dos quais não-ocidentais. Assim, não se espera da modernidade uma homogeneização das atividades e das relações sociais em escala global. É com esta ressalva em mente que se passa então à modernização do campesinato.

### 3.2.2 Modernização do Campesinato

A opção por utilizar o termo “campesinato”, e não “agricultor familiar”, indica de saída um viés teórico na definição mesma da natureza de um grupo social que vive na zona rural. Com isso se busca enfatizar não apenas o aspecto econômico da reprodução social, mas o modo de vida, tomado de maneira mais geral e, portanto, englobando aspectos da vida política, do consumo, da sociabilidade etc.

Assim o conceito de camponês fica aqui definido pela reunião de uma série de características e não apenas pela sua atividade econômica. A reunião destas características culminaria num tipo de sociedade, a qual Frémont et al. (1984) se permitem qualificar como “estáveis”, ou seja

Sociedades onde as estruturas de organização se combinam de tal maneira que elas funcionam de acordo com um esquema de reprodução sobre si mesmas e de recusa das influências exteriores (FRÉMONT et al., 1984, p.250) (traduzido aqui)

Esta seria, contudo, uma concepção um tanto quanto imobilizante e isoladora, a qual os referidos autores tratam de relativizar um pouco adiante em seu texto, quando dizem que: “uma sociedade estável é aquela que conserva seu equilíbrio, mas que sabe e pode evoluir. Ela somente o faz em seu próprio ritmo (...).” (FRÉMONT et al., 1984, p.251) (traduzido aqui). Assim os camponeses não podem ser tomados como uma sociedade à parte e isolada, tal como pensavam os estudiosos da cultura sobre as sociedades tribais.

A definição relacional do camponês é tributária das formulações de Foster (1967) e Redfield (1965), as quais por sua vez apóiam-se na clássica formulação de Kroeber (apud

Foster, 1967, p.2), que afirma serem os camponeses “part-societies with part-cultures”. Seguindo o raciocínio, temos que “cada pequeno grupo camponês é parte de uma nação mais ampla, a qual controla sua vida econômica, impões um código de leis de cima, e, mais recentemente, requer educação em escolas nacionais” (FOSTER, 1967, p.3). (traduzido aqui)

A definição do conceito de camponês a partir da relação estrutural que “esta parte” da sociedade (o campesinato) estabelece com sua “outra parte” (a cidade, o urbano, o Estado), ou seja, o centro (lugar de poder, de tomada das decisões, de estabelecimento dos padrões sociais), é interessante também porque liberta tanto do engessamento espaço-temporal que o prendia na Idade Média européia<sup>14</sup>, como da definição estritamente econômica que vê os camponeses como agricultores ou como produtores em pequena escala, muito embora estes aspectos não devam ser desconsiderados.

Assim definidos, os camponeses, embora consigam manter um modo de vida bastante “estável”, apresentam-se como “a parte” da sociedade que está subjugada aos padrões culturais e tecnológicos da “outra parte” desta sociedade (leia-se o Estado e suas instituições), que localiza-se nos centros urbanos ou, mesmo quando localizadas no meio rural (como é o caso da Unidade de Conservação em foco), são guiadas por pessoas com padrões culturais urbanos.

As inovações vão-se então introduzindo no dia-a-dia dos camponeses, porém num ritmo suficientemente lento para que estes as possam aceitar e digerir frente a toda a estabilidade de seu sistema social. (FRÉMONT et al., 1984) Foster, citando Redfield, aponta para este fato:

Esta relação relativamente estável estabelecida entre o camponês e a cidade é em parte moldada pelos avanços culturais da cidade e pela incorporação na vida do camponês das instituições desenvolvidas no curso deste avanço. (REDFIELD apud FOSTER, 1967, p.11) (traduzido aqui)

---

<sup>14</sup> “Para o leitor médio a palavra ‘camponês’ conota aspectos históricos, sociais, e econômicos da vida na Europa na Idade Média, (...) atualmente nós olhamos para os camponeses como pessoas cujo estilo de vida mostra certas similaridades estruturais, econômicas, sociais, e talvez de personalidade (...), em contraste com estas outras formas básicas, sem referência a país ou século”. (FOSTER, 1967, p.2) (traduzido aqui)

Parece válido citar as características específicas do que se entende pelo pólo camponês, para evidenciar distinções maiores em relação ao outro pólo desta mesma sociedade. Assim, segundo Wanderley (2000), são elas: uma relação direta do homem do campo com a natureza<sup>15</sup>; e a relação entre os próprios camponeses, denominadas “relações de interconhecimento”, resultantes da baixa complexidade das comunidades camponesas.

Frémont et al. (1984) também falam sobre uma relação estreita entre os camponeses e o meio natural, e explicam mais explicitamente o que Wanderley (2000) designa por “baixa complexidade” social. Para eles as características que nos permitem falar dessa baixa complexidade são: i) a organização em pequenas coletividades autônomas, porém não de uma autonomia plena (posto que se relacione, como visto acima, com uma sociedade englobante; ii) a existência de um modo de produção de economia doméstica, ou seja, utilizando recursos e mão-de-obra da propriedade mesma, apenas parcialmente atrelada ao mercado, e possibilitando muito pouca mobilidade social; iii) uma forte anexação ao lugar, ou seja, o enraizamento numa dada porção do espaço, que não significa imobilidade, mas baixa capacidade de se locomover e; iv) a homogeneidade cultural e a coesão social, particularmente atrelados ao enraizamento e a baixa mobilidade.

Assim, os processos de modernização, segundo a reflexão de Haesbaert (1997), estão fundamentalmente associados

à formação de capital e mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho, ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais, à expansão de direitos de participação política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal, (...) à secularização de valores e normas, etc. (HABERMAS apud HAESBAERT, 1997, p.108)

Há ainda uma característica do campesinato, apontada por Foster, que parece fundamental para o presente trabalho. Trata-se da existência de mediadores entre o

---

<sup>15</sup> A própria autora nos lembra que “trata-se, sem dúvida, de representações do espaço natural e do espaço construído” (WANDERLEY, 2000, p.88)

campesinato e “a outra parte” da sociedade. Esses mediadores foram inicialmente identificados como os patrões ou líderes religiosos, que de certa forma têm inserção tanto numa quanto noutra parte. É por meio dos mediadores que muito do que se passa nos centros de poder chega às comunidades camponesas e nelas se infiltra, sofrendo as adaptações ou reformulações necessárias à apropriação camponesa destas “novidades”.

Esta “apropriação camponesa” denota um posicionamento claro diante do polêmico “fim do campesinato” frente ao processo de modernização, pois supõe que os camponeses estarão aí para adaptar estas instituições modernas ao seu modo de vida tanto quanto adaptam seu modo de vida a estas instituições.

De acordo com Wanderley (2000), em seu texto sobre a ruralidade em sociedades modernas avançadas, há duas formas principais de abordar o processo de modernização: na primeira delas “assistir-se-ia à progressiva decomposição do campesinato e à constituição das classes sociais do capitalismo no campo; o camponês teria se tornado um agricultor – referido não mais a um modo de vida” (p.89); e na outra as transformações resultantes desse processo não seriam capazes de uniformizar a sociedade, provocando “o fim das particularidades de certos espaços ou certos grupos sociais” (p.89).

Por não considerar o modo de vida camponês como algo estático e universal, incapaz de se adaptar a novas estruturas institucionais (e, que em o fazendo, deixaria de sê-lo), é que se concorda com o posicionamento de Pongratz, tal como sumarizado por Carneiro:

Pongratz propõe pensar a integração da ‘farming culture’ à sociedade industrial moderna sem que isso resulte num processo simples de aculturação. Em suma, a manutenção de tradições culturais (as quais designa de camponesas) não seria incompatível com a modernização da sociedade (CARNEIRO, 1998, p.55).

Sobretudo porque, pela definição calcada na relação estrutural estabelecida entre as duas partes de uma mesma sociedade, o processo de modernização tem origem no momento mesmo em que nasce esta relação e, se até o presente momento ainda não ocorreu a extinção

do campesinato, “é precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução do agrário, e na tendência à transformação uniformizadora das condições de vida no campo” (CARNEIRO, 1998, p.55).

Assim pode-se dizer que a idéia de um *continuum* rural-urbano, que coloca entre estes termos uma diferença de grau/intensidade (e não mais de natureza), deve ser mantida, porém com o cuidado de não reeditar a visão urbano-centrada que anula o pólo rural deste *continuum*. Não se trata, portanto de um movimento evolutivo unidirecional (do rural ao urbano, ou do tradicional ao moderno) onde as questões que se apresentam são todas relativas à difusão da modernidade sobre o campo, mas de um duplo movimento onde há também o “consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (...) e de práticas culturais que são reconhecidas como sendo próprios do chamado mundo rural” (CARNEIRO, 1998, p.56).

Neste sentido, um dos principais fatores de reformulação desta relação entre rural e urbano está justamente na emergência da questão ambiental e em sua aproximação com o meio rural, pois “estabelece o diálogo com as cidades em um novo patamar, devido à importância que assume a natureza, em particular para os habitantes dos centros urbanos” (WANDERLEY, 2000, p.131) aos quais, devemos acrescentar, está atrelada a maior parte do aparelho de Estado e dos empreendimentos de turismo.

A criação de uma área de preservação da natureza em meio à zona rural parece ser então um exemplo claro deste tipo de modernização, ou se quisermos de reformulação, do rural e, conseqüentemente, do campesinato. É justamente para esta reformulação que nos voltamos.

## **4 O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**

### **4.1 A Zona da Mata**

Minas Gerais possui diversas regionalizações oficiais e mais outras tantas. Dentre as divisões regionais oficiais estão as produzidas pelo IBGE: em zonas fisiográficas de 1941, em microrregiões homogêneas de 1969, em regiões funcionais urbanas de 1972, e em meso e microrregiões geográficas de 1990; e as produzidas pela Fundação João Pinheiro: divisão regional para fins de planejamento de 1973, de 1992, e a divisão administrativa de 1996. (DINIZ e BATELLA, 2005)

De acordo com esta última divisão regional, temos que a Zona da Mata de Minas Gerais é uma das dez mesorregiões em que se divide o estado. Não convém aqui discutir os critérios desta regionalização, uma vez que o objetivo almejado consiste tão somente em tornar claro para o leitor o contexto geográfico da área de estudo em foco, ou seja, o entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.

Sua denominação deve-se à cobertura vegetal que ali existia quando da época de sua ocupação, sendo sistematicamente suprimida ao longo deste processo. Mas, como já salientava Valverde (1958) sobre as dificuldades de delimitação das regiões, este manto florestal que lhe valeu a denominação se prolongava para além dos limites dessa mesorregião. Diz ele ainda: “é, aliás, um tanto paradoxal que, (...), não seja em termos de vegetação que se pode distingui-la de suas vizinhas, mas sobretudo de relevo” (VALVERDE, 1958, p.22).

Assim ela faz fronteira a noroeste com a mesorregião central, caracterizada pelos afloramentos rochosos de onde se extraiu (e ainda se extrai) o minério que fez valer ao estado sua alcunha; a oeste com o Sul de Minas, cujos limites são entre todos os mais bem demarcados pelas escarpas do “Planalto da Mantiqueira”; a norte com a mesorregião do Rio Doce, da qual difere em diversos aspectos, embora seja em termos também de relevo a diferenciação mais gritante, uma vez que na mesorregião do Rio Doce ele é mais dissecado,

isto resultando em rios mais caudalosos; a leste com os estados do Rio Janeiro e Espírito Santo, e a sul com o estado do Rio de Janeiro.

Ainda tratando de sua delimitação, mas já ultrapassando este tema e se estendendo a características sócio-culturais desta mesorregião, Valverde (1958) nos diz que os limites da Zona da Mata a sul são pouco precisos em função não apenas da mata atlântica, a qual se estendera também pelo Vale do Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, mas de “elementos históricos, como a marcha do povoamento, a cultura do café etc.” (VALVERDE, p.23, 1958).

Mesmo em termos de relevo as duas regiões são semelhantes<sup>16</sup>, embora este seja mais acentuado no Vale do Paraíba. É esta mesma feição que demarcará o limite entre a Zona da Mata e seus vizinhos a leste, de maneira mais ou menos acentuada de acordo com o trecho. A norte do rio Muriaé, por exemplo, quase não se nota diferença marcante o suficiente para o estabelecimento de um limite; pelo menos até que se alcancem as cristas alinhadas que atingem seu ponto máximo no Pico da Bandeira, onde a diferença nas feições do relevo é bastante evidente. (VALVERDE, 1958)

Ainda com base neste mesmo estudo (VALVERDE, 1958), que tanto por conta de sua completude quanto pelo fato de não haver outros como ele, nos é muito útil e será neste capítulo amplamente citado, temos que esta mesorregião possui três faixas climáticas, as quais correspondem aos estratos da erosão atuante. O autor toma como exemplo, para o estabelecimento dos respectivos climas, cidades na cota dos 220m de altitude, dos 450m, dos 650m, e assim os define (de acordo com a classificação de Koppen): quente e úmido com chuvas de verão; tropical de altitude com verões quentes e chuvosos; tropical de altitude com verões frescos e chuvosos.

---

<sup>16</sup> “A própria tectônica das duas regiões é semelhante: uma estrutura apalacheana que forma vales e cristas alinhadas. (...): sucessão de serras orientadas, grandes estirões de vales retilíneos e paralelos.” (VALVERDE, p. 23, 1958).

Outra característica climática bastante relevante desta mesorregião é seu afastamento do mar, o que a torna menos influenciável pela regulação térmica oceânica, ou seja, maior amplitude térmica tanto diária quanto anual, do que se pode notar em cidades litorâneas.

Toda a Zona da Mata está situada entre os paralelos de 20° 15' e 22° 15' sul e tem seu povoamento em terras com não mais de 900 metros de altitude. Alguns picos e cristas excedem esta cota, mas estes se mantiveram desabitados pelo menos até meados da década de 1960, feita a exceção ao “maciço do Caparaó<sup>17</sup>, no canto nordeste, e as serras da Araponga e do Brigadeiro<sup>18</sup>, a nordeste do município de Ervália”. (VALVERDE, p. 19, 1958).

#### **4.2 Processo de Ocupação da Zona da Mata**

O que hoje se identifica como o estado de Minas Gerais tem seu processo de ocupação fortemente vinculado à descoberta do ouro em princípios do século XVIII, e se estivermos de acordo com Prado Júnior (2004[1942]), que aponta como característica desta ocupação o fato dela acontecer de modo brusco, este processo não se iniciou muitos anos antes.

Outra característica atribuída ao processo por este mesmo autor é a propriedade de se expandir de modo não contíguo. “Os núcleos mineradores vão surgir muito longe dos pontos de partida das correntes migratórias, e no espaço intermediário permanecerá o deserto que só raras vias de comunicação atravessam” (PRADO JÚNIOR, 2004 [1942], p. 55). Estes núcleos concentravam-se numa faixa localizada na porção central do estado, a qual se estende no sentido norte-sul, das atuais cidades de Lavras a Diamantina.

A ocupação das demais porções do estado se dá, em grande medida, a partir de um movimento populacional centrífugo, estimulado pela demanda da atividade mineradora por produtos alimentícios. Contribui também para tal a saturação populacional da região quando sua principal atividade econômica entra em declínio a partir da metade do século XVIII.

---

<sup>17</sup> “O maciço do Caparaó, a nordeste da região, forma pequena ilha de um tipo climático à parte. A maior altitude provoca aí, não só temperaturas mais amenas, mas também chuvas orográficas bem distribuídas” (VALVERDE, p. 21, 1958)

<sup>18</sup> Como se verá mais precisamente adiante é nestas serras que está localizado o PESB.

(PRADO JÚNIOR, 2004 [1942]) Este processo, no entanto, não ocorreu de maneira tão brusca, tal como a ocupação pela mineração, levando vários anos para se efetuar.

A segunda característica apontada acima é particularmente importante para o processo de ocupação da mesorregião de que aqui nos ocupamos, pois esta permanecerá não totalmente isolada, mas sem assentamentos significativos de colonizadores brancos<sup>19</sup>, até o limiar do século XIX. Neste momento é revogada a lei que proibia, com vistas a evitar o contrabando do ouro extraído da região das minas, a circulação na Zona da Mata. Ela permanecera como área de circulação proibida, exceto por meio do caminho novo<sup>20</sup> da estrada real, aberta em 1720, que ligava o distrito minerador ao Rio de Janeiro. (DEAN, 1996; VALVERDE, 1958)

São estas as razões que levam Valverde (1958, p.25) a dizer que “a Zona da Mata permaneceu como terra sem história, uma área anecumênica até o limiar do século XIX”. Podemos concordar com este autor, mas precisamos ressaltar o fato de que uma “área sem história” é, simplesmente, uma área da qual os registros oficiais não dão conta. Isso indica também que o próprio controle governamental não era, por assim dizer, efetivo, no interior das matas indevassadas de leste.

Além dos indígenas, cataguás e puris, que viviam aí encurralados pela ocupação colonial (a leste, na faixa litorânea; e a oeste, na zona mineradora) adentravam a densa mata, no final do século XVIII, muitos negros fugidos do regime de escravidão e também aqueles que Dean (1996) chama de “sertanejos”. Este grupo era constituído por pessoas que buscavam escapar das extorsões das autoridades, fugitivos da justiça criminal, criminosos banidos e mesmo desempregados das vilas.

---

<sup>19</sup> Nas décadas de 1720 e 1730, segundo Dean (1996, p.112), “patrulhas militares, embora não muito eficazes na interdição das operações de garimpeiros ou pequenos traficantes ou da saída de contrabando, ainda assim bloqueavam a penetração de novos assentamentos mais a leste da serra o espinhaço”.

<sup>20</sup> “O Caminho Novo, (...) foi a diretriz que serviu mais tarde ao traçado da Estrada União e Indústria, e que ainda é seguida em nossos dias, em suas grandes linhas, pela moderna rodovia Rio-Belo Horizonte.” (VALVERDE, 1958, p. 26)

Em 1805, quando grande parte das reservas de ouro no estado já estava esgotada, foi anulada a medida que mantinha a Zona da Mata como área isolada e, pouco depois, com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, declarada pelo príncipe regente a guerra aos indígenas que ali viviam, conhecidos de maneira geral como botocudos<sup>21</sup>. A partir de então torna-se mais comum a penetração de precursores, dentre os quais não se pode deixar de citar o militar francês Guido Thomaz de Marlière<sup>22</sup>. Assim, quando em 1830 começam a aparecer os primeiros vestígios da marcha pioneira (VALVERDE, 1958), estes colonizadores se deparam com uma ocupação humana já existente e com uma cultura diferente, pois:

todos esses sertanejos racialmente mesclados estavam formando uma cultura distinta das vilas sob o controle português. A população das vilas os chamava, desdenhosamente, de ‘caboclos’ ou ‘caipiras’ (DEAN, 1996, P.119)

Como bem ressalta Valverde (1958, p.27) “não bastou ser suspensa a interdição sobre a Zona da Mata para que ela se tornasse uma zona pioneira. (...). Faltava ainda a mola econômica, representada pelo surto cafeeiro”. Foi então, ao longo do século XIX, que a mesorregião passou a ser progressivamente ocupada por assentamentos integrados ao governo central.

Os fluxos populacionais que chegavam à Zona da Mata provinham sobretudo do sul (vale do Paraíba) e do oeste (zona mineradora). As correntes vindas de sul foram ainda mais preponderantes e, devido a isso, a ocupação ocorreu “de maneira que a resultante teve uma direção geral para nordeste, e talvez até NNE” (VALVERDE, 1958, p. 28). Valverde separa esta marcha do povoamento em três períodos: até 1830, quando esta ocupação tinha por limites a oeste a vila de Rio Preto, a norte Juiz de Fora, e a leste Mar de Espanha; de 1830 a 1850, quando além de avançar para norte englobando as cidades de S. João Nepomuceno,

---

<sup>21</sup>De acordo com artigo publicado na Revista do Arquivo Público Mineiro, botocudos “é o nome tradicional da grande nação selvagem, que outrora dominou parte do Sudeste, toda a região oriental e o Nordeste de Minas Geraes”. (Senna, [1928] 1938)

<sup>22</sup>Oficialmente designado, em 1828, para a missão de abrir um caminho que ligasse a região de exploração mineral ao Campo dos Goitacazes, e acabou realizando feitos notáveis, como a fundação de arraiais e a “pacificação” de índios. (VALVERDE, 1958)

Leopoldina e Cataguases, ela parte da zona de mineração (a oeste) para leste alcançando as vilas de Ubá e Viçosa; e por fim o período de 1850 a 1870, quando a ocupação já se acerca da porção mais a norte da mesorregião, então englobando as vilas de Ponte Nova, Carangola e Espera Feliz.

O surto cafeeiro do século XIX na Zona da Mata teve, e nisto Valverde (1958) é bastante enfático, características mui semelhantes àquele ocorrido no médio vale do Paraíba. Em ambas as regiões o referido autor destaca a existência de uma mesma estrutura agrária. Diz ele: “é uma franja pioneira, formada de latifúndios cafeeiros e mão-de-obra escrava” (VALVERDE, 1958. p. 31). Esquemáticamente, a paisagem da zona pioneira tinha: nas encostas mais elevadas, a mata; encosta abaixo vinha então o cafezal (intercalado com culturas de subsistência quando novo, e sozinho depois de adulto); e nos vales, por fim, estavam as fazendas, pastos, currais e estradas.

A dinâmica desta ocupação que começava com a produção do café tinha destino certo, e assim como se deu o progressivo avanço da pujança cafeeira deu-se, anos depois, o progressivo avanço do esgotamento das terras, “aquela paisagem que conhecemos hoje, triste, vazia, de contornos aveludados, dos pastos de capim gordura” (VALVERDE 1958, p. 33). Ou seja, o destino quase certo do que fora uma zona cafeeira era tornar-se uma zona de pecuária. Além desta mudança na “vocação econômica”, ocorreram ao longo do século XIX outras, as quais começam a delinear o tipo de ocupa o que se encontra atualmente.

O fim do regime de escravidão foi talvez a maior dessas mudanças, levando a novas rela oes de trabalho (mea o da produ o e pagamento de diárias) e mesmo a uma reconfigura o do habitat rural, o qual deixa de ser nucleado (em torno do terreiro de secagem do café) e passa a ser disperso, com casas<sup>23</sup> individuais para cada família, espalhadas pelas margens dos rios, terraços fluviais e beiras de estradas.

---

<sup>23</sup> “  uma constru o pequena, de uma ou duas peças, tendo atrás, separado, pequeno telheiro de palha, com paredes de pau-a-pique de madeira ou bambu, que serve de galinheiro ou chiqueiro” (VALVERDE, 1958, p. 37)

### 4.3 Características econômicas da mesorregião

Às vésperas da década de 1960, Valverde reconheceu “tipos de paisagem” na Zona da Mata. Na definição destes “tipos” pesam sobretudo as atividades econômicas (principais e secundárias) e as relações aí imbricadas (trabalho, dispersão habitacional, distribuição da produção). Nesta regionalização o referido autor observa de maneira bastante minuciosa, para uma descrição de tal magnitude, as características preponderantes das atividades sociais em áreas delimitadas no interior da Zona da Mata.

Dentre os dez “tipos” e “subtipos” definidos por Valverde, sobressaem em termos de área aqueles dedicados primordialmente à pecuária leiteira (e, em algumas áreas, à produção de laticínios), à pecuária de corte, ao cultivo de fumo, ao cultivo de café, e ao cultivo de cana-de-açúcar. Em alguns destes “tipos de paisagem”, o autor assinala a existência de industrialização e urbanização, mas até a época, esta era pouco significativa, sobretudo para a área em que está localizado o PESB e seu entorno. Em todos eles há cultivos secundários, dentre os quais se destacam a produção de grãos ou alguma das atividades acima listadas, e além destes uma série de gêneros de subsistência.

Estas observações são deveras pertinentes porque nos dão uma noção do que se passava na área estudada quando do primeiro recorte temporal da pesquisa, ou seja, a época de atuação da Cia. Belgo-Mineira nas matas da serra do Brigadeiro. Mas, como a área de estudo localiza-se numa porção específica da mesorregião em questão, nos deteremos nos “tipos de paisagem” em que o entorno do PESB se encaixa.

Muito embora não haja referências diretas a grande parte do entorno da serra, tomam-se como referência as duas paisagens-tipo que Valverde atribui às porções ocidental e oriental da Serra do Brigadeiro, no que é hoje a faixa média do parque.

A oeste da serra do Brigadeiro está designada uma das áreas propriamente cafeeiras, também chamada subzona de Ervália. Trata-se, como ressalta Valverde (1958), de uma área

de ocupação antiga, mas se mantém aí o café como principal cultivo de finalidade comercial, sendo seguido pelo milho e pela criação extensiva do gado de corte. Esta subzona compreende terras situadas no nível de 800 a 900 metros e nela predominam os latifúndios, sendo o maior deles composto por 6000 alqueires.

Sobre as relações de trabalho, diz ele que estas muito se assemelham à zona onde a pecuária de corte é preponderante. “As relações de produção entre fazendeiro e trabalhadores rurais (...) são o trabalho ‘por turma’ para o café e a meação para as demais culturas” (VALVERDE, 1958, p. 57). As condições dos trabalhadores rurais são, segundo o referido autor, de extrema pobreza.

Outra “subzona” cafeeira é identificada mais a norte na mesorregião da Zona da Mata, nas cercanias de Abre Campo, Manhumirim e Manhuaçú. Aí a produção cafeeira beneficia-se, provavelmente, da maior altitude e de solos mais ricos posto que mais próximos da rocha matriz, e assim adquire maior importância do que na subzona de Ervália. Aqui também predominam as grandes propriedades e as relações de produção descritas acima.

Já na porção oriental da serra é a pecuária que se apresenta como atividade econômica preponderante. Sobretudo a criação do gado de corte, mas também a do gado de leite e, neste caso, a produção de laticínios. Valverde (1958) nos indica que toda a porção leste da Zona da Mata tem fortes relações com o Rio de Janeiro, para onde vai grande parte de sua produção. Estas relações tornam-se ainda mais fortes quando, durante a segunda guerra mundial, é aberta a estrada Rio - Bahia, que atravessa toda a porção leste da Zona da Mata no sentido norte-sul.

A produção do gado de corte segue o mesmo padrão das demais áreas onde esta atividade é praticada, ou seja, predomínio de latifúndios e mão-de-obra à meação ou por diária. Nestas áreas há também a produção de café, mas como atividade secundária e bastante rústica. Outros produtos voltados à subsistência tais como o gado leiteiro, o milho, o feijão e o

arroz são também produzidos. Tanto aqui quanto nas outras áreas onde predominam os latifúndios ocorre, a estes associado, o desenvolvimento de uma agricultura/pecuária de subsistência, dinâmica esta aliás muito antiga em nosso país. (PRADO JÚNIOR 2004[1942]) No interior desta zona de pecuária de corte extensiva está o que Valverde (1958) classificou como “zona de sitiantes”, a qual consiste basicamente em pequenos proprietários produzindo laticínios e outros produtos secundários tais como o milho, o café, a cana-de-açúcar e o arroz-de-brejo. A mais importante destas áreas abrange uma faixa que vai de Carangola para oeste, onde estão também duas outras áreas com semelhante configuração, localizadas nos arredores dos povoados de Santa Bárbara e Fervedouro.

#### **4.4 A criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**

O estudo de Valverde (1958) é, sem dúvida, de grande valia para qualquer um que se disponha a pesquisar na Zona da Mata de Minas Gerais, mas ele tem também suas limitações. Um esforço de classificação e síntese de tal magnitude não poderia, naturalmente, abarcar todas as especificidades de cada uma das áreas desta mesorregião. Dentre as áreas pouco abordadas está justamente a Serra do Brigadeiro e seu entorno. Assim, conhecemos de modo geral o contexto sócio-espacial da área estudada, mas não se pode dizer o mesmo sobre as especificidades das atividades que se desenvolviam ali quando da criação do PESB.

A instalação e funcionamento, entre as décadas de 1950 e 1970, da empresa siderúrgica Belgo-Mineira é talvez a atividade mais relevante para a análise que aqui se propõe. Ela retirava da mata localizada na Serra do Brigadeiro a madeira que alimentava alguns de seus altos-fornos, e neste período muitos dos trabalhadores rurais locais passaram a ser empregados da referida empresa siderúrgica, trabalhando no corte e retirada de madeira. Barbosa (2005, p.94) caracteriza o tempo em que a empresa esteve atuando na Serra do Brigadeiro como um “período de grande prosperidade local e circulação de dinheiro, mercadorias, aventureiros, e policiamento ostensivo”.

O fato é relevante por duas razões principais, primeiro porque a atuação da Belgo-Mineira na Serra do Brigadeiro pode ser vista como um movimento de transformação do espaço e da cultura do campesinato ali residente em função das novas atividades exercidas e pelas novas relações estabelecidas. E também porque foi ela que chamou a atenção de alguns pesquisadores da então recém-criada (em 1960) Escola Nacional de Florestas, em Viçosa, para o desmatamento e conseqüente destruição da paisagem natural. Foi da preocupação de dois destes pesquisadores que surgiu a primeira proposta para a criação de uma unidade de conservação na serra.

Assim a preocupação com a proteção da natureza, suscitada pela ação da empresa e corporificada na proposta de criação de uma Unidade de Conservação, acaba com a origem e o motor do processo de transformação cultural para começar a refazê-lo, anos mais tarde, a partir de outros parâmetros.

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi criado no ano de 1996, mas como vimos a preocupação com a preservação da natureza naquela área remete-nos à ação da empresa Belgo-Mineira, e à proposta formulada pelos professores/pesquisadores do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa (DEF-UFV) Elmar Alfenas Couto e James M. Dietz, de criação de um Parque Nacional na serra do brigadeiro. Contudo, esta preocupação com a devastação já se expressara antes da proposta por meio do Decreto Presidencial nº 1.493, de novembro de 1962, que declara as florestas nativas da região (de propriedade privada) como protegidas. (BONFIM, 2006; COUTO e DIETZ, 1980)

A proposta inicial para a criação de uma unidade de conservação só começa a ser formulada depois do embargo da atividade de desmatamento no ano de 1970. Ao longo desta década os referidos professores fizeram as pesquisas consideradas necessárias e a proposta ficou pronta em 1976<sup>24</sup>. Nela identificaram-se os principais atributos naturais da área, bem

---

<sup>24</sup> A data do documento é, como se vê nas referências, de 1980. Contudo, o trabalho de Bonfim (2006, p.36/37) cita a proposta e data-a de 1976.

como sua situação fundiária. Esta última apontava a existência de 400 famílias residindo no interior dos 32.500 ha nos quais se sugeriu a criação do parque e que tinha por critério de delimitação a cota altimétrica dos 1000m acima do nível do mar. Todas as áreas acima da cota 1000m seriam parque.

Esta proposta se justificava de duas formas: primeiro apelando para a importância ecológica dos exemplares existentes na serra e por sua peculiaridade no contexto da Zona da Mata (afloramentos rochosos em meio ao “mar de morros”); e em segundo lugar para o potencial turístico da região, o qual se apresenta na proposta como compatível com os objetivos de conservação da natureza. (COUTO E DIETZ, 1980)

É com base neste documento e num abaixo assinado com dez mil adesões (levado a cabo pelo também professor Virgílio Andrade) que o governo do estado de Minas Gerais (e não o governo federal, como previa a proposta inicial) promulgou uma lei em julho de 1988, autorizando a criação de um parque estadual na serra. O decreto seguia as orientações da proposta para a determinação dos limites físicos da unidade de conservação. (BONFIM, 2006)

São justamente estes critérios e os limites que nos levam ao que é, pode-se dizer, a principal característica do processo de criação e implantação do PESB: o pioneirismo no tocante à participação popular<sup>25</sup>. Esta se deu inicialmente na luta estabelecida pelos agricultores para a redução da área do parque e adoção de outro critério que não a cota dos 1000m, evitando assim a desapropriação e retirada dos mesmos de suas residências.

Até 1993, quando se iniciam também os estudos do meio físico para a criação do PESB pela empresa ENGEVIX, os moradores do entorno não tinham muitas informações sobre a criação, e somente sabiam dos rumores de que seriam desapropriados.

---

<sup>25</sup> Uma análise mais apurada das relações entre o contexto global e brasileiro e as formas de se criar unidades de conservação no país pode ser encontrada em Praça (2006).

Foi no DRP<sup>26</sup>, realizado conjuntamente pelo CTA-ZM e STR de Araponga com o objetivo de traçar um plano de trabalho para este sindicato<sup>27</sup>, que o assunto da criação do parque surge, como demanda a ser pesquisada diante dos questionamentos levantados pelos agricultores sobre a validade de se traçar um plano para uma terra que se está em vista de perder. Para Bonfim (2006, p.40) “o DRP de Araponga marcou o início da participação social nas discussões sobre a criação e implantação do PESB. A partir daí começou a mobilização para reverter os limites, pois havia muitas famílias acima da cota 1000m”.

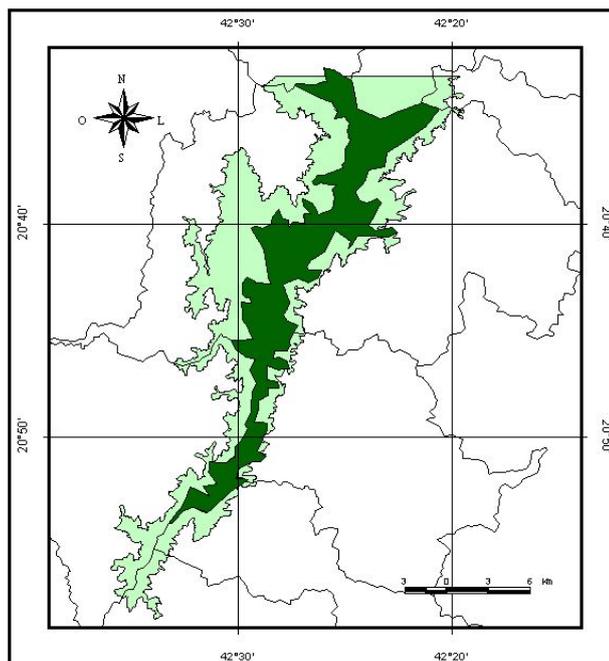
Em função desta mobilização, que pelo fato do PESB ocupar área de oito municípios se elevou para uma escala micro-regional, quando o parque foi criado em 1996 sua área havia sido reduzida para 13.200 ha e as desapropriações não se faziam então necessárias (mapa 4). Além disso, ficou estabelecido também que o parque teria a participação de representantes das comunidades de entorno em sua gestão. O conselho consultivo da unidade de conservação, no qual estão os representantes destas comunidades, somente foi criado, contudo, em 2004.

O processo de participação popular foi, sem dúvida, muito mais tenso e conflituoso do que faz parecer nossa breve descrição, portanto cabe ressaltar aqui as dificuldades encontradas pelos camponeses do entorno do PESB, e a importância das parcerias estabelecidas entre os STRs, movimentos populares, o CTA-ZM, alguns professores da UFV e setores mais progressistas da igreja católica.

---

<sup>26</sup> DRP é o Diagnóstico Rural Participativo. Ele pode ser, grosso modo, definido como um conjunto de técnicas de diagnóstico pelas quais os agricultores compartilham seu conhecimento da realidade com vistas a planejar e agir sobre os problemas diagnosticados.

<sup>27</sup> Barbosa (2005) apresenta um interessante panorama da formação dos sindicatos de trabalhadores rurais da zona da mata de Minas Gerais no qual atesta a imensa importância do trabalho de formação política desenvolvido pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).



**Mapa 4:** Área proposta para a criação do PESB (polígono verde claro) e área do PESB quando de sua criação (polígono verde escuro). Fonte: cedido por CTA-ZM.

Se este processo não é mais bem detalhado, isso se deve principalmente ao fato de que, para os fins aqui almejados, é suficiente saber que o contato estabelecido entre os órgãos do poder público responsáveis pela criação do PESB e os moradores do entorno foi muito maior do que o que se passava nos parques criados até então. O que queremos apontar com isso é que, ao menos como uma hipótese, o processo de transformação cultural seja ainda maior nesses casos, uma vez que há um contato maior e mais consistente (embora isso não signifique que não haja conflitos, lembremos uma vez mais). Além disso, este detalhamento da participação popular já foi feito por outros pesquisadores. (BONFIM, 2006; BARBOSA, 2005)

#### **4.5 O PESB e seu entorno**

Até aqui não se pretendeu mais do que uma contextualização sócio-espacial do PESB e de seu entorno, por meio do histórico de ocupação da área e de criação do próprio parque. Há, porém, algo mais a ser feito para que esta contextualização esteja satisfatoriamente

concluída. Trata-se de uma explicação do que é, em termos legais, ser um parque e estar no entorno de um parque. Não vamos aqui nos preocupar em explicar o porquê de se criar áreas de proteção da natureza e nem em fazer um histórico de criação destas áreas por que o tema já foi amplamente debatido. (DIEGUES, 2001; COLCHESTER, 2000; CASTRO, 2000; MILLER, 1997) Além disso, aqui importam mais as conseqüências da criação de uma unidade de conservação do que sua causa ou força motriz.

É necessário ressaltar que o processo de criação e implantação do PESB é anterior à aprovação do SNUC, e mesmo que há indícios de que esta experiência tenha contribuído para os debates deste sistema, sobretudo nos aspectos relativos à participação popular na criação e gestão de U.C.s. (BONFIM, 2006). Essa ressalva não torna, contudo, desnecessária a apresentação que aqui se propõe.

A legislação atualmente pertinente para o estabelecimento de áreas de proteção da natureza no Brasil está contida no Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, instituído pela Lei 9.985 de 18 de Julho de 2000. Aí estão as normas e critérios para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação – U.C.s, nome pelo qual são legalmente chamadas as áreas demarcadas e instituídas com o fim de conservação da natureza. Há no SNUC a previsão de 12 categorias de unidades de conservação, cada uma das quais com características particulares no que se refere às normas e critérios supracitados.

Estas doze categorias estão agrupadas em dois grandes conjuntos, as U.C.s de Proteção Integral, cujo objetivo básico é “preservar a natureza”, sendo admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais, ou seja, aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição destes recursos; e as U.C.s de Uso Sustentável, onde é admitido o uso de parte dos recursos naturais, sendo este uso descrito nos termos da lei como a:

exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo

a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável. (BRASIL, 2000, art. 2º)

A categoria de U.C. que mais especificamente nos interessa aqui, inclui-se no primeiro grupo, não admitindo portanto o uso direto dos recursos naturais contidos em seus limites. Esta informação é, contudo, demasiado generalizante para os fins aqui almejados. Vamos então às demais especificidades de uma dada porção do espaço quanto ela é tornada uma U.C. da categoria “Parque”. Ainda com base no referido documento, temos que:

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

§ 1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 3º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento. (BRASIL, 2000)

Como se pode perceber, trata-se de um processo de redefinição dos objetivos e das funções de uma área, e da criação dos mecanismos de controle necessários para que esta mudança se materialize no espaço. Neste percurso, grande poder recai sobre o órgão responsável pela administração da U.C. – no caso de que nos ocupamos, o Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, IEF-MG – e sobre o Plano de Manejo.

Este é o documento que determina o zoneamento, as normas que regem o uso da área e o manejo dos recursos naturais, e mesmo a implantação da infra-estrutura necessária à gestão da unidade. Estas determinações extrapolam, todavia, os limites territoriais da U.C., pois a lei estabelece também que os Parques devem possuir uma “zona de amortecimento”, onde há normas específicas para a ocupação e uso dos recursos, estabelecida também neste mesmo documento. (BRASIL, 2000, Art. 25)

Mesmo sabendo que as leis não são cumpridas à risca, não podemos deixar de enxergar nesta ação de zoneamento, estabelecimento de normas e penalidades, um processo de transformação no modo de vida das pessoas residentes neste entorno. Mesmo num caso como o do PESB, onde há certo grau de diálogo e de participação dos moradores locais no processo de gestão, a força da autoridade e da lei costuma ser forte demais para que a U.C., e sobretudo sua “zona de amortecimento”, sejam genuinamente uma manifestação espacial da democracia promulgada na lei.

A própria determinação de que se constitua, em cada U.C. do grupo de Proteção Integral, um Conselho Consultivo<sup>28</sup>, não garante que os moradores do entorno deste Parque possam atuar efetivamente em sua gestão. Isso ocorre por duas razões principais: em primeiro lugar pelo próprio caráter do conselho (que é apenas consultivo, e não deliberativo); e, além disso, pela forma como se desdobram os processos administrativos, repletos de burocracia e de autoridades (professores universitários, técnicos de ONG's, políticos, etc.). Não é difícil imaginar o quão complicado é para um morador da zona rural, com poucos anos de estudo formal, inserir-se neste processo.

O Conselho Consultivo do PESB encaminha-se, este ano, para seu terceiro biênio. Ele é composto por dezoito (18) membros efetivos e dezoito (18) suplentes, representantes da sociedade civil e de entidades públicas, obedecendo à seguinte paridade:

- a- 04 (quatro) representantes indicados pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF, sendo dois efetivos e dois suplentes;
- b- 08 (oito) representantes de órgãos ambientais dos municípios abrangidos pelo PESB, sendo quatro efetivos e quatro suplentes;
- c- 06 (seis) representantes de órgãos ou instituições públicas estaduais responsáveis por áreas afins às peculiaridades do PESB ou do seu entorno, sendo três efetivos e três suplentes;
- d- 04 (quatro) representantes de entidades de trabalhadores atuantes na região abrangida pela unidade e inserida no entorno, que exerçam atividades afins com o PESB, sendo dois efetivos e dois suplentes;

---

<sup>28</sup> “Presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil, por proprietários de terras localizadas em Refúgio de Vida Silvestre ou Monumento Natural, quando for o caso, e, na hipótese prevista no § 2º do art. 42, das populações tradicionais residentes, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade.” (BRASIL, 2000, Art. 29).

- e- 04 (quatro) representantes da comunidade científica atuante na área do PESB ou no seu entorno, sendo dois efetivos e dois suplentes;
- f- 04 (quatro) representantes de organizações não governamentais ambientalistas que atuem na área ou no entorno do PESB, sendo dois efetivos e dois suplentes;
- g- 06 (seis) representantes da população local do entorno, eleitos entre as associações de moradores e moradoras e conselhos comunitários registrados em cada município, sendo três efetivos e três suplentes. (IEF-MG, 2004, Art. 2º)

No caso do Plano de Manejo do PESB, as especificações do zoneamento estabelecem que a zona de amortecimento se estenda por uma área de 10 km ao redor do parque (mapa 5), dos quais exclui as sedes municipais e distritos, bem como a área de 1 km em torno destes. As recomendações de uso para esta zona são:

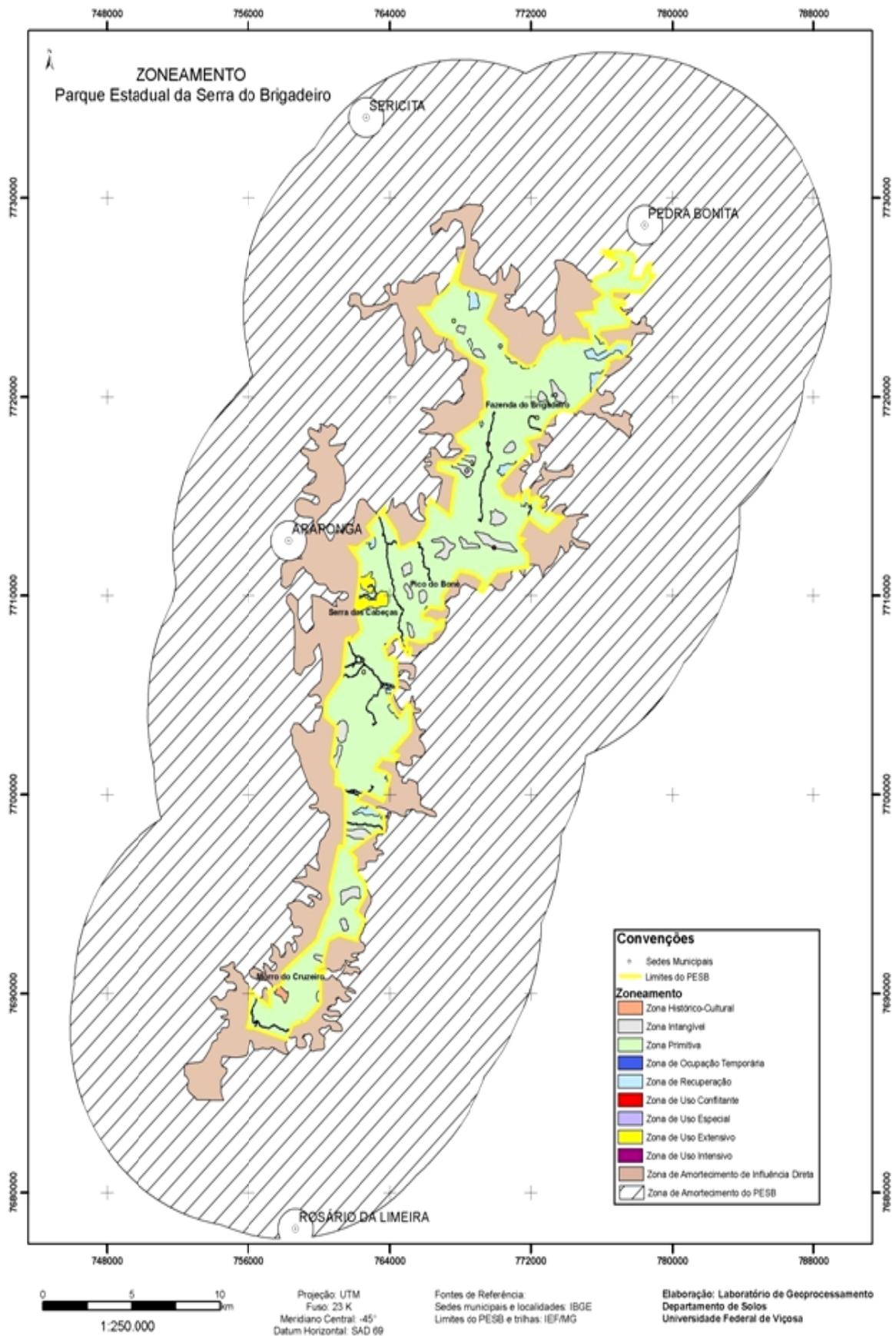
deverão ser vedadas ou restringidas atividades impactantes sobre solo e águas, como extração mineral, barragens, dragagens, construção de aterro sanitário, e outras, obedecida à legislação específica em vigor. (IEF - MG, 2007, p. 24, encarte 2)

As comunidades onde foram realizadas as entrevistas localizam-se nesta zona de amortecimento, mais especificamente, na “zona de amortecimento de influência direta”, ou seja, as áreas que possuem conectividade com a área do PESB, e para as quais a recomendação, um tanto generalizante, é de que a gestão seja “conduzida com atenção especial pelo IEF e pelos órgãos ambientais municipais” (IEF - MG, 2007, p.25, encarte 2). O documento, contudo, apresenta como um de seus programas de gestão a “integração com o entorno”.

Dentre estes programas há dois que devem ser destacados por sua intenção de influenciar o entorno. O primeiro deles é o Subprograma de Educação Ambiental, por meio do qual se pretende enfatizar a aproximação da UC com as comunidades e visitantes, através de programas e projetos capazes de sensibilizar as pessoas quanto às questões que envolvem o meio ambiente, o PESB e estas pessoas.

Poderia tratar-se, de fato, de uma abertura para o diálogo acerca da criação e gestão de áreas de proteção da natureza, mas uma vez que esta aproximação tem como ponto de partida,

a “compreensão da importância da UC no desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental” (IEF - MG, 2007, p.49, encarte 2), não nos parece muito possível chegar a uma conclusão na qual esta importância seja mais profundamente questionada. Com isso, não resta aos moradores de entorno senão a aceitação desta importância e a mudança no modo de pensar e fazer.



**Mapa 5:** Zoneamento do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Fonte: Plano de Manejo do PESB, segundo encarte, p. 13

A outra ação de influência sobre o entorno que vale ser aqui destacada consubstancia-se no Subprograma de Incentivo a Alternativas de Desenvolvimento. Este se propõe a uma influência ainda maior, pois não se trata somente de refletir sobre os problemas ambientais, mas de estímulos e restrições às atividades econômicas dos moradores, ou seja, de questões um tanto mais urgentes para a sobrevivência dos mesmos. Estes estímulos à geração de emprego e renda se constituem em mudanças significativas na sua forma de “ganhar a vida”, pois estão guiados por um preceito absolutamente novo: a redução das pressões sobre o PESB. Transcrevemos aqui os objetivos específicos deste subprograma com vistas a ilustrar o caráter desta mudança.

- Aumentar a proteção do Parque por meio da *transferência de tecnologias conservacionistas* para proprietários e moradores do entorno;
- Contribuir para a melhoria dos empreendimentos já existentes, garantindo o aumento da qualidade dos serviços prestados;
- Maior *divulgação e apoio às atividades econômicas compatíveis ao meio ambiente* como ecoturismo, agroecologia e práticas agrossilvopastoris. (IEF - MG, p. 81, encarte 2) (grifado aqui).

Lembre-mos de que o que enunciam os documentos não corresponde *tout cours* à realidade, mas não é por isso que eles deixam de nos indicar algumas intenções. Neste caso trata-se de um plano de ação publicado muito recentemente e portanto, quando muito, apenas parcialmente desenvolvido, mas que está no horizonte administrativo da U.C. Por hora o que realmente há, em termos de ação administrativa, na relação com o entorno é a sistemática fiscalização e punição dos crimes ambientais. Os programas e subprogramas de gestão ainda não possuem um desenvolvimento sistemático, sendo executados de maneira informal ou pouco coordenada.

## 5 A vida no entorno da serra e no entorno do parque

Desde o princípio deste texto estamos tratando de mudanças, transformações, e modernização. Pois bem, neste capítulo vamos a estas mudanças. E é, primeiramente, por meio do que dizem os moradores do entorno do PESB que pretendemos alcançá-las. Assim, com base no referencial teórico e especial atenção à definição do camponês e os processos de modernização, buscou-se nas entrevistas informações sobre as transformações no modo de vida e atual condição de moradores das quatro comunidades já citadas no segundo capítulo (Serra das Cabeças e Córrego do Boné – em Araponga; Bom Jesus do Madeira, em Fervedouro; e Serra do Sapé em Miradouro).

Quanto à sua atividade produtiva, a grande maioria dos entrevistados (14) é produtor agrícola e proprietário. Há também, dentre os entrevistados, três agricultores meeiros. E há ainda aqueles que se dedicam à “roça” e complementam seus orçamentos com outras atividades. Foram entrevistados ainda mais três funcionários do PESB (4, no total), sendo que um deles possui também uma pousada. Os outros dois entrevistados foram: um empresário do turismo (vindo de fora), e um agente de saúde, que também explora o turismo local. (Tabela 3)

**Tabela 3:** Atividade Econômica dos Entrevistados

<b>Descrição da atividade</b>	<b>Número de Entrevistados</b>
Produtor Agrícola – Proprietário	12
Produtor Agrícola – proprietário e aposentado	2
Produtor Agrícola – Meeiro	3
Produtor Agrícola – diarista	1
Produção Agrícola (proprietário e aposentado) + atividade secundária (comércio)	1 (vende roupa íntima na casa das pessoas ou locais de encontro)
Produção Agrícola + atividade secundária (turismo)	1

Produção Agrícola como atividade secundária (prestação de serviço)	1 (motorista)
Produção Agrícola como atividade secundária (emprego público)	1 (funcionário do PESB)
Produção Agrícola como atividade secundária (comércio)	1 (dono de bar)
Exploração Turística	1
Exploração Turística + atividade secundária (agricultura)	1
Exploração Turística como atividade secundária (emprego público)	2 (1 funcionário do PESB e um agente de saúde)
Emprego público – funcionário do PESB	2
<b>Total Geral</b>	<b>29</b>

Além disso, cabe colocar que foi dada a preferência, na seleção dos entrevistados, àqueles que vivem no entorno da Serra do Brigadeiro há muito tempo, pois estes podem nos dar mais informações sobre a realidade ali vivenciada nos períodos passados. Dentre os 29 entrevistados, 14 nasceram e viveram toda a vida no entorno. Somente um dos entrevistados vive na serra há menos de 10 anos. Residindo ali por um período entre 10 e 20 anos, há 6 entrevistados; entre 21 e 30 anos, 3 entrevistados; entre 31 e 40 anos, 9 entrevistados; e há mais de 40 anos, foram 10 entrevistados.

A análise das entrevistas é então feita a seguir, em três momentos da vida desta população: o período em que a Belgo-Mineira atuava na serra (décadas de 1950/60); o período pré-parque e pós-Belgo-Mineira (décadas de 1970/80); o período pós-criação do parque (dos anos de 1990 pra cá). Foram selecionadas dentre as respostas dos entrevistados aquelas que tratam da relação com a área do PESB, dos aspectos econômicos, da infraestrutura e circulação de pessoas, e dos aspectos legais e referentes à presença do poder

público. Estes aspectos foram selecionados, pois são indicadores da modernização em curso, ou seja, nos trazem informações sobre o grau de complexificação da organização social e de desenvolvimento da infra-estrutura (sobretudo em termos de transporte e comunicações) nestas comunidades.

## **5.1 A vida no entorno da serra**

A atual área do PESB é inevitavelmente vista por todos como uma reserva para a conservação do meio natural e vive-se em seu entorno respeitando as exigências e oportunidades que esta relação de vizinhança apresenta. Esta mesma área, contudo, já teve outros significados e conseqüentemente outras “relações de vizinhança”, que apresentavam e traziam consigo também determinadas oportunidades e limitações. Quando me refiro então à vida no entorno da serra, o faço na tentativa de evidenciar, nos períodos anteriores à criação do parque, as formas como esta área era vista pelos moradores e como se desenrolava a vida nas comunidades estudadas nestes contextos.

### **5.1.1 – O “tempo” da Belgo-Mineira**

O primeiro recorte temporal corresponde às décadas de 1950 e 60, época em que, como já mencionado, a companhia siderúrgica Belgo-Mineira extraía da serra a madeira da qual se produzia parte do carvão utilizado em seus altos-fornos (figura 2). Tanta madeira foi retirada da serra neste período que é das conseqüências desta exploração que surge a idéia de criação do PESB.



**Figura 2:** Troncos de árvores retiradas na Serra do Brigadeiro na década de 1960. Fonte: [www.asminasgerais.com.br/](http://www.asminasgerais.com.br/)

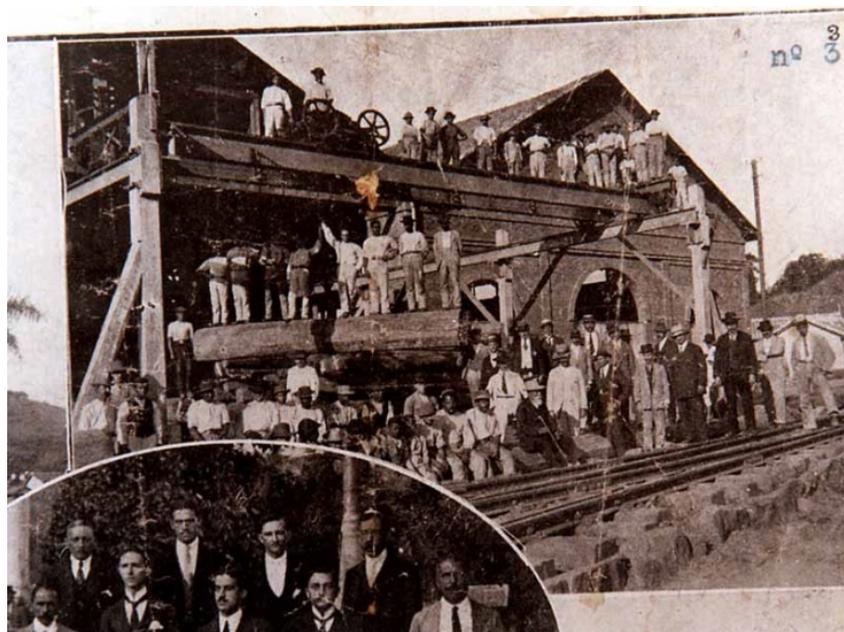
Dentre todas as informações obtidas, aquelas referentes a este período são as menos numerosas. Em grande medida por conta da distância temporal que dele nos separa – de modo que somente alguns poucos entrevistados, os mais velhos, puderam nos dar informações; e também porque a Belgo-Mineira não atuava em toda a extensão da serra, mas somente em alguns pontos, assim alguns dos entrevistados não viveram a presença desta empresa tão intensamente quanto outros.

Um dado muito interessante deste período, e revelador da influência da Belgo-Mineira nas comunidades do entorno, é a estrada que era utilizada para o transporte de madeira e carvão por esta empresa, a atual Trilha do Carvão, que liga as comunidades de Bom Jesus do Madeira (Fervedouro) e do Córrego do Boné (Araponga). Assim, nesta época era por essa estrada que se atravessava a serra de um lado ao outro, e não pela atual estrada, que passa pela sede do PESB e liga Bom Jesus do Madeira à comunidade da Serra das Cabeças, em Araponga (anexo 3).

Diante de tal informação, embora a empresa tenha mobilizado um grande contingente no entorno da serra como um todo, era de se esperar que as comunidades mais influenciadas

pela sua presença fossem aquelas ligadas pela atual Trilha do Carvão, e essa expectativa confirmou-se nas entrevistas (figura 3). Os entrevistados na comunidade da Serra das Cabeças relatam que alguns de seus familiares e ou amigos trabalharam para a Belgo-Mineira, mas estes saíam da mesma pra trabalhar nos pontos onde a empresa atuava e deixavam suas famílias; e os entrevistados da Serra do Sapé, não nos deram qualquer informação sobre este período.

Os relatos apontam então para uma grande mobilização de trabalhadores por parte da Belgo-Mineira, sendo a maior parte destes, de moradores do próprio entorno da serra. Contam, nas três comunidades em que se obtiveram informações, que quase todas as famílias por ali, sobretudo naquelas ligadas pela atual Trilha do carvão, viviam do trabalho assalariado dos homens, e que a atividade agrícola tinha um papel bastante secundário na sua sobrevivência.



**Figura 3:** Antiga Serraria instalada na Serra do Brigadeiro. Fonte: [www.asminasgerais.com.br](http://www.asminasgerais.com.br)

Nesta época, a área atualmente ocupada pelo PESB era tida como um lugar de oportunidade, onde os moradores do entorno conseguiam obter trabalho e conseqüentemente

dinheiro, mas também como uma fonte de recursos naturais, uma vez que viam toda a retirada de madeira pela empresa siderúrgica. Não foram poucos, dentre aqueles que falaram sobre este período, os que disseram que este era um tempo bom porque as pessoas ganhavam mais dinheiro do que antes e também por que a serra era mais movimentada, havendo grande circulação de pessoas e de veículos. Contudo houve quem se referisse a este período em sentido negativo, tratando do intenso desmatamento promovido e também do aumento da movimentação, que trouxe consigo muita “confusão” (brigas, roubos).

Segundo alguns dos entrevistados de Bom Jesus do Madeira “era a companhia que movimentava o lugar”, trazendo não apenas pessoas e dinheiro, mas também muitas “novidades”. Os mais antigos moradores desta comunidade contam que antes da Belgo-Mineira ir para a serra, quase ninguém por ali conhecia caminhão, e muitos dos moradores iam até o alto da serra para conhecer a infra-estrutura da empresa, a qual contava inclusive com um teleférico, e assim satisfazer sua curiosidade.

Se um aumento da circulação e uma melhora da infra-estrutura podem ser inferidos para o entorno da serra, há que se dizer que este aumento se deu sobretudo nas comunidades ligadas pela estrada então utilizada. Na comunidade da Serra das Cabeças, segundo relato dos entrevistados, a chegada da Belgo-Mineira não influenciou nestes aspectos. Uma das entrevistadas diz que não havia, nesta época, estrada capaz de comportar o tráfego de veículos automotores, só sendo possível a circulação de carros de boi.

Com isso, podemos dizer que a maior influência da atividade da Belgo-Mineira na Serra do Brigadeiro sobre as comunidades se deu sobre os aspectos econômicos da vida local, uma vez que possibilitou aos moradores uma alternativa ao trabalho agropecuário, e mais do que isso, chegou a alçá-lo à condição de atividade secundária em alguns pontos do entorno. Quanto à criação de infra-estrutura e circulação de pessoas, segundo grande resultado de sua

atividade, a influência foi um tanto mais localizada, restringindo-se às comunidades de Bom Jesus do Madeira e do Córrego do Boné.

Em relação aos aspectos legais e à presença do Estado nestas comunidades no período, as informações foram poucas e não diferem em muito da situação observada para o recorte temporal que a esse se segue. Assim os relatos apontam para a inexistência de escolas, postos de saúde, transporte, provimento de energia elétrica, e mesmo da presença de polícia ou outro tipo de fiscalização por parte do poder público.

#### 5.1.2 – Depois que ela se foi...

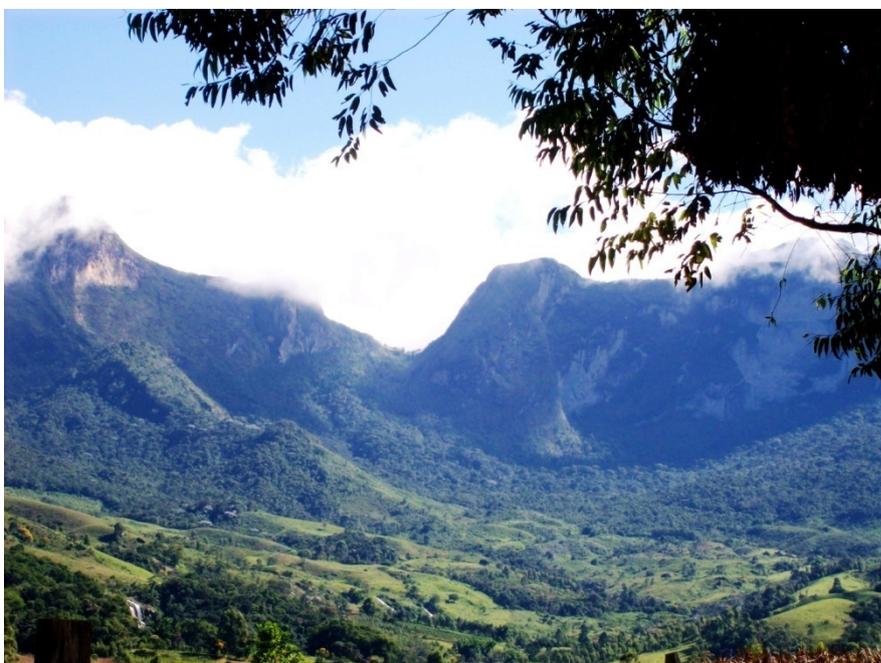
O segundo recorte temporal refere-se ao período posterior à atuação da empresa Belgo-Mineira na Serra do Brigadeiro (embargada no final dos anos de 1960), e anterior à criação do PESB no início da década de 1990. A saída da siderúrgica foi, certamente, muito impactante para a vida local. Sem ela não havia mais os empregos, e sem estes, grande parte da população que não possuía terras no entorno acabou indo embora também. Além disso, diminuiu drasticamente a circulação de veículos. Mas o impacto da saída da empresa, tal como a influência de sua chegada, foi maior em Bom Jesus do Madeira e no Córrego do Boné, e quase inexistente na comunidade da Serra do Sapé.

Assim, é principalmente nos depoimentos de moradores das duas comunidades mais impactadas que encontramos referências ao processo de desativação da estrada utilizada pela Belgo-Mineira. A atual Trilha do Carvão permaneceu ainda como estrada por um tempo, mas foi sendo largada até que se tornasse o que é hoje, por onde só se pode passar a pé, de cavalo, ou de motocicleta. A trilha continuou sendo utilizada pelos moradores para atravessar a serra de um lado ao outro.

No caso do Córrego do Boné os relatos são mais enfáticos quanto à condição de isolamento da comunidade depois da saída da Belgo-Mineira e da desativação da estrada. Em Bom Jesus do Madeira o isolamento foi menor porque a ativação nova estrada – aquela que se

mantém em uso até os dias atuais e que passa pela sede administrativa do PESB – mantém esta comunidade ligada ao outro lado da serra, mas agora à comunidade da Serra das Cabeças. Para esta última especificamente, aumentou um pouco a circulação pela abertura da estrada, mas os relatos dos aí residentes dizem que ela era muito ruim e com isso pouca gente a utilizava. A circulação pela serra de um modo geral, como era de se esperar em função da retração econômica, diminuiu.

A relação com a atual área do parque, que antes era vista como uma fonte de renda, local de muita atividade, também foi se transformando. Todos os relatos nos dizem que, nesta época, a área ficou largada e a vegetação, naqueles pontos em que fora retirada, foi aos poucos se regenerando (figura 4). Sobre a posse da terra, não há informações muito precisas referentes a este período. Muitos dos entrevistados acreditam que a área fosse propriedade de alguém, mas não sabem quem era essa pessoa e dizem que, mesmo sob posse de alguém, a área não era ocupada e nem utilizada por este(s) proprietário(s).



**Figura 4:** Vista parcial do PESB nos dias atuais. Fonte: pesquisa de campo.

A única exceção quanto à não-utilização, dentre as áreas abrangidas neste estudo, é aquela onde se localiza atualmente a sede do PESB. Algum tempo depois da saída da Belgo-

Mineira esta área no alto da serra foi comprada por um médico, que ali instalou uma fazenda na qual criava gado e produzia leite e queijo, e com isso empregava algumas pessoas da comunidade da Serra das Cabeças, tanto em regime de trabalho fixo quanto temporário. Alguns dos entrevistados desta comunidade, bem como alguns de Bom Jesus do Madeira, disseram visitar a fazenda para se consultar com o proprietário (médico) ou simplesmente passar por ali para visitar a Ermida Antônio Martins (figura 5), uma pequena capela localizada no alto da serra, para pagar promessas ou para celebrações religiosas, que ali ocorrem duas vezes por ano.



**Figura 5:** Ermida Antônio Martins e, ao fundo, vista da vertente leste da serra. Fonte: cedido por CTA-ZM.

Nas demais áreas do que é hoje a porção central do parque estadual a mata foi crescendo, apesar do uso eventual da mesma pelos moradores do entorno. Nas quatro comunidades os relatos apontam para a circulação pelas trilhas com o intuito de transpor a serra, e para a retirada de recursos (plantas medicinais, caça, e madeira) destinados ao consumo próprio, como práticas comuns. Há alguns relatos que citam também a retirada de madeira e a caça destinadas à comercialização, mas estes são poucos. Pode-se dizer então, que a área era vista pelos moradores como uma reserva de determinados recursos, mas não como uma reserva particular.

Segundo os entrevistados, nesta época a única possibilidade de trabalho era a “lida na roça”, ou seja, a prática agrícola e ou agropecuária, fosse nas próprias terras, fosse como meeiro, ou como empregado. Diante desta única opção, era comum a saída de população em busca de trabalho nas cidades da região ou mesmo nos grandes centros urbanos. Alguns dos próprios entrevistados viveram por um tempo fora de suas comunidades.

Na Serra das Cabeças, no Córrego do Boné e na Serra do Sapé, a maior parte das áreas era dedicada à pecuária e não como atualmente o são à lavoura cafeeira. Segundo relato dos entrevistados houve um grande aumento das lavouras de café há cerca de 15 ou 20 anos. Em Bom Jesus do Madeira a principal atividade na “roça” era a pecuária e assim se mantém até os dias atuais. Como atividade secundária em todas as comunidades figurava a agricultura de subsistência, produzindo sobretudo café (ou leite), arroz, milho, cana e feijão, além da criação de pequenos animais, cultivo de hortaliças e de árvores frutíferas.

Sobre os aspectos legais da vida nestas comunidades e sobre a presença do Estado neste período, a situação é praticamente a mesma para as quatro comunidades estudadas. Uma frase muito repetida entre os entrevistados quando perguntados sobre estes aspectos foi: “sobre essas ‘coisas da lei’ cada um fazia o que queria, cada um vivia por conta de si mesmo.”. Entre as “coisas da lei”, no contexto das entrevistas, estão sobretudo aquelas práticas que não eram reguladas e fiscalizadas de maneira eficaz pelo poder público, tais como a realização de queimadas, a retirada de madeira e mesmo os roubos e assassinatos, e que passam a sê-lo num período posterior.

Quanto à não-regulamentação e fiscalização da prática de queimadas e de retirada de madeira há, dentre os depoimentos coletados, tanto aqueles que a ela se referem de modo negativo, considerando sobretudo a importância do meio natural, e aqueles que a ela se referem com conotação positiva, considerando a burocracia enfrentada nos dias atuais para a

realização de tarefas cotidianas de modo tradicional. Dizem que a polícia florestal só aparecia muito raramente.

Quanto à violência e os roubos no entorno da serra todos se referem, logicamente, de modo negativo. Foi dito que a polícia nunca aparecia pelas comunidades e que era relativamente comum que as pessoas portassem armas de fogo. Na Serra das Cabeças e em Bom Jesus do Madeira todos os entrevistados comentaram sobre a prática do furto de animais ou de maquinário. Segundo os relatos os assaltantes furtavam, cruzavam pelo alto da serra com o fruto da ação criminosa, e desapareciam com ele. Diz-se que nada podia ser feito sob a pena de ser assassinado. Ainda em Bom Jesus do Madeira, foi relatado, neste ponto sobre a violência e a impunidade devido à ausência do poder público, uma famosa briga entre duas famílias, a qual resultou em diversos assassinatos tanto de membros de uma quanto da outra.

Outras formas de presença do poder público nestas comunidades, tais como a prestação de serviços públicos de educação, saúde, transporte, ou mesmo da instalação da rede de energia e comunicações, ou a abertura e manutenção de estradas, tampouco existiam ou se o faziam era com sérias deficiências.

## **5.2 A vida no entorno do PESB**

Nos últimos anos da década de 1980 e nos primeiros anos da década seguinte desdobrou-se o processo legal que culminou na criação do PESB. O estabelecimento desta área de proteção da natureza trouxe grandes mudanças para a vida da população que antes tivera como “vizinho” naquelas serras a Cia Belgo-Mineira, e que então ali vivia tendo como “vizinho” uma fazenda ou mesmo não tendo “vizinho”. Dentre outras tantas mudanças, nesta área, a floresta que antes devia ser retirada, e depois passou a ser retirada sobretudo de acordo com a necessidade de consumo direto, a partir de então já não se pode retirar de modo algum.

A primeira das mudanças a ser tratada mais detidamente é, a meu ver, aquela que se desenrola ao longo do processo de criação do PESB, em que a população do entorno se mobiliza para alterar a área ocupada pelo parque. Dentre os entrevistados, nas quatro comunidades, há aqueles que participaram de reuniões para discutir sobre os limites do parque e sobre as transformações que sua criação veio a acarretar.

A participação dos moradores do entorno da serra nestas reuniões, por si só já indica uma grande modificação na sua relação com a área pois, em maior ou menor grau, eles influenciaram no estabelecimento da área protegida, e mantém-se influenciando sua gestão, na medida em que estão representados também no conselho consultivo do parque. Esta participação, no processo de criação foi mais acentuada, dentre as comunidades estudadas, nas de Bom Jesus do Madeira, da Serra das Cabeças, e do Córrego do Boné. Já no processo de gestão a participação é mais equilibrada entre as quatro comunidades, havendo dentre os entrevistados em cada uma delas, representantes no conselho consultivo da U.C.

Além desta relação de participante da gestão da área (em certa medida), é muito comum dentre os entrevistados que haja uma relação ainda mais imbricada, pois na maior parte das entrevistas é citado algum parente ou conhecido que trabalha ou já trabalhou no PESB. Há também dentre os entrevistados, em Bom Jesus do Madeira e na Serra das Cabeças, aqueles que moram no entorno e trabalham no parque.

Dentre os que trabalham ou trabalharam no PESB, e aqueles que fazem ou fizeram parte do conselho consultivo, a maior parte fez cursos complementares de formação (com temática relacionada à conservação da natureza e ao recebimento de turistas), como os de guarda-parque, de combate à incêndios, de embarque/desembarque de helicópteros, de manejo de GPS, de educação ambiental e mesmo treinamento administrativo. Estes cursos, bem como as relações estabelecidas pelos moradores do entorno com a administração do parque, com técnicos e cientistas, e com os turistas, contribuem para retirar estes moradores da condição de

relativo isolamento em que viviam, tanto em termos de possibilidade de deslocamento, quanto de acesso a tecnologia e a informação.

Desdobra-se inevitavelmente do que foi dito acima, uma análise das mudanças econômicas na vida destas comunidades, posto que moradores de algumas delas estejam hoje empregados do parque, ou seja, as possibilidades de se sustentar – no período anterior a opção única era a “lida na roça” – ampliaram-se. Além disso, excetuando-se a comunidade do Córrego do Boné, houve depoimentos apontando para um aumento das dificuldades no trabalho agro-pecuário em função dos seguintes fatores: a redução das áreas cultiváveis; as restrições quanto ao uso das técnicas tradicionais<sup>29</sup> (queimadas e “deixar a terra descansar”); e a escassez de mão-de-obra, visto que atualmente há muita gente trabalhando pro parque ou mesmo saindo das comunidades em busca de emprego.

As oportunidades de trabalho ampliaram-se e não apenas pelos empregos no parque, mas também pelo desenvolvimento da atividade turística. Contudo, assim como os empregados no parque – que são encontrados, sobretudo nas duas comunidades localizadas no acesso ao PESB – o turismo também se desenvolve de modo distinto nas quatro comunidades estudadas. Na Serra do Sapé, dentre elas a mais “distante” do parque (pois não tem acesso à sede e nem um dos pontos turísticos), não há ainda nenhum empreendimento para a exploração desse potencial e tampouco a presença de turistas, mas os entrevistados disseram haver projetos, tanto da prefeitura municipal de Miradouro, quanto da EMATER e do STR local, para incentivar a exploração turística, através da visitação de cachoeiras e da implantação de pesque-pague, além da adaptação de algumas casas para o recebimento de hóspedes (figura 6). Um dos entrevistados comentou, quando perguntado sobre pessoas “de fora” morando na comunidade, sobre um senhor vindo de Muriaé que comprou um pedaço de

---

<sup>29</sup> Para a realização de queimadas é necessária a obtenção de uma licença expedida pelo IEF-MG, algo complexo para muitos dos entrevistados, e no caso do “descanso da terra”, não se pode mais utilizá-lo, pois uma vez que a vegetação venha a crescer numa dada área no entorno do parque, não mais se a pode retirar dali.

terra um pouco acima da cachoeira, e sobre sua suspeita de que esse senhor pretende explorar o turismo por ali.



**Figura 6:** Agricultor em frente à sua casa, na Serra do Sapé, da qual se pretende, em função de seu estilo “de fazenda”, fazer uma pousada. Fonte: pesquisa de campo.

Na comunidade da Serra das Cabeças, que possui acesso à sede da U.C., o turismo é mais desenvolvido e a presença de turistas é muito mais freqüente, havendo assim mais pessoas envolvidas com esta atividade. Há aí uma pousada chamada Serra D’Água (figura 7), de propriedade de um senhor vindo de Viçosa. Ele comprou parte da terra em 1991, já com a intenção de explorar o turismo e ciente de que o PESB estava em processo de criação. A partir de então, segundo seu depoimento, trabalhou para viabilizar a pousada que foi inaugurada em 1999. A pousada Serra D’água emprega seis moradores da comunidade e quando o movimento de turistas é muito intenso, mais alguns são contratados por dia. Segundo o proprietário, o número de turistas cresce cada vez mais e não é raro que ele não tenha vagas (sua capacidade é de 19 hóspedes). Foi relatado inclusive, em entrevista com morador da comunidade, a presença de turistas vindos de outros países.



**Figura 7:** Sede da pousada, cozinha (moradora da comunidade) e cachoeira para uso dos hóspedes, dentro da propriedade. Fonte: [www.pousadaserradagua.com.br](http://www.pousadaserradagua.com.br) e [www.flickr.com/photos/just\\_my\\_eyes](http://www.flickr.com/photos/just_my_eyes).

Este caso merece algum destaque por tratar-se de um ótimo exemplo do turismo como um importante vetor do processo modernizador, pois o proprietário da pousada é um empreendedor capitalista com algumas pretensões e certo poder de transformação sócio-espacial.

Atualmente ele possui 276 hectares de terra na Serra das Cabeças, dispostos em quatro propriedades, numa das quais está a pousada, onde é também sua residência. Além da pousada o proprietário – que é formado em engenharia civil e trabalhou com construção de condomínios fechados antes de mudar-se para o entorno do parque – está implantando o que ele chama de ecovilas, algo análogo ao que fazia antes, mas no meio rural e com certos preceitos de respeito à natureza. Alguns lotes já foram vendidos e já há uma casa construída. Ainda como planos futuros, ele almeja a construção de mais uma pousada e a transformação da atual pousada em um hotel fazenda, para ampliar sua exploração do turismo ecológico. Toda a sua proposta está baseada no ganho monetário aliado à conservação da natureza, assim o proprietário da pousada vem recuperando a vegetação nativa em suas posses, inclusive com o apoio do IEF-MG; e é também um dos organizadores de um circuito turístico chamado Serras de Minas, o qual inclui a Serra do Brigadeiro.

O funcionamento da pousada e toda a circulação de turistas, somados aos empreendimentos imobiliários e, em função destes, à vinda de pessoas de fora para suas “casas de campo”, além de gerar empregos permanentes e temporários, incitou outros

moradores da comunidade a se interessarem pela exploração do turismo. Há nesta comunidade um bar que além de servir aos próprios moradores locais se aproveita das datas festivas, quando há maior afluxo de turistas, para aumentar suas vendas. Além do bar e da pousada, uma das entrevistadas revelou ter planos de adaptar sua casa para o aluguel de quartos e comercialização de refeições, num futuro próximo.

Toda esta movimentação, de autoridades governamentais, técnicos e cientistas, turistas e empreendedores, na comunidade em questão, levou também aos jovens, segundo os entrevistados, a deixar o seu isolamento geográfico e social e começar a pensar em estudar para conseguir outro trabalho, que não a produção agropecuária, na comunidade ou fora dela. Um dos moradores, o qual é funcionário do PESB e tem cerca de 20 anos, disse uma frase muito significativa sobre isso: “antes parecia que o mundo era só isso aqui mesmo e hoje a gente vê que tem muita coisa, mas tem que estar preparado”. Assim como ele, outros dos jovens da comunidade terminaram o ensino médio e estão empregados, alguns deles cursando o ensino superior. Para tanto, logicamente, eles estão saindo da Serra das Cabeças para morar na sede do município de Araponga ou mesmo em outros municípios.

Na comunidade de Bom Jesus do Madeira o turismo também é bastante bem desenvolvido e até um pouco mais do que na Serra das Cabeças, posto que haja em Bom Jesus do Madeira uma concentração de casas, com ruas calçadas, iluminação pública, escola, pequenos comércios, e um posto de saúde. Com isso, há aí duas pensões – oferecendo serviços hospedagem e alimentação, ambas abertas depois da criação do parque, e alguns bares, sendo a maior parte deles também inaugurada depois da criação. Estes empreendimentos contudo, são de pequeno porte e empregam somente a mão-de-obra familiar, não gerando assim emprego para outras pessoas da comunidade. Com isso, alguns dos entrevistados estão muito satisfeitos com a criação do parque e com a exploração do

turismo, enquanto outros se dizem bastante frustrados, pois esperavam também estar tendo algum ganho com isso e esta expectativa não se confirmou.

Nas entrevistas feitas nesta comunidade, apareceu a informação de que algumas pessoas têm interesse em explorar o turismo de algum modo, mas não sabem ao certo como fazê-lo por nunca ter trabalhado com prestação de serviços, por não ter auxílio para investir e por ter medo de que o investimento não dê retorno. Pôde-se notar que dos quatro empreendimentos existentes (dois pensões e dois cachoeiras), três foram abertos por pessoas que têm alguma relação mais estreita com a administração do parque: um das pensões é do mais antigo guarda-parque e a outra de seu irmão, e a cachoeira do Adão é de um agente de saúde que participou ativamente do estabelecimento e gestão do parque. Essa proximidade provavelmente permitiu a superação, através da aproximação às idéias de proteção da natureza e de ecoturismo – tão comuns no cotidiano da gestão do parque – de algumas das barreiras que encontram aqueles que gostariam de explorar o turismo mas não conseguem fazê-lo.

Nesta comunidade foi percebida também a diferença no contato com os turistas, entre aqueles entrevistados que vivem na vila de Bom Jesus do Madeira e aqueles que vivem “na roça”, em torno da vila. Dos que não moram “na rua”, como eles mesmos se referem aos moradores da vila, só tem contato com turistas aqueles que exploram a visitação de cachoeiras ou os que moram próximos a estes pontos. Há duas cachoeiras nas quais se explora o turismo, uma está aberta desde o ano 2000 e é mais conhecida – contando inclusive com algumas placas (patrocinadas por comerciantes de Viçosa) indicando sua direção, chama-se “cachoeira do Piu”. Nela o acesso não é cobrado, mas não se permite a entrada com bebidas, as quais são vendidas pelo proprietário (figura 8). Em seu depoimento, ele diz pretender aumentar sua estrutura para poder ganhar mais dinheiro com o turismo, que é atualmente uma atividade

secundária da fazenda, na qual se produz café e leite. Não soube estimar o número de pessoas recebidas em média, mas diz que aparece muita gente, principalmente nos feriados.



**Figura 8:** Placas da “Cachoeira do Piu”, com o patrocínio de empresas do município de Viçosa, de onde vem grande parte dos turistas. Fonte: pesquisa de campo.

A outra exploração se dá na “cachoeira do Adão” há cerca de um ano. Segundo depoimento do proprietário, que participou do processo de criação e do conselho consultivo do parque, ele foi um dos últimos a vir explorar o turismo e o fez depois que viu as pensões e bares abertos e as pessoas ganhando dinheiro em Bom Jesus do Madeira. Além da visitação, pela qual cobra R\$ 1,00, ele também oferece área para camping com banheiro (R\$ 5,00 por pessoa/dia), e vende bebidas e comidas aos turistas, mas não os proíbe de trazer de fora (figura 9). Também para ele esta é uma fonte secundária de renda. Sua principal ocupação é como agente de saúde do município, função que exerce desde a década de 1990, e antes disso trabalhava “na roça”.



**Figura 9:** Placa indicando a direção da “Cachoeira do Adão”, e área destinada à montagem das barracas de camping nesta cachoeira. Fonte: pesquisa de campo.

Assim como na Serra das Cabeças, em Bom Jesus do Madeira os entrevistados comentaram sobre o interesse dos mais jovens em estudar para conseguir um trabalho no parque ou com o turismo. Também foi relatado o interesse na compra de terras por pessoas vindas de outros municípios com o objetivo de estabelecer residências de fim de semana.

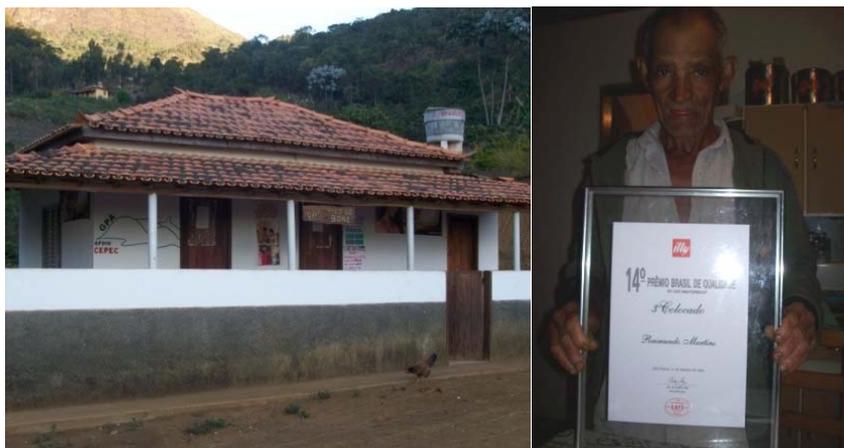
Na comunidade do Córrego do Boné, apesar de tratar-se de um local de difícil acesso, o turismo também está bem desenvolvido, pois é por ali que se consegue chegar ao Pico do Boné, um dos pontos turísticos mais visitados do parque. Segundo os entrevistados nesta comunidade, antes mesmo que o turismo fosse explorado, já vinham algumas pessoas para subir o pico e elas ficavam acampadas na beira do rio.

Ainda segundo estes relatos, em meados da década de 90, chegou à serra um engenheiro florestal e comprou uma área (no acesso ao pico, e com cachoeira) para a implantação de um camping, que funciona desde então e atualmente oferece também serviços de hospedagem e alimentação. O senhor que vendeu parte de sua área para este engenheiro florestal, a partir daí também começou a explorar a visitação da cachoeira vendendo bebidas aos turistas. Segundo este último, já no momento da venda o comprador lhe falou sobre a possibilidade de exploração do turismo e juntos fizeram com que a rede de energia elétrica chegasse até suas propriedades, que estão no entorno imediato do parque. O dinheiro da venda da terra serviu, algum tempo depois, para investir nos equipamentos necessários (*freezer*,

geladeira etc.) e para a construção do bar e de banheiros. O bar está funcionando, segundo ele, há cerca de quatro anos.

Atualmente ele é maior referência turística na comunidade, sendo conhecido por muita gente fora dali. Sua estrutura foi crescendo com a passar dos anos e conta hoje com área para camping, quartos, banheiros, o bar, e o serviço de almoço e jantar. Segundo informações cedidas pelo próprio, são recebidos em média 20 pessoas por final de semana, chegando a mais de cem pessoas nos feriados prolongados. De um tempo pra cá o proprietário também reserva vagas por telefone. Apesar de ter ampliado bastante sua infra-estrutura e os serviços oferecidos, toda a mão-de-obra empregada na gestão da exploração turística é familiar. Ocorre a contratação de mão-de-obra somente para a parte de construção.

Para este senhor a exploração turística ocorre lado a lado com a produção de café, principal atividade produtiva das propriedades nesta comunidade. Contudo, por estar vinculado a uma associação de produtores de cafés de alta qualidade há cerca de cinco anos, sua produção tem um valor mais alto e dispõe de algumas tecnologias de beneficiamento, as quais foram aprendidas no âmbito da associação, por meio de cursos com especialistas e excursões a propriedades que já as utilizam. Além do acesso à tecnologia ele tem também, com a produção deste tipo de café, acesso a mercados especializados de porte até mesmo internacional. Este senhor mesmo já obteve a terceira colocação num concurso de café de qualidade (figura 10). Também na exploração agrícola o trabalho é feito no âmbito da família, tendo seus filhos como meeiros, e só há contratação de pessoal na época de colheita.



**Figura 10:** Bar no “Camping do S. Dico” – comunidade do Córrego do Boné; e o próprio S. Dico exibindo o certificado de sua terceira colocação no concurso de café de qualidade. Fonte: pesquisa de campo.

O outro camping existente na comunidade, aberto pelo já citado engenheiro florestal, ao contrário do primeiro, gera alguns empregos para a comunidade, mas não são regulares. Os funcionários são pagos por dia e a demanda de trabalho varia de acordo com a chegada dos turistas. Apesar da pouca estabilidade deste trabalho, ele foi apontado nas entrevistas realizadas nesta comunidade como uma alternativa ao trabalho agrícola e que com isso há um pouco mais de dinheiro circulando por ali.

Além do camping, o comprador da terra fez também um loteamento para casas de final de semana e vendeu os lotes, segundo os relatos, para pessoas de Viçosa e Canaã. Alguns trabalhos foram gerados também a partir da implantação destas casas de pessoas “de fora”, que demandam serviços de limpeza, jardinagem e eventualmente de cozinha. Com isso há também pessoas trabalhando, na maior parte dos casos recebendo por dia, para os proprietários destas casas, e mais dinheiro circulando.

Quanto aos aspectos legais, a fiscalização e o controle promovidos pelo poder público, a situação é bastante semelhante nas quatro comunidades onde se realizaram as entrevistas. Em todas elas foi relatado um maior controle do poder público sobre o que se faz não apenas na área do parque mas também nas propriedades particulares. A proibição do corte de madeira e da realização de queimadas, sem obtenção de uma licença pra tal, é a principal novidade

apresentada pelos entrevistados. Como diz um dos entrevistados na comunidade da Serra das Cabeças, “essa coisa de lei, de ter que informar o que vai fazer na propriedade, só começou depois que veio ‘vigorar’ o parque.” A polícia florestal, que antes não aprecia com tanta frequência agora aparece bem mais, atrás de denúncias de desmatamento, queimada ou caça. A fala de um dos guarda-parque é bastante emblemática para a descrição do processo de modernização sócio-espacial em curso:

antes a coisa era mais ‘brutal’ mesmo, cada um fazia o que queria com a mata e que hoje sabe-se da necessidade de se ter uma licença. Como se diz, tem que padronizar o uso. (grifado aqui)

Os moradores de um modo geral reconhecem aspectos positivos e negativos desta exigência. Por um lado, o uso dos recursos é feito de modo mais racional e as matas e rios ficam mais conservados, além das informações sobre o que é permitido ou não estar bem difundida; por outro lado o processo para obtenção das licenças é burocrático e caro demais para os agricultores, e as proibições ignoram as necessidades de recursos dos mesmos. A obtenção das licenças, além do já citado, torna-se ainda mais complexa por que ela deve ser retirada na sede dos municípios de Carangola ou Ervália, ou seja, a uma distância considerável.

Outro dado levantado com as entrevistas foi o maior controle da circulação de pessoas pela área do parque e no entorno da serra. Este aumento foi citado nas quatro comunidades, mas ele foi maior naquelas pelas quais se pode chegar à sede do parque, ou seja, na Serra das Cabeças e em Bom Jesus do Madeira, onde estão instaladas as duas portarias, nas quais todos os que passam deixam seu registro de identificação e o do veículo, quando é o caso. Nestas duas comunidades era muito comum, no recorte temporal anterior, o roubo e a passagem com o fruto deste para o outro lado da serra. Com o controle de passagem, segundo os relatos dos entrevistados, esses roubos deixaram de acontecer. Soma-se às portarias do parque (figura

11), a maior presença da polícia militar nestas duas comunidades, garantindo-se assim a redução dos casos de violência relatados no período anterior à criação do PESB.



**Figura 11:** Portaria do PESB na estrada de acesso via comunidade da Serra das Cabeças, Araponga. Fonte: [www.flickr.com/photos/just\\_my\\_eyes](http://www.flickr.com/photos/just_my_eyes)

Os últimos aspectos abordados nas entrevistas foram aqueles relacionados à infraestrutura de transporte e comunicação e à circulação e presença de pessoas “de fora” das comunidades. Como dito acima sobre o desenvolvimento do turismo, este só não se deu ainda na Serra do Sapé, de modo que nas outras três houve significativo aumento da presença de turistas e pesquisadores e, conseqüentemente um aumento na circulação de carros de passeio e de caminhões de entregas, que indicam um aumento na circulação de produtos e na venda dos mesmos aos turistas. Contudo, apenas na Serra das Cabeças e em Bom Jesus do Madeira, os relatos apontam para uma melhoria significativa das estradas (uso de maquinário para aplainar).

Como citado também acima, em todas as quatro comunidades há relatos sobre pessoas “de fora” que compraram terras e ali estabeleceram residências de final de semana ou mesmo um empreendimento de exploração do turismo. Isto também se dá em menor grau na comunidade da Serra do Sapé do que nas outras três. Em relatos coletados na Serra das Cabeças e em Bom Jesus do Madeira, aparece como uma conseqüência do contato com gente “de fora”, a abertura de perspectivas pelo conhecimento de outros “estilos de vida” – o que é

considerado muito bom pelos que falaram sobre isso. Outra consequência deste contato é, segundo os relatos, a valorização do lugar pelos próprios moradores em função do valor que é dado pelos turistas, mas isto só foi falado em Bom Jesus do Madeira.

Uma vez expostas as informações acima, está apresentada a análise das transformações na relação estabelecida pelos moradores do entorno com a área atualmente ocupada pelo PESB em três períodos distintos, bem como algumas das relações sócio-espaciais que ali se desenrolaram e desenrolam, ao menos em parte, devido à função e ao significado que esta área tinha para a vida naquelas comunidades nestes períodos. Assim, procurou-se enfatizar, sobretudo para a etapa posterior à criação do parque, os aspectos indicadores do processo de modernização: em termos econômicos, a diversificação das atividades e a inserção em mercados cada vez mais amplos; em termos legais o aumento da presença do aparato de estado, dos mecanismos de fiscalização e de controle da circulação; e em termos de infra-estrutura e contatos sociais, a melhora das estradas, a maior presença de turistas e pesquisadores, além do contato com as idéias de preservação da natureza, de exploração do turismo ecológico, de desenvolvimento sustentável etc.

## 6 Ações institucionais no entorno do PESB

Uma das escalas escolhidas para a visualização do processo de modernização no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi a realização das entrevistas analisadas no capítulo anterior. Contudo, há outras possibilidades para a realização desta tarefa, o que significa dizer que este mesmo processo pode ser abordado a partir de outra escala de análise, um tanto menos localizada do que a escala das entrevistas. Assim, neste capítulo é feito um diálogo com uma dissertação e um estudo documental com o objetivo de demonstrar algumas das diversas ações – modernizantes, pois ampliam o escopo das relações sócio-espaciais no entorno da serra – promovidas por órgãos do poder público e de organizações da sociedade civil no entorno do PESB e, em grande medida, como consequência da criação da Unidade de Conservação.

São dois os textos aqui analisados:

- i. Uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Viçosa<sup>30</sup> no ano de 2002, que versa sobre os trabalhos de educação ambiental desenvolvidos no entorno do parque. Esse estudo nos parece válido por ser a educação ambiental um indicador de modernização, tendo-se em vista todo o processo de mudança de pensamento vivenciado pelos moradores do entorno, levando-os inevitavelmente a ampliar seu contato com um modo de racionalização científica sobre os recursos naturais e seu uso, e reduzindo portanto seu isolamento informacional.
- ii. Um plano territorial de desenvolvimento rural feito para o entorno do PESB no contexto da política pública levada a cabo pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT. Em poucas palavras, trata-se de uma política de estabelecimento de territórios – estes definidos sobretudo a partir de critérios identitários – para os quais são dirigidos

---

<sup>30</sup> Trata-se do trabalho de Cláudia de C. Mello, cujo título é: “Educação Ambiental no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro”. A referência completa ao trabalho encontra-se na bibliografia.

recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, e se estabelece uma gestão participativa (representantes do poder público e da sociedade civil organizada) dos recursos e das ações desenvolvidas no contexto desta política.

Este documento também é pertinente pois demonstra um grande movimento de integração das zonas rurais no entorno da serra do brigadeiro ao escopo das ações do Estado nacional, servindo, portanto, como mais um dado da modernização sócio-espacial em curso naquelas serras.

A partir de uma avaliação das ações levantadas nestes textos, pretende-se reforçar os argumentos favoráveis à idéia de que a criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, se não desencadeou esse processo de modernização, ao menos lhe deu um novo e poderoso impulso. As ações de educação profissional e ambiental, os investimentos em infra-estrutura de transportes e comunicações, o desenvolvimento de alternativas econômicas, e a criação de novas esferas de gestão (nas quais se incluem a sociedade civil organizada) não podem ser simplesmente ignorados quando se trata de um estudo como este.

### **6.1 O trabalho de educação ambiental no entorno do PESB**

É certo que há outros trabalhos de educação no entorno da Serra do Brigadeiro além daqueles que foram abordados na dissertação que analisamos a seguir, contudo, como o objetivo deste tópico não é uma listagem dos trabalhos de educação ambiental que ali se desenvolvem, e sim a visualização de que, muito em função da criação do PESB, há um esforço sendo feito no sentido de transformar a forma como os moradores do entorno da U.C. compreendem o meio natural e se relacionam com ele.

A própria dissertação analisada faz referência a uma série de organizações que atuam em projetos de educação ambiental no entorno do PESB – Universidade Estadual de Minas

Gerais – UEMG, Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental – CECO, a ONG Amigos de Iracambi – mas restringe sua análise à educação ambiental promovida pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF – MG, pela ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM, e pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa – DPE/UFV<sup>31</sup>. Assim, nos restringimos também aqui a estas três organizações e seguimos a mesma organização da referida dissertação para analisá-las, apresentando primeiro o trabalho de educação do IEF-MG, depois o do CTA-ZM e, por fim, o do DPE/UFV.

Antes de iniciar a análise da dissertação, cabe explicar que não entraremos no tortuoso debate sobre o que é fazer educação ambiental. Não se trata de considerar este debate desimportante, mas de manter-se focado naquilo que é o nosso objetivo. Adentrar esse tema aqui tomar-nos-ia tempo e energia excessivos, além de não modificar as ações já realizadas ou em realização no entorno do PESB, e de nos trazer poucos exemplos do processo de modernização sócio-espacial.

De acordo com Mello (2002), o trabalho de educação ambiental atualmente desenvolvido pelo IEF-MG no estado tem como público preferencial os professores da rede pública de ensino e os proprietários rurais, e sua atuação está focada nos municípios e regiões onde há Unidades de Conservação. No contexto específico do entorno do PESB, o IEF-MG passou a se fazer presente a partir de 1993, quando se iniciam os estudos necessários à criação do PESB e, no ano seguinte, designa um funcionário para trabalhar exclusivamente na região.

No período de 1995 a 2000, como ações do programa de educação ambiental desta instituição, “foram realizados quatro cursos de capacitação de professores estaduais e municipais nos municípios de Araponga e Fervedouro e um encontro de educação ambiental para professores, no município de Araponga.” (MELLO, 2002, p.77) Além destes eventos, a autora relata ainda a realização de campanhas de soltura de pássaros e um ciclo de palestras

---

<sup>31</sup> Nosso escopo temporal para a análise da educação ambiental no entorno da serra limita-se ao escopo temporal abordado na referida dissertação, que é a única fonte utilizada para tal.

nas escolas, bem como a educação ambiental “não-formal” feita pela orientação direta que os funcionários prestam às comunidades quando as visitam. Na avaliação da autora, o trabalho de educação ambiental do IEF-MG baseia-se no mesmo fundamento do que é, para esta instituição, a função de uma Unidade de Conservação, a qual estaria fundada “na percepção dicotômica entre homem e natureza” e cujo centro das preocupações é a conservação do meio natural.

As temáticas abordadas nos cursos de capacitação de professores – que parecem ser a principal atividade realizada – indicam-nos, não apenas o que diz Mello (2002) sobre a prioridade da ação educacional desta instituição, como também o caráter modernizante desta ação. Os principais temas são: o manejo de recursos hídricos, as técnicas de conservação do solo, proteção da fauna, manejo e proteção da flora, as queimadas e a destinação do lixo. Sabendo-se serem estes os temas tratados pode-se tranquilamente dizer que o desenvolvimento de uma racionalidade conservacionista (de base científica) se vai fortalecendo – em maior ou menor grau, de acordo com o sucesso dos trabalhos educacionais – nas comunidades do entorno do parque, sobretudo nos municípios de Araçuaia e Fervedouro, onde esses cursos foram realizados.

A segunda instituição analisada por Mello (2002) quanto à sua prática de educação ambiental no entorno do PESB é, como dito acima, o CTA-ZM, cuja atuação neste sentido iniciou-se a partir do ano de 1995. A presença do CTA-ZM no entorno da Serra do Brigadeiro, todavia, remonta à disputa pela redefinição dos limites da Unidade de Conservação<sup>32</sup> levada a cabo a partir do ano de 1993 em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR do município de Araçuaia.

Sua atuação é então, a partir de 1995, corporificada num programa visando à melhoria das condições de vida e de trabalho das comunidades do entorno do parque. Este programa

---

<sup>32</sup> O processo de criação e implantação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro está descrito com maior detalhamento no capítulo III.

denomina-se “Agricultura Sustentável e conservação da Mata Atlântica na Serra do Brigadeiro” e seu objetivo é, segundo relata um técnico desta organização:

Contribuir na conservação e preservação dos remanescentes de Mata Atlântica na micro-região da Serra do Brigadeiro, promovendo a participação social na implantação e gestão de U.C.s, bem como criando alternativas para o desenvolvimento sócio-econômico (...) que se baseiam na valorização desse ecossistema e no conhecimento da população local. (CTA-ZM, relatório narrativo, apud Mello, 2002, p.88)

A identificação dos problemas ambientais associados à prática cotidiana dos moradores é feita, no trabalho do CTA-ZM, por meio da realização de Diagnósticos Rurais Participativos – DRP’s ou mesmo pelo diálogo com lideranças sindicais e com os próprios agricultores, revelando assim o caráter mais participativo de sua proposta de educação ambiental, tanto na identificação dos problemas quanto na proposição das soluções.

O programa de agricultura sustentável e conservação da mata atlântica tem dois eixos de atuação: i) o programa de formação e capacitação de monitores e lideranças de base e também de técnicos no âmbito do desenvolvimento de experiências de uso sustentável dos recursos produtivos, e atua dentre os municípios do entorno da serra; e ii) o programa de articulação para a promoção do desenvolvimento rural sustentável, que busca a participação na formulação de políticas públicas capazes de viabilizar este projeto de desenvolvimento. Estes programas são realizados em âmbito regional e, dentre os municípios do entorno do PESB, nos de Araponga, Fervedouro, Miradouro e Muriaé. (MELLO, 2002)

Isso nos leva a pensar que, se por um lado esta prática educacional pode ser tida como “menos modernizante” do que a educação ambiental praticada pelo IEF-MG, pois valoriza o conhecimento popular frente ao conhecimento científico, por outro lado ela é bastante modernizante enquanto promotora da emergência da sociedade civil no cenário político.

Em 1997, a partir do que indicava um diagnóstico participativo recém realizado com as comunidades do entorno, o CTA-ZM, em parceria com o STR de Araponga, inicia o planejamento das atividades voltadas para o trabalho de educação ambiental junto a

professores, alunos e pais de alunos das escolas rurais no entorno da serra. Este trabalho iniciou-se em 1999 e foi realizado em parceria com o DPE/UFV e o IEF no distrito de Bom Jesus do Madeira, município de Fervedouro.

Também no ano de 1997, o CTA-ZM iniciou uma campanha intitulada “Em defesa da vida e do meio ambiente”, que se realizou por meio de reuniões com os moradores do entorno para discutir o desenvolvimento rural, e da distribuição de cartilhas sobre o uso do fogo, dos recursos hídricos, sobre a disposição do lixo e sobre o PESB. Esta campanha foi realizada não só pelo CTA-ZM, mas também pelo Pólo Regional da Federação Estadual dos Trabalhadores da Agricultura da Zona da Mata – FETAEMG/ZM, STR’s dos municípios do entorno e Comissão Pastoral da Terra – CPT.

A terceira e última instituição abordada por Mello (2002) é o DPE/UFV. Sua atuação no entorno da serra sempre se deu em parceria com o CTA-ZM. Em meados de 1994, alguns professores do DPE se interessam pelo trabalho do CTA-ZM no processo de criação do PESB e passaram a contribuir com esta organização.

Como desdobramentos desta parceria, houve a participação destes professores, dentre outros eventos, na organização do Estágio Interdisciplinar de Vivência - EIV<sup>33</sup>, nos anos de 1996 e 1997, realizado no entorno da Serra do Brigadeiro; no desenvolvimento de uma proposta de Escola Família Agrícola – EFA<sup>34</sup> na região; no diagnóstico participativo realizado também no ano de 1997; e na coordenação do Simpósio do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, realizado na UFV, no ano 2000. Ainda como parte da atuação deste departamento

---

<sup>33</sup> O estágio é uma proposta da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB e, no contexto da UFV, vem sendo desenvolvido por representantes desta federação, professores do DPE, representantes do CTA-ZM, e outros estudantes, desde o ano de 1996. Há outra referência ao EIV no primeiro capítulo.

<sup>34</sup> A Escola Família Agrícola (EFA) surgiu como resposta à problemática da educação rural francesa. Ela enfatiza a formação escolar a partir do regime seriado e regularizado junto às Secretarias Estaduais de Educação (SEE) possuindo também a formação técnica, onde se trabalha a Educação Profissional de Técnico em Agropecuária. As EFAs funcionam com base na pedagogia da alternância, onde os estudantes passam parte do mês internos na escola e a outra parte em casa aplicando os conhecimentos adquiridos.

há o desenvolvimento de dois projetos de pesquisa-ação<sup>35</sup> voltada para o levantamento da utilização e disponibilidade de recursos pedagógicos para a prática de educação ambiental nas escolas do entorno do PESB, estas pesquisas foram desenvolvidas nos anos de 1999, 2000 e 2001, em algumas comunidades dos municípios de Araponga e Fervedouro.

## **6.2 O Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra do Brigadeiro – PTDRS**

Se aqui tratamos do PTDRS da Serra do Brigadeiro, o fazemos porque em outubro de 2003 o Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável – CEDRS aprovou a criação de cinco territórios no estado de Minas Gerais, dentre os quais o Território da Serra do Brigadeiro. Como brevemente exposto no início deste capítulo, trata-se de uma política pública levada a cabo pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT, a qual funciona no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e tem por objetivo o

Combate e a eliminação da pobreza no meio rural através do fortalecimento da agricultura familiar, dos vínculos sociais, da garantia do acesso à terra associados a recuperação e preservação do meio ambiente. (MDA, 2007, p.11)

Sob responsabilidade desta secretaria está o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT, o qual estabelece territórios rurais para os quais se voltam ações visando o desenvolvimento sustentável. Para esta política pública o território é

um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo a cidade e o campo, caracterizado por critérios multidimensionais – tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições – e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial. (MDA, 2007, p.11)

---

<sup>35</sup> Trata-se, em linhas gerais, de pesquisa social concebida e realizada em associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo.

É importante dizer que o “território”, no âmbito desta política, é definido de maneira um tanto distinta daquela que está exposta no segundo capítulo desta dissertação. A meu ver, o conceito utilizado para embasar esta política está definido de modo por demais vago – talvez para abrigar a grande diversidade de “territórios” existentes num país grande como o nosso; e ao mesmo tempo muito específico posto que, ao enumerar as diversas características necessárias para que uma dada porção do espaço seja tida como tal, trata de um tipo muito particular de território. Uma porção do espaço não precisa reunir todos os traços enumerados para ser um território – tal como se o toma nesta pesquisa, mas para ser um território rural no âmbito do PRONAT, sim. Não cabe aqui a discussão sobre qual o conceito mais válido, mas tão somente a demarcação da diferença.

Na “abordagem territorial” proposta pela SDT, há conceitos centrais, os quais revelam algumas das intencionalidades das ações desenvolvidas. São estes os conceitos de: capital social, entendido como “conjunto de relações (pessoais, sociais, institucionais) que podem ser mobilizadas (...) visando a um determinado fim” (MDA, 2007, p.12); gestão social, entendida como atuação dos atores sociais de um dado território em todas as etapas do planejamento e implementação das ações de desenvolvimento; e institucionalidades, tomado como processo de formalização das estruturas públicas para viabilizar a gestão social. Assim, esta abordagem associa o desenvolvimento de uma democracia realmente participativa, na qual os agentes locais sejam capazes de se mobilizar em torno de um projeto próprio de desenvolvimento sustentável, à constituição destes territórios. (Disponível em: <[www.mda.gov.br/sit/territorio](http://www.mda.gov.br/sit/territorio)>, acesso em 19/02/2009.)

Segundo informações veiculadas na página eletrônica da SDT, o estabelecimento dos territórios rurais se justifica porque a escala municipal seria restrita demais para o tipo de ação

almejada, e a escala estadual ampla demais para contemplar a representação da heterogeneidade ali contida. No contexto desta abordagem

O território é a unidade que melhor dimensiona os laços de proximidade entre pessoas, grupos sociais e instituições que podem ser mobilizadas e convertidas em um trunfo crucial para o estabelecimento de iniciativas voltadas para o desenvolvimento. (Disponível em: <[www.mda.gov.br/sit/territorio](http://www.mda.gov.br/sit/territorio)>, acesso em 19/02/2009.)

O PRONAT é então desenvolvido, de acordo com a proposta do MDA, em três fases, sendo a primeira delas constituída pela formulação do PTDRS, a mobilização e capacitação dos atores sociais, os investimentos públicos em infra-estrutura, a formação de institucionalidades para a gestão social, a dinamização da economia e a formulação e implementação de projetos específicos. A segunda fase tem o foco na consolidação dos avanços conquistados na fase anterior, ou seja, no fortalecimento das institucionalidades, dos empreendimentos já realizados, da gestão social e da capacitação. A terceira e última fase tem por objetivo, uma vez superadas as etapas anteriores, a constituição de parceria externas, formação de redes e articulação internacional.

#### 6.2.1 - Processo de constituição do Território da Serra do Brigadeiro

A criação do Território da Serra do Brigadeiro tem seu princípio no mês de agosto de 2003, quando o CTA-ZM toma ciência da criação do PRONAT e, junto com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – EMATER-MG e a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, convoca os atores sociais do entorno do PESB para construir uma proposta de território, a qual é aprovada no mês de outubro deste mesmo ano, incluindo nove municípios. Oito deles localizados no entorno do PESB (Araponga, Divino, Ervália, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita e Sericita) e mais o município de Rosário de Limeira. (CTA-ZM, 2004)

Contudo, pode-se dizer que este processo iniciou-se antes, pois são diversas as passagens do PTDRS da Serra do Brigadeiro que fazem referência não só ao PESB, mas também a todo o processo de criação e delimitação do mesmo (no qual houve significativa participação dos moradores), para justificar o fortalecimento de um sentimento de pertencimento à região da Serra do Brigadeiro. Sendo o sentimento de pertencimento em relação a uma porção do espaço a característica primordial para a criação de um território no âmbito deste programa, não se pode negar o papel fundamental da criação do PESB para a inserção do entorno da serra neste profundo processo de modernização sócio-espacial.

No mesmo mês em que foi aprovada a criação do Território da Serra do Brigadeiro se iniciaram as ações para a constituição das instituições responsáveis pela administração territorial e para o planejamento do desenvolvimento rural. A primeira das ações foi a realização de uma oficina territorial para definição dos eixos do programa de desenvolvimento territorial rural. Foram definidos três eixos: os sistemas de produção agroecológicos, as cooperativas de crédito, e a educação profissional de jovens agricultores. (CTA-ZM, 2004)

No mês de março do ano seguinte (2004) houve uma reunião em Viçosa com representantes de todos os municípios do território para a definição de um cronograma de atividades e para a criação da Comissão de Implementação das Ações Territoriais – CIAT, colegiado formado por quatro representantes do poder público (EMATER-MG, EPAMIG, IEF-MG e Prefeitura Municipal de Araponga) e quatro representantes da sociedade civil (Pólo Regional da FETAEMG, CTA-ZM, Associação Regional dos Trabalhadores Rurais da Zona da Mata e do CMDRS de Ervália), e cuja atribuição consiste na mobilização da população, planificação, execução e monitoramento dos projetos, retro-alimentação do plano, e o controle dos recursos.

No mês de maio deste mesmo ano, realizou-se uma reunião em Fervedouro com quatro representantes de cada um dos municípios do território para encaminhar o processo de elaboração do PTDRS, definindo as equipes para a realização do diagnóstico do território e para a capacitação dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural – CMDR. O diagnóstico ficou a cargo do CTA-ZM e a capacitação dos conselhos a cargo da EMATER-MG e EPAMIG.

O diagnóstico foi realizado com cerca de 560 pessoas, dentre as quais incluídos representantes da sociedade civil organizada, moradores das comunidades do entorno do PESB e representantes do governo. A partir deste diagnóstico foram reelaborados os eixos do PTDRS, sendo eles agora os seguintes: preservação e recuperação do meio ambiente; turismo rural, fortalecimento da agricultura familiar diversificada; agroindústria familiar e artesanato; e cultura. Dentro de cada um destes eixos é que se desenvolvem as ações que apresentamos no item que se segue a este.

A elaboração do PTDRS contou então com as informações recolhidas neste diagnóstico e, além disto, com mais quatro etapas: a realização das oficinas municipais (nove, logicamente) para formação dos CMDRS; a realização de uma oficina territorial para conclusão do diagnóstico (realizada em Viçosa, no mês de setembro de 2004); e a realização de mais duas oficinas territoriais para a confecção do plano, realizadas nos meses de outubro de 2004 e abril de 2005, respectivamente. (CTA-ZM, 2004)

Assim sendo, o Território da Serra do Brigadeiro está na fase de conclusão da primeira das três etapas propostas pelo MDA para o desenvolvimento do PRONAT, já tendo implementado ações como a institucionalização da CIAT, a realização do diagnóstico, a mobilização e capacitação dos atores sociais, e a elaboração do PTDRS.

### 6.2.2 - Ações desenvolvidas no contexto do PRONAT na serra do brigadeiro

Neste item serão apresentadas as ações previstas no PTDRS da Serra do Brigadeiro, cada uma delas inserida num dos cinco eixos supracitados. Algumas delas, que tinham um grau de prioridade mais alto, já foram realizadas e estão em pleno funcionamento, as outras seguem aguardando o momento de se realizar. Grande parte do dinheiro utilizado vem da SDT (cerca de R\$ 1,5 milhão), mas sempre com uma contrapartida oferecida por alguma das organizações da sociedade civil ou do poder público, geralmente aquela apontada como executora do projeto.

Para o eixo de Preservação e Recuperação do Meio Ambiente foram previstas nove ações, e algumas delas não têm um caráter exclusivamente preservacionista, abrangendo também a educação ambiental e a gestão participativa dos órgãos e ações voltadas para a conservação do meio ambiente, sobretudo por meio da aproximação com o IEF-MG.

Como ações prioritárias foram apontadas a elaboração de um programa de educação ambiental abrangendo todo o território; e a mobilização das comunidades contra a exploração mineral no entorno do parque, que vem sendo pleiteada por diversas empresas em função das imensas reservas de bauxita ali existentes. Como ações de menor prioridade estão, em ordem decrescente: a elaboração de um plano de comunicação popular; a transição para o modelo agroecológico de produção; a evolução da base conservacionista do planejamento territorial; a gestão ambiental participativa; a preservação e recuperação das águas; a remuneração por serviços ambientais; e o saneamento.

No eixo do turismo rural, o objetivo maior é a exploração do potencial turístico da serra do brigadeiro, facilitando a circulação de recursos e gerando ocupações rentáveis para os moradores do entorno do PESB sem descaracterizar ou desrespeitar estas pessoas. A prioridade neste eixo foi dada à implantação de um plano de turismo e à capacitação dos moradores para receber os turistas (figura 12). Em seguida a intenção é de provê-los com informações sobre a origem e interesses dos turistas na região. Paralelamente, e como uma

ação que deve ser realizada permanentemente, aparece a melhoria das estradas e também da sinalização em todo o território, facilitando assim a circulação dos turistas e também de mercadorias para a venda. Esta função fica a cargo, sobretudo, das prefeituras municipais.



**Figura 12:** Curso de produção de plantas ornamentais destinadas para venda a turistas, promovido pela EPAMIG na comunidade da Serra do Sapé, município de Miradouro. Fonte: pesquisa de campo.

Já como ação de médio prazo estão listados no PTDRS: a captação de recursos para investir nas propriedades em que se pode explorar o turismo; o incentivo e promoção de discussões sobre as melhores formas de se explorar o turismo em cada município, reduzindo os possíveis impactos negativos do desenvolvimento desta atividade; e a construção de centros de informação turística. Como ação de longo prazo, o incentivo a eventos culturais envolvendo as comunidades do entorno do PESB.

O eixo de fortalecimento da agricultura familiar diversificada é o que reúne maior número de ações e busca, junto ao eixo apresentado logo acima, uma melhor qualidade de

vida, proporcionada pelo aumento na geração de renda (por meio da viabilização da comercialização e agregação de valor aos produtos), e pela formação de jovens voltados para a realidade da comunidade rural – esta feita sobretudo pelo fortalecimento de criação das Escolas Família Agrícola – EFAs. É também listada a necessidade de recuperação e manutenção das estradas, fundamentais para o escoamento dos produtos.

Neste eixo as ações imediatas são: a consolidação das EFAs; a promoção de intercâmbios entre agricultores agroecológicos; a capacitação dos agricultores em cooperativas de crédito; e a viabilização de um maquinário volante para o beneficiamento de café. Em curto prazo estão previstos um estudo de viabilidade econômica, produtiva e de consumo; a consolidação das infra-estruturas das cooperativas de crédito; viabilizar as estruturas de armazenamento de café orgânico; promover a devolução do PTDRS nos municípios; e adquirir os equipamentos para o galpão de armazenamento. Em médio prazo, por fim, estão previstos a viabilização do transporte dos alunos das EFAs; o treinamento dos professores destas mesmas escolas; e a viabilização da estrutura física dos pontos de venda em cada um dos municípios.

O eixo de cultura, que procura realizar o resgate cultural e a perpetuação das tradições do entorno da Serra do Brigadeiro, está organizado em três linhas temáticas: i) a linha de resgate cultural, a qual compreende as ações de diagnóstico, resgate e fortalecimento das manifestações culturais; ii) a linha das casas de cultura, que compreende as ações de implementação das infra-estruturas e a compra de equipamentos para viabilizar o funcionamento de espaços de estímulo às manifestações da cultura local (figura 13); e iii) a linha de divulgação da cultura local, que inclui a produção de um calendário das festas tradicionais e de *folders* e Fotos do território.



**Figura 13:** Placa de inauguração da casa de Cultura e a sede, no município de Araponga, ambos adquiridos no âmbito do PRONAT. Fonte: Heitor Levy Praça, 2008.

O último eixo – desenvolvimento da agroindústria familiar e da produção de artesanato – vem complementar o processo de dinamização da economia do território e também se divide em três linhas temáticas: diagnóstico, capacitação, e articulação com o mercado e comercialização. A primeira linha temática busca o levantamento de pessoas que já beneficiam seus produtos, receitas locais, artesanatos e matérias-primas que podem ser usados na agroindústria familiar; a segunda busca capacitar os agricultores tanto em termos técnicos quando jurídico-administrativos para que estes possam gerir as suas agroindústrias; e o último busca formas para que estes produtos possam acessar mercados externos ao Território da Serra do Brigadeiro.

### **6.3 Ações Institucionais: novos fluxos no entorno do PESB**

Os documentos analisados acima, bem como a exaustiva listagem de atividades realizadas no entorno do PESB desde a criação do parque e, em grande medida, em função de sua existência, são suficientes para demonstrar o processo de modernização sócio-espacial decorrente da criação de uma Unidade de Conservação. É deste recorte territorial visando à conservação do meio natural que vem a luz lançada sobre esta porção do espaço e que

desperta tantos interesses, seja da iniciativa privada, do poder público, ou da sociedade civil organizada em associações e organizações.

Assim, o entorno da Serra do Brigadeiro passou, a partir da criação do PESB, a estar inserido em circuitos de muito maior magnitude, ou seja, passou a estar conectado com lugares muito distantes, realizando a retirada da “atividade social dos contextos localizados, [e] reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias ‘tempo-espaciais.’” (GIDDENS, 1991, p.58). Esta ampliação do escopo das relações sociais acaba significando, por sua vez, maior circulação de informações, de pessoas e de dinheiro. A presença das diversas instituições citadas neste capítulo, bem como as ações desenvolvidas por elas no entorno do PESB, devem ser tomadas, para os fins almejados com esta pesquisa, como um movimento de reorganização das relações sócio-espaciais até então existentes.

Acredito que a apresentação das ações realizadas é suficiente para a visualização do aumento desses novos fluxos, mas para que se tenha uma melhor noção da magnitude desta ampliação do escopo das relações sócio-espaciais, cabe um último comentário sobre os financiadores destas ações. Assim, está visto que estas relações saem de uma escala deveras local para a escala regional, quando passa a ter uma Unidade de Conservação estadual e, por conseguinte, instituições do governo do estado de MG ali ocupadas, e turistas vindos de diversas partes. A escala nacional é também alcançada, por exemplo, pela inserção do entorno do PESB no PRONAT, que embora tenha uma preocupação com as especificidades de cada um dos Territórios formados, está diretamente vinculado a uma secretaria ministerial com sede na capital federal e recursos daí oriundos.

Mas podemos ainda vislumbrar a inserção numa escala mundial, se levarmos em conta, entre outros, os financiamentos dos trabalhos do CTA-ZM, que contam com o apoio de organizações internacionais como a Associação Evangélica de Cooperação e Desenvolvimento – EED (sediada na Holanda), Action Aid Brasil – AABrasil, e a Fundação

Ford. Temos também como exemplo dessa articulação de escopo mundial a parceria entre o IEF-MG e a GTZ (*Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit GmbH*) - Cooperação Técnica Alemã, empresa pública de direito privado, que funciona por meio do apoio a iniciativas inovadoras de desenvolvimento, empreendidas por instituições e organizações brasileiras. Demonstra-se, com isso, que há organizações internacionais interessadas, de algum modo, e investindo consideráveis somas em dinheiro no entorno do PESB.

## 7 Considerações Finais

Depois de decorridas tantas páginas repletas de dados e imagens sobre a Zona da Mata de Minas Gerais, a Serra do Brigadeiro e a criação e implantação do PESB, podemos, se não devemos, retomando a linha-mestra de nosso percurso e apontando os principais encadeamentos de idéias que dela derivam, concluir este trabalho com considerações sobre o processo de modernização em curso naquelas serras e, indo além, sobre a criação de U.C.s e o desencadeamento de processos de modernização de um modo geral.

Trata-se pois do processo decorrente do reordenamento espacial (no contexto daquelas serras) pela criação de um território de proteção da natureza que é não apenas um enclave da conservação onde antes não havia, mas sobretudo um enclave do próprio poder público, que não se fizera ali presente como o faz desde a criação do referido território – num sentido mais concreto delimitado pelas fronteiras da área de proteção e pelo estabelecimento de sua zona de amortecimento, e num sentido mais simbólico como territorialização, ou seja, pela influencia de seu conjunto de normas nas relações sócio-espaciais dentre e fora da área do parque.

Reproduzimos, pela sua congruência com a dissertação aqui defendida, uma passagem de Favareto (2006), tratando da regulação dos espaços naturais como um dos mais relevantes aspectos do processo de regulamentação da vida rural:

A dimensão crescente da regulação dos espaços naturais pode ser mensurada no subtítulo de um instigante livro de Bernard Hervieu – *Le retour à la nature: au fond de la forêt... l'État*. Isto é, mesmo ali, onde o mundo natural parece estar mais longe da interferência das instituições é impossível escapar às regras e convenções. (FAVARETO, 2006, p.35)

No caso em questão, contudo, não se pode dizer que a criação do PESB tenha iniciado o processo de modernização sócio-espacial das comunidades do entorno da Serra do Brigadeiro que, como vimos, tem um marco importante no período em que a Cia. Belgo-Mineira retirava da mata atlântica do alto da serra, a madeira para alimentar seus altos-fornos.

Como apontaram as entrevistas, neste período, os moradores do entorno estavam, em grande parte, trabalhando para a Belgo-Mineira, a qual trouxe também para a serra a melhoria das estradas e uma série de novidades (tais como os caminhões e o teleférico). Ainda de acordo com os relatos, nas comunidades onde se tinha contato com a Cia., a atividade agropecuária tornou-se bastante secundária, sendo a maior parte do sustento das famílias oriundo dos salários pagos pela empresa. Não se deve esquecer, nesta listagem, da relação estabelecida com a área, da qual se fazia a retirada sistemática do recurso natural para o uso industrial. Assim, não se pode dizer que a chegada da Belgo-Mineira, não tenha desencadeado um processo de modernização das relações no entorno da serra, retirando-as, ao menos em certa medida, dos limites relativamente estreitos da vida comunitária camponesa, fenômeno ainda mais evidente se atentarmos aos aspectos econômicos.

Porém, a retirada de madeira era tão intensa que a atividade foi embargada e a Belgo-Mineira retirou-se dali no final dos anos 60, quando a área onde se explorava a vegetação nativa fica livre da ação sistemática e voltada para fins comerciais, e a mata atlântica volta a se regenerar. Como verificado através das entrevistas, neste período houve o retorno à atividade agro-pecuária, a deterioração de parte significativa da infra-estrutura de transportes construída pela Cia. e um grande êxodo daqueles que não possuíam terras. Com isso, pode-se verificar uma retração no processo supracitado de inserção da zona rural do entorno da serra em relações sócio-espaciais mais amplas.

Com isso, o embargo à atividade da Belgo-Mineira, embora tenha significado uma retração do processo de modernização, se levarmos em conta a motivação do mesmo (a preocupação com a conservação da paisagem natural e em especial da mata atlântica), podemos considerar que esta ação não veio para solapar completamente o processo de modernização, mas refazê-lo a partir de outros parâmetros, os quais se tornam mais explícitos quando, no final da década de 1980, é aprovada a criação do PESB.

Recorremos mais uma vez às palavras de Favareto (2006), pois elas são bastante explicativas quanto a isto que chamamos de reformulação do processo de modernização. Diz o autor sobre o processo contemporâneo de racionalização da vida rural, que este tem suas bases, em termos materiais,

na ascendência de interesses compatíveis com as ações de conservação ambiental, seja pelas perdas geradas com o desgaste dos recursos naturais que afetam tantas empresas, países e regiões, seja pela introdução de especialidades econômicas e intelectuais relativas a tais esforços ou ao aproveitamento destas amenidades naturais como negócio ou como conforto material. (FAVARETO, 2006, p. 27)

Assim, a criação do parque não origina o processo de modernização sócio-espacial do meio rural no que é hoje a sua área e entorno, mas dá um novo e poderoso impulso a este processo. Novo não apenas em função de ocorrer em momento posterior a outro, mas por constituir-se a partir de outros parâmetros, que não somente a modernização do processo de produção agrícola.

Depois da criação e implantação do PESB, há indícios de um maior impulso no sentido da retirada da “atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias ‘tempo-espaciais.’” (GIDDENS, 1991, p.58). Diversos dos limites (geográficos e sociais) da vida social na comunidade camponesa são transpostos com as mudanças desencadeadas pela implantação do parque e, assim sendo, estas mudanças carregam consigo o “novo conteúdo”, da racionalização da vida rural de que fala Favareto (2006), ou seja, a preocupação com a conservação da natureza e os possíveis ganhos a isso associados.

Como para os períodos anteriores, no recorte temporal posterior à criação do PESB, atentamos aos aspectos econômicos, às questões legais e à infra-estrutura e circulação de gente “de fora”, para evidenciar esta retirada da atividade social dos contextos localizados. Verificou-se então a partir das entrevistas realizadas, em termos econômicos, uma ampliação das possibilidades de trabalho nas comunidades apresentando-se então como alternativas à

produção agropecuária o emprego no parque (guarda-parque, porteiro, faxineiro, técnico administrativo, e mesmo o trabalho temporário na instalação da infra-estrutura), a exploração turística ou o emprego em empreendimentos deste tipo, e o trabalho como empregado doméstico ou jardineiro nas casas de fim-de-semana construídas.

Em termos legais, verificou-se um maior controle e fiscalização por parte do poder público em relação tanto às práticas produtivas e extrativas (retirada de madeira da mata e caça de animais), quanto à questão da criminalidade que, segundo os relatos, no período anterior à criação do parque, era bem maior. Com isso, há a exigência de licenças para a realização de atividades como o uso de queimadas e o corte de árvores (fora da área do parque), o controle da passagem pelo alto da serra (em função da instalação das portarias do parque), e a maior circulação da polícia (florestal e militar).

Por fim, em termos de infra-estrutura e circulação de pessoas, também se verificou um aumento. As estradas que levam à sede do parque e outros pontos turísticos, embora ainda não-pavimentadas, tiveram considerável melhora e a circulação de veículos pelas mesmas multiplicou-se várias vezes, sendo ela tanto de turistas (inclusive vindos de outros países) e pesquisadores quanto de funcionários públicos. Além desta há os loteamentos feitos para a venda a pessoas de outros municípios. Da maior presença destas pessoas se desdobram a maior circulação de dinheiro e mesmo de informação. Como diz um de nossos entrevistados, jovem da comunidade da Serra do Sapé, sobre o acesso a outros modos de pensar a partir do contato com as pessoas “de fora”: “parecia que o mundo era só isso aqui mesmo e hoje a gente vê que tem muita coisa, porque quando você vai conhecendo as pessoas você conhece novos rumos”.

Além dos dados oriundos da percepção dos moradores do entorno da serra, que apontam para o processo de modernização, há também, como visto a profusão de instituições, tanto do poder público quanto do terceiro setor, trabalhando com a temática da educação

ambiental, com o desenvolvimento do ecoturismo, e com outros projetos de desenvolvimento rural. As ações destas instituições acabam então, de um modo ou de outro, por reforçar os fluxos de informação, pessoas e dinheiro no entorno da serra, chegando por vezes a incluir fontes de financiamento de âmbito nacional e internacional. Destaca-se neste sentido a inclusão do entorno do PESB na política de desenvolvimento territorial rural desenvolvida pelo MDA, através da criação do “Território da Serra do Brigadeiro” e da produção do Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável da Serra do Brigadeiro, analisado no quinto capítulo.

Estando claro que este processo de modernização se está desenrolando, é necessário apontar para algumas características deste desenrolar. A principal delas é sua não-homogeneidade, ou seja, a modernização não se dá ao mesmo tempo, nem tampouco com a mesma intensidade nas comunidades do entorno do parque. Esta característica, aliás, já se podia observar na modernização desencadeada pela Belgo-Mineira cerca de meio século antes, quando aquelas comunidades localizadas no acesso e outras comunidades próximas à área onde ocorria a exploração foram muito mais influenciadas pelas conseqüências da presença da Cia., do que as comunidades mais afastadas.

No caso da criação do PESB, os pontos onde se concentram as ações de modernização são aqueles pelos quais se tem acesso à sede do PESB (comunidades da Serra das Cabeças e de Bom Jesus do Madeira) ou a algum dos pontos turísticos, tal como o Pico do Boné (comunidade do Córrego do Boné). Nas comunidades do entorno que não se encaixam nestes aspectos o processo de modernização também se está desenrolando, mas num ritmo um tanto mais lento e, portanto, ainda sem tantas das conseqüências evidentes nas comunidades mais próximas aos “pontos-chave”.

Foi notado também que para a escala da relação entre as pessoas residentes em cada um das comunidades e a administração do parque, turistas e pesquisadores, se reproduz esta

condição de proximidade/distanciamento dos “pontos-chave”. Ou seja, no interior de cada uma das comunidades, mesmo daquelas mais afastadas (representadas no estudo pela comunidade da Serra do Sapé), há uma grande diferença na vivência do processo de modernização – e no aproveitamento ou não das oportunidades que ele oferece – entre aqueles que de alguma forma participaram do processo de criação, implantação e gestão do parque (seja como representante da sociedade civil, seja como funcionário) e aqueles moradores que não o fizeram.

Nota-se ainda sobre estes moradores mais acercados da administração e das explorações turísticas, o fato de que estes exercem, em certa medida, um papel de difusores destas inovações no âmbito das relações estabelecidas com outros moradores de suas comunidades, fazendo-nos inevitavelmente lembrar o papel de “mediadores” das relações entre as comunidades camponesas e a sociedade englobante exercido tradicionalmente, de acordo com a literatura teórica sobre o tema, pelos os grandes fazendeiros e líderes religiosos.

São informações como esta, referentes à maior facilidade de uns do que de outros na vivência do processo de modernização, que nos fazem pensar que o processo participativo de criação de unidades de conservação, como foi o do PESB, faz com que a modernização sócio-espacial se dê de modo ainda mais intenso e consistente do que nos casos onde a participação não ocorre. Nestes últimos a proximidade entre a administração e as populações de entorno é, sem sombra de dúvida, menor e menos aberta ao diálogo, fazendo com que a absorção do novo regime de normas seja mais difícil.

Com isso, devemos também colocar aqui a existência, dentre os moradores das comunidades visitadas, tanto daqueles que estão muito satisfeitos com as mudanças trazidas pela criação do parque (sobretudo os que estão ganhando dinheiro com o turismo ou com os empregos gerados na U.C.), quanto daqueles que estão bastante insatisfeitos, seja por não ter condições de se beneficiar das oportunidades geradas, seja por conta do aumento do controle e

da burocratização de muitas de suas atividades cotidianas. Há ainda entre os entrevistados, como era de se esperar, aqueles que se dizem satisfeitos com algumas das mudanças e insatisfeitos com outras.

Parece-nos então conveniente ressaltar o caráter naturalmente contraditório do processo de modernização que, se por um lado gera oportunidades de crescimento econômico e de desenvolvimento social, também da margem à intensificação das desigualdades e da exploração do homem pelo homem. Haesbaert (1997) é bastante explicativo quanto a esta divergência:

Podemos identificar então pelo menos dois sentidos com que pode ser lida a modernização: um envolvido no caráter conservador e/ou autoritário do capitalismo, outro de natureza progressista ou mesmo revolucionária, na medida em que as mudanças sociais desencadeadas pela modernização poderiam levar a uma sociedade mais democrática e igualitária. (HAESBAERT, 1997, p.108)

Este caráter contraditório está bastante evidente no desenvolvimento em curso nas comunidades estudadas, e mais intensamente naquelas em que há uma maior proximidade com a administração e com os turistas, pela disparidade tanto entre aqueles que se aproveitam desta proximidade e aqueles que não, quanto entre as pessoas vindas de fora para a exploração ou para a prática do turismo e aquelas nascidas e criadas nas comunidades.

Certamente o processo participativo dá mais condições de que as comunidades do entorno se beneficiem da criação de áreas de proteção da natureza abertas à visitação pública, mas mesmo assim verifica-se, quando esta criação se dá numa zona rural de população predominantemente camponesa, uma série de dificuldades, por parte destas populações, de aproveitar das oportunidades geradas e de negociar melhores condições diante dos constrangimentos trazidos ao seu dia-a-dia.

Assim, se com este estudo podemos contribuir de algum modo para o aprimoramento da política de criação e implantação de áreas de proteção da natureza, é por mostrar que a criação destas áreas tem implicações para muito além da conservação da natureza, e dos

limites territoriais da U.C., significando o reordenamento espacial de uma determinada área e, portanto, exigindo uma série de adaptações em relação às relações sócio-espaciais que ali vigoravam anteriormente. Para o caso da criação de U.C. em cujo entorno se encontram populações de modo de vida predominantemente rurais, podemos também dizer que, para que este reordenamento espacial não predomine por seu caráter perverso, é necessário um trabalho de conscientização acerca dos processos em curso, de formação educacional e política, e de empoderamento destas populações, para que elas tenham condições de se inserir no processo de modernização com possibilidades de melhorar suas condições de vida.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, W. Cultura Puri e educação popular em Araponga, MG: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente. 234f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, RS, 2005.

BERMAN, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia. das Letras, 1982.

BICALHO, A. M. S. M. . Comunidade, Planejamento Rural e Geografia. Revista da Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, v. 3, 1999.

BONFIM, V. R. Conflitos, Participação e Lições aprendidas no processo de criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. 166f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2006.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 n. 1 (3), janeiro – julho/2005, p. 68-80. Disponível em <<http://www.emtese.ufsc.br>>

BRASIL. Lei nº 9.985, 18 jul. 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. In: Estudos: Sociedade e Agricultura, nº 11, outubro de 1998. p. 53-75.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A.C. (org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2 ed. São Paulo: ANNABLUME, 2000. p. 165-182.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA (CTA-ZM). Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Território da Serra do Brigadeiro – MG. Viçosa: CTA-ZM, 2004. 80p.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. In: GEOgraphia. Niterói: EdUFF. n. 2, 1999. p. 7-26

COLCHESTER, M. “Resgatando a natureza: comunidades tradicionais e áreas protegidas”. In DIEGUES, A.C. (org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

COUTO, E.A.; DIETZ, J.M. Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro. Viçosa: UFV, 1980. 27p (mimeografado)

DEAN, W. A ferro e fogo: A história da devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 108-227.

DIEGUES, A.C. O Mito Moderno da Natureza Intocada. 3ª Edição. São Paulo: Hucitec, USP, 2001.

DINIZ, A. M. A.; BATELLA, W. B. O Estado de Minas Gerais e suas Regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. In: Sociedade & Natureza, número 17, dezembro de 2005. pp. 59-77.

FAVARETO, A. A racionalização da vida rural. In: Estudos: Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, abril de 2006, pp. 9-48.

FOSTER, G. What is a peasant? In: POTTER, J.M. et al. Peasant Society: a reader. Boston, Little Brown, 1967, pp. 2-14.

FRÉMONT, A.; et al. Geographie Sociale. Paris: Ed. Masson, 1984. pp.250-272

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LCT. 1989 (1973).

GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.19-98, 133-141

\_\_\_\_\_. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste. Niterói: Ed. UFF, 1997, p. 31-44, 106-156.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HOEFLE, S.W. Cultura na história do pensamento científico. Revista da Pós-Graduação em Geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, N° 2, 1998. p. 6-29.

HUNTER, G. Modernizing peasant societies. London: Oxford University Press, 1969. p. 3-30.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS (IEF- MG). Portaria n° 021, 17 fev. 2004. Dispõe sobre a implantação do Conselho Consultivo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Disponível em <<http://www.ief.mg.gov.br>>.

\_\_\_\_\_. Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: diagnóstico do parque. Encarte 1. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2007.

KITCHIN, R.; TATE, N. J. Conducting Research in Human Geography: theory, methodology and practice. London: Prentice Hall, 2000. pp. 211-256.

LONG, N. An introduction to the sociology of rural development. London: Tavistok Publications, 1977. p. 9-40.

MELLO, C. de C. Educação Ambiental no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Minas Gerais. 127f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2002

MILLER, K. R. Evolução do conceito de áreas de proteção – oportunidades para o século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 1997, Curitiba. Anais... Curitiba: 1997. p. 3-21.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). Estudo Propositivo para Dinamização Econômica do Território Rural da Serra do Brigadeiro. Brasília - DF, 2007. Disponível em <<http://www.mda.gov.br/sit/territorio>>

PIMBERT, M.P.; PRETTY, J.N. Parques, Comunidades e Profissionais: incluindo “participação” no manejo de áreas protegidas. In: Etnoconservação: .... 2 ed. São Paulo: ANNABLUME, 2000. p.183-223.

PRADO JUNIOR, C. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.

PRAÇA, H.L.F. Para além da conservação - um estudo sobre a territorialização e a criação dos parques Nacional do Itatiaia e Estadual da Serra do Brigadeiro. 47f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2006.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. Le sol, la société et l'état. In: L'année sociologique, No 3. 1898-99. p. 1-14.

REDFIELD, R. Peasant Society and Culture. In: The Little Community and Peasant Society and Culture. Chicago, The University of Chicago Press, 1965. pp. 40-79.

SACK, R. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SENNA, N. de. Principaes povos selvagens que tiveram seo "habitat" em território das Minas Geraes. In: Revista do Arquivo Público Mineiro, ano XXV, Volume 1, Julho de 1937. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1938.

SCHECH, S.; HAGGIS, J. Culture and development. London: Blackwell Publishing, 2000. p. 1-29.

SIMPÓSIO [SOBRE] CONTRIBUIÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO. Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e Entorno: Anais..., Viçosa, 10 a 14 de julho de 2000. Viçosa: UFV, 2000. 141p.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. N.; GOMES, P. C. C.; CORREIA, R. L. (orgs.). Geografia conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 7ª Edição, p. 77-116.

VALLEJO, L. R. Unidades de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. In: GEOgraphia. Niterói: EdUFF. n. 8, 2002

VALVERDE, O. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. In: Revista Brasileira de Geografia, ano XX, número 1, janeiro-março de 1958. pp. 3-82

TYLOR, E. The Science of Culture. In: Primitive Culture. New York: Cooper Square. 1970 (1871).

WANDERLEY, M. de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In: Estudos: Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, nº 15, outubro de 2000. p. 89-134.

WEST, P. et alli. Parks and Peoples: the social impact of protected areas. In: Annual Review of Anthropology. California: Annual Reviews, vol.35, 2006. p.251-277.

**Sites consultados :**

[www.asminasgerais.com.br](http://www.asminasgerais.com.br)

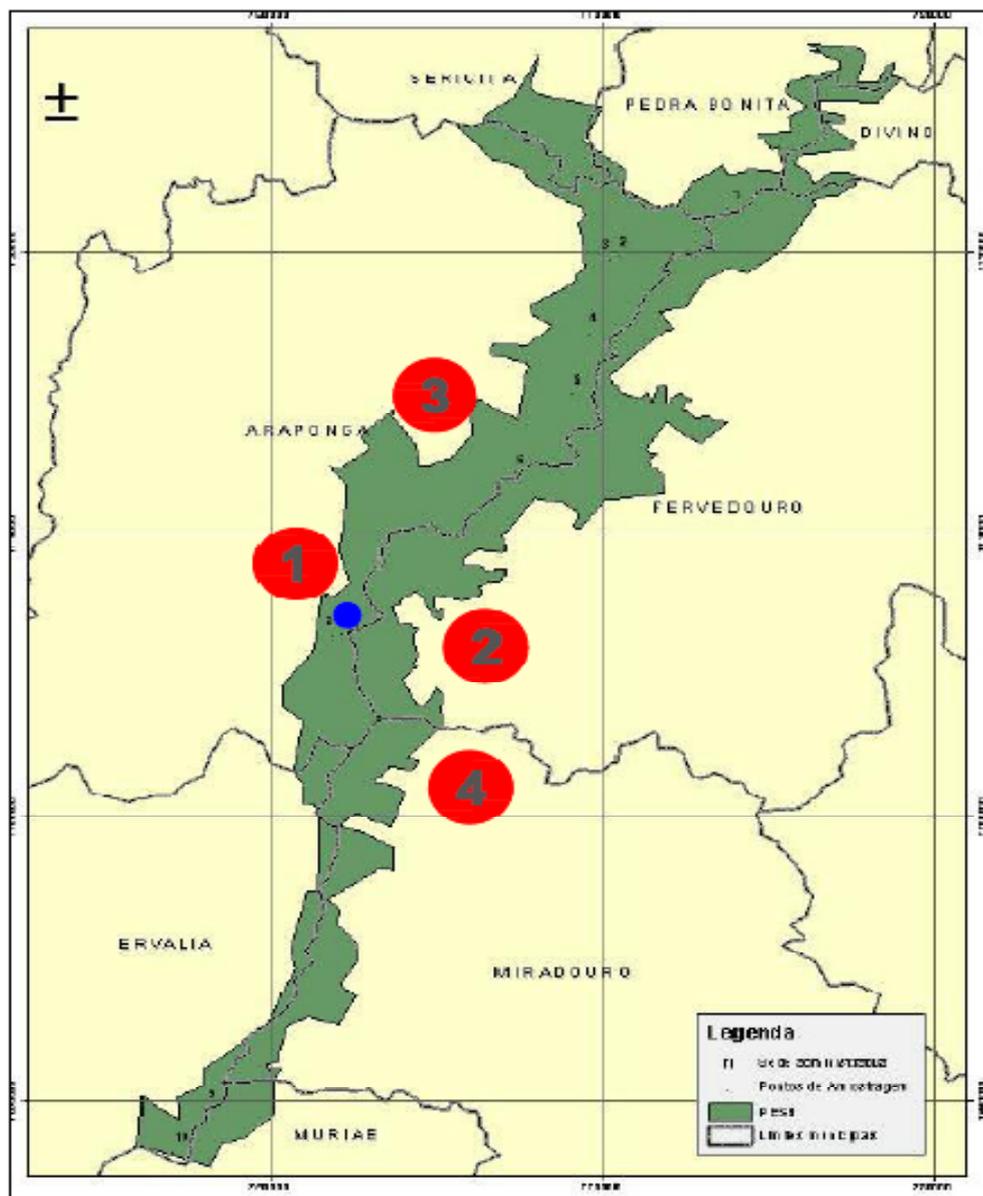
[www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br)

[www.flickr.com/photos/just\\_my\\_eyes](http://www.flickr.com/photos/just_my_eyes).

[www.mda.gov.br/sit/territorio](http://www.mda.gov.br/sit/territorio)

[www.pousadaserradagua.com.br](http://www.pousadaserradagua.com.br)

**ANEXO 1 – FIGURA COM LOCALIZAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS COMUNIDADES ESTUDADAS EM RELAÇÃO À ÁREA DO PESB (POLÍGONO VERDE-ESCURO) E À SEDE DO PARQUE.**



Legenda:

- Sede do PESB
- 1 Comunidade da Serra das Cabeças
- 2 Comunidade de Bom Jesus do Madeira
- 3 Comunidade do Córrego do Boné
- 4 Comunidade da Serra do Sapé

## ANEXO 2: ROTEIRO BÁSICO PARA ENTREVISTA COM MORADORES DO ENTORNO DO PESB

### Primeira parte: Caracterização do entrevistado

#### Questionário Socioeconômico

Nome:

Sítio/Fazenda:

Local/Município:

Tempo de Residência no local:

Atividade Profissional:

Condição do Produtor: ( ) meeiro ( ) diarista ( ) proprietário

Área:

Lavoura \_\_\_\_\_%    Pasto \_\_\_\_\_%    Capoeira \_\_\_\_\_%    Mata \_\_\_\_\_%

Produção: (quanto produz?)

( ) milho    ( ) feijão    ( ) arroz    ( ) cana-de-açúcar    ( ) mandioca  
 ( ) hortaliças    ( ) gado de corte    ( ) gado de leite    ( ) porcos  
 ( ) galinhas    ( ) madeira    ( ) café    ( ) outros: \_\_\_\_\_

Uso de insumos (fertilizantes, defensivos, maquinário) e sua frequência:

\_\_\_\_\_

Destino:

( ) consumo ( ) comercialização ( ) consumo e comercialização - para onde?  
 \_\_\_\_\_ Qual a porcentagem comercializada \_\_\_\_\_?

Funcionários (número e período de contratação):

Familiares:

Membros	Idade	Sexo	Escolaridade	Atividade
Sr.		M		
Esposa		F		
Filho 1				
2				
3				
4				
5				
Outro _____				

Equipamentos Domésticos (possui? desde quando?):

( ) televisão    ( ) antena parabólica    ( ) rádio/som    ( ) geladeira    ( ) fogão

( ) dvd ( ) lava-roupa ( ) computador ( ) outros: \_\_\_\_\_

Local, frequência e tempo de viagem para:

Compras: \_\_\_\_\_

Posto de Saúde: \_\_\_\_\_

Serviços Bancários: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Visitas: \_\_\_\_\_

Igreja: \_\_\_\_\_

Sindicato/Partido: \_\_\_\_\_

Locomoção:

( ) coletivo ( ) carro ( ) moto ( ) charrete ( ) bicicleta

( ) outro: \_\_\_\_\_

Residência(s) Anterior(es)(local e período):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Razão(ões) da(s) Mudança(s):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Segunda parte: Caracterização da relação do entrevistado com o parque e pessoas relativas a ou atraídas por ele.**

a) Qual era a relação com a área no tempo da Belgo?

b) Qual era a relação com a área depois da Belgo e antes do parque?

c) Qual a relação que você tem com o parque e sua área?

- Visita o parque? Quando? Pra quê?
- Participa ou participou da criação, implantação, gestão do PESB? Como é/foi?
- Presta algum tipo de serviço? Qual? Quando?

Você conhece ou encontra/encontrou com pessoas que trabalham no parque? Quando? Para quê? (IEF, Polícia Floresta, etc)

Quem são as pessoas que vem de fora por causa do parque? Você tem algum contato com essas pessoas? Qual? (quando encontra? Onde encontra? Para quê?)

**Terceira parte: Identificação de mudanças/transformações na vida do entrevistado (esfera econômica, política e simbólica) atribuídas ao parque.**

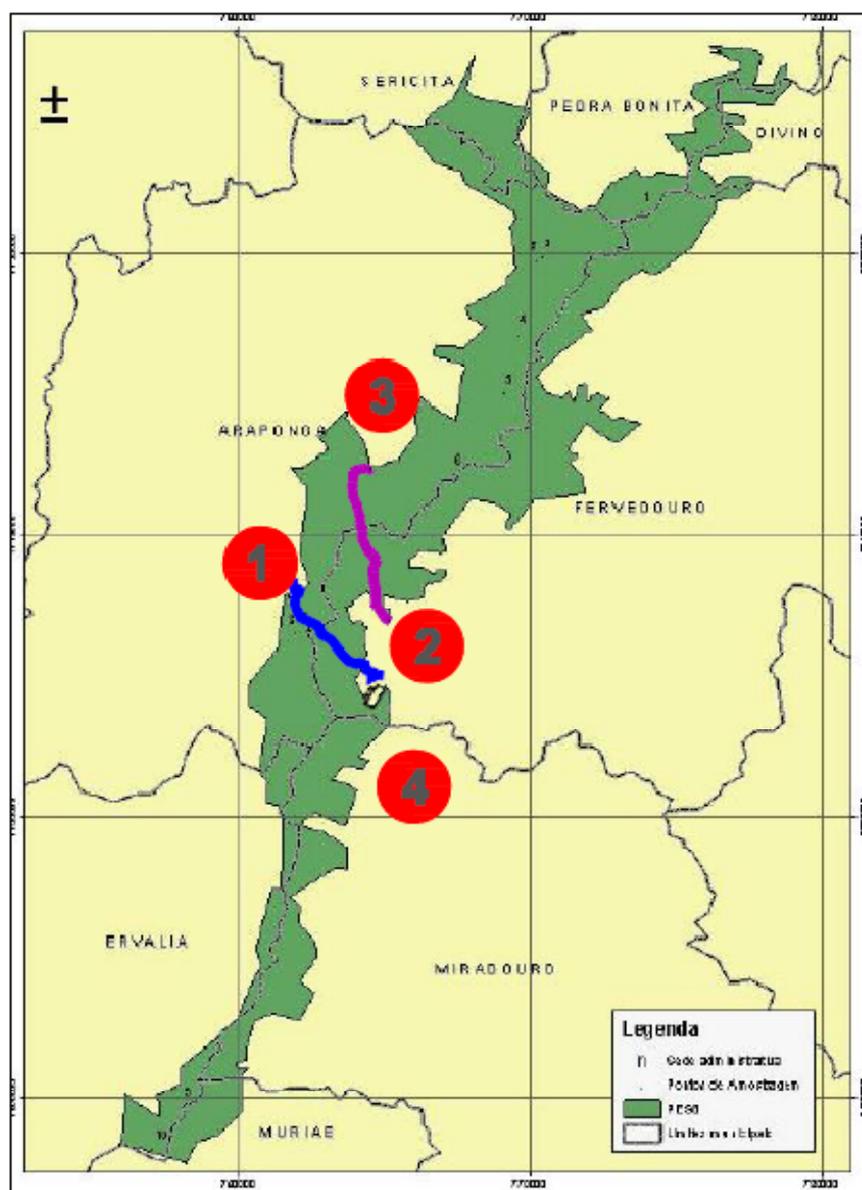
O que é que mudou na sua comunidade depois da implantação do parque ou em decorrência dele?

- Economia : trabalho / ocupação / fonte de renda; consumo
- Política: participação na gestão do parque; inserção em algum tipo de organização política
- Simbólica: aprendeu alguma coisa com o parque? Mudou o jeito de pensar sobre alguma coisa?

Como era a sua vida e a vida na sua comunidade?

No tempo da Belgo	Depois da Belgo e Antes do PESB	Depois do PESB

**ANEXO 3: FIGURA ESQUEMÁTICA COM AS ESTRADAS QUE CRUZAM PELO ALTO DA SERRA NOS DIFERENTES RECORTES TEMPORAIS.**



**Legenda:**

- ① Comunidade da Serra das Cabeças
- ② Comunidade de Bom Jesus do Madeira
- ③ Comunidade do Córrego do Boné
- ④ Comunidade da Serra do Sapé

▬ Estrada utilizada na época da Cia. Belgo-Mineira

▬ Estrada utilizada nos dias atuais